

**IV CICLO INTERNACIONAL RESILIÊNCIA E CULTURA:
histórias de vida, subjetividade e cuidado**

PROGRAMA E RESUMOS



**09 a 13 de abril de 2012
Rio de Janeiro - Brasil
Salvador - Bahia - Brasil**



Universidade do Estado da Bahia

Lourivaldo Valentim da Silva

Reitor

Adriana Marmori

Vice-Reitora

José Cláudio Rocha

Pró-Reitor de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação

Adriana Marmori

Pró-Reitora de Extensão

Marcelo Duarte Dantas de Ávila

Pró-Reitoria de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas

Luiz Paulo Almeida Neiva

Pró-Reitoria de Planejamento

Paulo José Gonçalves

Pró-Reitor de Assistência Estudantil

José Bites de Carvalho

Pró-Reitor de Ensino de Graduação

Djalma Fiuza

Pró-Reitoria de Infraestrutura e Inovação – Proinfra

Benjamin Ramos Filho

Unidade de Desenvolvimento Organizacional

Antônio Amorim

Diretor do Departamento de Educação – Campus I

Elizeu Clementino de Souza

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade

Eduardo José Fernandes Nunes

Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade

Maria Nadja Nunes Bittencourt

Diretora EDUNEB

Conselho Editorial

Atson Carlos de Sá Fernandes

Jose Bites de Carvalho

José Cláudio Rocha

Liege Maria Sitja Fornari

Ligia Pellon de Lima Bulhões

Luiz Carlos dos Santos

Narcimária do Patrocínio Luz

Sandra Regina Soares

Wilson Roberto de Mattos

Suplentes

Juracy Marques dos Santos

Leliana de Souza

Valdélío Santos Silva

Miguel Cerqueira dos Santos

Diego Gervásio Frías Suarez

Mariângela Vieira Lopes

Gilmar Ferreira Alves

**IV CICLO INTERNACIONAL RESILIÊNCIA E CULTURA:
histórias de vida, subjetividade e cuidado**

PROGRAMA E RESUMOS

**09 a 13 de abril de 2012
Rio de Janeiro - Brasil
Salvador - Bahia - Brasil**

**IV CICLO INTERNACIONAL RESILIÊNCIA E CULTURA:
histórias de vida, subjetividade e cuidado**

Salvador - BA, 09-13 de abril de 2012

Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB

Ficha Técnica

Maria Nadja Nunes Bittencourt
Diretora

Ricardo Baroud
Coordenação Editorial e Normalização

Sidney Santos Silva
Coordenação de Design

Ficha Catalográfica – Biblioteca Luiz Henrique Dias Tavares / PPGEduc/UNEB

Bibliotecária: Hildete Santos Costa – CRB: 737-5

C568

IV Ciclo Internacional Resiliência e Cultura: história de vida, subjetividade e cuidado. (4.:2012): Salvador, BA) Ciclo Internacional Resiliência e cultura: histórias de vida, subjetividade e cuidado: caderno de resumo e programação organização/Elizeu Clementino de Souza. [et.al.]. Salvador. EDUNEB, 2012. 162 p.

Salvador:PPGEduc/UNEB;PPGE/UFF/GRAFHO,2012

ISSN 1984-5324

1. Resiliência 2. Histórias de vida 3. Cultura I. Souza, Elizeu Clementino de [et.al.] II. Título: Caderno de resumos e programação Ciclo Internacional Resiliência e cultura: histórias de vida, subjetividade e cuidado.

CDD.155.24



Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB
Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula
41150-000 - Salvador - BA
www.eduneb.uneb.br
editora@listas.uneb.br
Tel. +55 71 3117-5342



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS I
PRO-REITORIA DE ENSINO E PESQUISA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE – PPGEduc
Grupo de Pesquisa (Auto)Biografia, Formação e História Oral – GRAFHO



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Rede Resiliência / Grupalfa



IV CICLO INTERNACIONAL RESILIÊNCIA E CULTURA: **histórias de vida, subjetividade e cuidado**

Organização

PPGEduC/UNEB
DEDC/Campus I/UNEB
GRAFHO/UNEB
PPGE/UFF
Rede Resiliência/UFF
Grupalfa/UFF

Co-organização

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Secretaria de Vigilância Sanitária do Estado do Rio Grande do Sul

09 a 13 de abril de 2012
Salvador - Bahia - Brasil

COMISSÃO ORGANIZADORA

Elizeu Clementino de Souza – UNEB (Presidente)
Sandra Santos Cabral Baron – UFF (Coordenadora Geral)
Sylvia Nabinger - EMP
Maria da Conceição Passeggi - UFRN
Carmen Lúcia Vidal Pérez - UFF
Marisol Barenco - UFF
Marília Etienne Arreguy - UFF
Édiva de Sousa Martins - UNEB

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alain Goussot / UNIBO
Ana Maria Portela / UNEB
Boris Cyrulnik / UTVar
Carmen Lucia Vidal Perez / UFF
Christine Delory-Momberger / Univ. Paris 13
Débora Dalbosco Del'Aglio / UFRGS
Elizeu Clementino de Souza / UNEB
Elsa Lechner / CES/UC
Gerard Ostermann / Univ. Bordeaux
Isnaia Junquilha Freire / UNEB
Luciana De Conti / UFPE
Maria da Conceição Xavier de Almeida / UFRN
Maria da Conceição Passeggi / UFRN
Maria de Lourdes Soares Ornellas / UNEB
Maria Teresa Esteban / UFF
Marisol Barenco / UFF
Paula Perin Vicentini / USP
Regina Leite Garcia / UFF
Sandra Santos Cabral Baron / UFF
Silvia Helena Koller / UFRGS
Sylvia Nabinger / EMP
Tatyana Mabel Nobre Barbosa / UFRN
Vera Dantas de Souza Motta / UNEB
Verbena Maria Rocha Cordeiro / UNEB
Kátia Jane Chaves Bernardo / UNEB

Secretaria

Jussara Fraga Portugal - PPGEduc/UNEB

Design Gráfico

Ednei Otávio da Purificação Santos

Monitores

Estudantes de Graduação e Pós-Graduação da UNEB

Sumário

Apresentação	9
Síntese da Programação	13
Programação	14
Programa Niterói / UFF	14
Programa Salvador / UNEB	15
Painéis de Comunicações	18
Sessões de Comunicações Coordenadas	18
Sessões de Comunicações Individuais	19
Exposição de Pôsteres	31
Resumos	
Conferência de abertura	37
Conferência de Encerramento	37
Mesas-Redondas	41
Exposição	63
Sessões de Comunicações Coordenadas	67
Resumos das Comunicações Individuais por Eixo Temático	
Políticas públicas, trabalho e inventividade	73
Resiliência, cultura e arte	80
Vulnerabilidade e produção de saúde	89
Culturas periféricas e movimentos de resistência coletiva	98
Histórias de vida, narrativas e formação	103
(Auto)biografia, resiliência e subjetividade	129
Resumos dos Pôsteres por Eixo Temático	
Políticas públicas, trabalho e inventividade	145
Resiliência, cultura e arte	147
Vulnerabilidade e produção de saúde	149
Culturas periféricas e movimentos de resistência coletiva	153
Histórias de vida, narrativas e formação	154
(Auto)biografia, resiliência e subjetividade	156
Sigla das Instituições	159

Apresentação

O estudo sobre a resiliência procura identificar as condições sob as quais sujeitos em situação de extrema privação ou adversidade obtêm êxito em retomar ou dar continuidade a uma existência de criação, produtividade e desenvolvimento.

A partir dos estudos de casos de sujeitos ou grupos que superaram adversidades consideradas intransponíveis sem sérias seqüelas, da análise da organização das estratégias adotadas por culturas e povos - considerados em contextos de vulnerabilidade - favoráveis ao processo de *resiliência* e da localização, descrição e observação de iniciativas oficiais e informais (organizações auto-geridas de cultura popular), construímos a especificidade da nossa proposta: nosso interesse em estudar os processos de resiliência como uma possibilidade de enfrentamento do traumatismo insidioso - porque cotidiano - do desamparo social resultante de políticas públicas insuficientes, constituindo-se como agenciamento coletivo que produz uma manobra de transformação subjetiva, um dispositivo de construção de novas posições subjetivas diante do mundo, e não apenas a superação de uma situação.

O *IV Ciclo Internacional Resiliência e Cultura: histórias de vida, subjetividade e cuidado* consiste em um dos desdobramentos da interlocução do projeto *Rede Resiliência, subjetividade e cultura* (UFF) - que constitui a representação no Brasil do Observatório Internacional de Pesquisas sobre a Resiliência - com pesquisadores do Brasil, Argentina, Uruguai, Peru, Chile, Colômbia, Bolívia, Bélgica, França, Canadá Estados Unidos, Suíça, Itália, Bélgica, África, Líbano, Israel e Palestina.

O desenvolvimento, ao longo dos últimos 10 anos, de um extenso trabalho de cooperação proporcionou-nos a compreensão do caráter sistêmico, do ponto de vista da ecologia do desenvolvimento humano, pluridimensional e complexo dos processos de resiliência. Foi com esse horizonte que, ao longo da realização dos I, II e III Ciclos, foram se articulando redes de cooperação tecidas de diversas áreas por grupos de trabalho e de pesquisa interessados em compreender e fomentar as estratégias de enfrentamento da adversidade, como a Rede Resiliência, o Grupalfa, a OSCIP Acolher, a Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, o Grupo Desenvolvimento Humano em Situação de Risco Social e Pessoal (UFRGS – CEP-Rua) e o GT Juventude, Resiliência e Vulnerabilidade (Anpepp) – protagonistas na realização desse IV Ciclo Internacional Resiliência e Cultura.

Boris Cyrulnik, principal conferencista convidado, além de neuropsiquiatra, etólogo e autor de mais de uma dúzia de obras que se tornaram referência na área, é diretor de ensino da na Universidade de Toulon (França) e preside o *Observatoire International de la Résilience*. Partindo de sua original contribuição às ciências na orientação de pesquisas relacionadas à metodologia de observação da linguagem não verbal (Etologia Humana),

estende seus estudos ao tema da resiliência, realizando um movimento de revisão crítica das pesquisas sobre o assunto, assim como um trabalho de divulgação e acessibilidade ao grande público de conhecimentos geralmente restritos ao mundo acadêmico, razão pela qual é de fundamental interesse para o desenvolvimento desse campo de pesquisas no Brasil a interlocução e intercâmbio de experiências com o universo construído pela rede de pesquisas que dirige.

O *Observatoire International de sur la Résilience* mantém reuniões regulares em vários países, discutindo as especificidades culturais e políticas nos usos do conceito de resiliência e nas das estratégias de análise e intervenção utilizadas em cada contexto. Os trabalhos desenvolvidos no encontro de 2005, em Buenos Aires, resultaram na iniciativa do I Ciclo Internacional de Seminários Resiliência e Cultura (Org. Rede Resiliência UFF), em 2007, realizado nas cidades de Montevideu, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, em parceria com a Embaixada na França no Brasil; o Grupalfa (UFF); o CEP-Rua da UFRGS; Departamento de Psiquiatria Legal da UFRGS; a Escola do Ministério Público (RS) e a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, com o quais compartilhamos projetos de pesquisa, extensão, formação e produção bibliográfica, que teve como objetivo aproximar o espaço do saber acadêmico ao das ações concretas visíveis nos movimentos socioculturais.

Seguindo essa bem sucedida experiência, organizamos, em 2009, o *II Ciclo Internacional de Seminários Resiliência e Cultura*, realizando encontros científicos entre pesquisadores, especialistas nas áreas de saúde e educação e coordenadores de movimentos sociais que constituem referência de trabalho na área da *resiliência* no Brasil e no exterior. Teve seu primeiro momento, em maio, com a realização das Jornadas *Résilience et Culture*, na Faculdade de Medicina da Universidade Sorbonne, Paris, e na Universidade de Toulon-Var (FR), coordenadas por Boris Cyrulnik (Afreca). No Brasil, (coord. Rede Resiliência UFF), inseriu-se nas atividades do Ano da França no Brasil, iniciando-se em julho com a videoconferência de Boris Cyrulnik *Resiliência: estratégias de superação do trauma*, (Org. Martins Fontes/ Casa do Saber/SP). No mês de agosto, teve continuidade Porto Alegre (Coord. Secretaria de Vigilância Sanitária/Oscip Acolher), Rio de Janeiro (coord. Rede Resiliência UFF/ ASPERJ), São Paulo (Palas Athena), Salvador (UNEB/Grafho) e Natal (UFRN/Grecom), abrangendo estudantes de graduação, mestrado e doutorado das áreas de psicologia, educação, medicina, direito e artes, assim como profissionais de diversas áreas que trabalhem com crianças, adolescentes e famílias.

Os mais recentes resultados dessa rede interinstitucional e internacional foram colocados em debate no III Cycle International *Résilience et Culture*, realizado entre 09 e 14 de maio de 2011, nas cidades de Bordeaux, Salon en Provence e Toulon (FR) (Org. Afreca e Universidade de Toulon, organizado por pesquisadores do *Observatoire*, tendo como eixo temático o intercâmbio de experiência Brasil / Europa, nos campos da resiliência, da cultura, da arte e dos estudos sobre as histórias de vida.

O IV Ciclo Internacional Resiliência e Cultura objetiva observar ativamente os campos em que situações cotidianas potencialmente traumáticas são “tratadas” pela rede social. Busca-se, através de rede de colaboração entre pesquisadores consolidar diálogos entre histórias de vida e subjetividade, ao rastrear, acompanhar e compreender os inúmeros empreendimentos coletivos totalmente implicados – ainda que não nomeadamente – com processos, marcas, tentativas de instauração desse evento ao qual denominamos *resiliência*. Assim, será possível intervir e produzir conhecimento em cooperação nacional e internacional sobre o tema. Nesse campo, estão incluídos ainda projetos culturais realizados com populações em situação de risco, o que abrange iniciativas oficiais e não oficiais na área de cultura, ações sócio-culturais na área médica, além do cotidiano, a formação do professor que atua na escola pública brasileira e ações de políticas públicas.

A consolidação de uma rede de pesquisa buscar articular pesquisadores ou grupos ligados ao estudo do tema, no Brasil, com o objetivo de contextualizar a pesquisa no panorama local, bem como estabelecer parcerias participativas de intervenção da pesquisa na comunidade e da comunidade na pesquisa, ao estudar a viabilidade de utilização das estratégias observadas, aprendidas ou vivenciadas em outros contextos de privação ou adversidade, tanto na área da Educação como na área da Clínica. Por fim, busca-se com a realização da IV edição do Ciclo Internacional de Resiliência e cultura oferecer a oportunidade de apresentação de pesquisas de docentes e seus orientandos de mestrado e doutorado, favorecendo o debate e o enriquecimento das referidas pesquisas, além de se traduzir num espaço de socialização de múltiplas experiências de âmbito local, nacional e internacional, concorrendo para a ampliação de redes de fazeres e saberes.

A participação de pesquisadores que trabalham com resiliência, atenção à saúde, (auto)biografias, histórias de vida e narrativas, pesquisadores das áreas de Educação, Saúde, Filosofia, Psicologia e pesquisadores que se ocupam de formação de formadores, intervenção social em contexto de vulnerabilidade, bem como alunos de pós-graduação e graduação vinculados à iniciação científica com trabalhos concernentes à temática do congresso serão sistematizadas nesta edição.

É, portanto, com a expectativa de realizarmos mais um profícuo espaço de intercâmbio intercultural e interinstitucional, que oportunizando a troca de experiências e reflexões nos campos da saúde, educação, filosofia, psicologia, arte e cultura, que realizamos o *IV Ciclo Internacional Resiliência e Cultura: histórias de vida, subjetividade e cuidado*.

Terra, 11 de abril de 2012

Elizeu Clementino de Souza
Sandra Cabral Baron
Comissão Organizadora

Síntese da Programação

Universidade do Estado da Bahia

Teatro UNEB / Auditório Jurandir Oliveira DEDC/Campus I e PPGEduC/UNEB

11/04/2012	12/04/2012	13/04/2012
<p>15:00 as 18:00 – Credenciamento Foyer do Teatro UNEB</p> <p>18:30 – Abertura Teatro UNEB</p> <p>19:00 – Conferência de abertura</p> <p>Uma compreensão multidisciplinar dos processos de resiliência</p>	<p>9:00 as 10:30 Mesa I - Auditório DEDC/ Campus I</p> <p>Modalidades de intervenção junto a jovens em situação de vulnerabilidade</p> <p>Mesa II - Teatro UNEB</p> <p>A Resiliência e os impactos no cotidiano da medicalização dos estados existenciais</p> <p>11:00 as 12:30 Mesa III - Teatro UNEB</p> <p>Resiliência e negociação de saberes nas ações de pesquisa e intervenção em comunidades em situação de vulnerabilidade.</p> <p>Mesa IV - Auditório DEDC/ Campus I</p> <p>Perinatalidade e resiliência</p> <p>12:30 as 14:00 - Almoço</p> <p>14:00 as 16:00 Exposição Sessões de Comunicações Coordenadas (Salas de aula PPGEduC/UNEB) Sessões de Comunicações Individuais (Salas de aula do DEDC/Campus I)</p> <p>16:30 as 18:30 Mesa V - Teatro UNEB</p> <p>Educação, política e resiliência</p> <p>Mesa VI - Auditório DEDC/ Campus I</p> <p>A cultura como metabolização da violência</p>	<p>9:00 as 10:30 Mesa VII - Teatro UNEB</p> <p>Resiliência, preservação patrimonial, cultura e narrativa</p> <p>Mesa VIII - Auditório DEDC/ Campus I</p> <p>Estratégias de enfrentamento dos impactos do cotidiano de profissionais de saúde em emergências</p> <p>11:00 as 12:30 Mesa IX - Auditório DEDC/ Campus I</p> <p>Resiliência: transformações subjetivas através da arte</p> <p>Mesa X – Teatro UNEB</p> <p>Histórias de vida, resiliência e subjetividade</p> <p>12:30 as 14:00 - Almoço</p> <p>14:00 as 16:00 Sessões de Comunicações Individuais (Salas de aula do DEDC/Campus I) Sessão de Pôster Hall do DEDC/Campus I</p> <p>16:30 Conferência de encerramento</p> <p>Desafios políticos e metodológicos na pesquisa sobre a resiliência Auditório DEDC/Campus I</p>

PROGRAMAÇÃO
PROGRAMA NITERÓI – 09 e 10/04/2012
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF

09/04

Auditório da Faculdade de Educação da UFF

A Resiliência e os Impactos no Cotidiano da Medicalização do Fracasso (social, escolar, pessoal).

18:30 - A medicalização do fracasso escolar.

Aparecida Moyses (UNICAMP-SP)

19:10 - Terapias comunitárias: quando a boca cala os órgãos falam, quando a boca fala os órgãos saram.

Adalberto Barreto (MISMEC-CE)

20:00 - Neurobiologia da resiliência.

Boris Cyrulnik (Université Toulon-Var-FR)

Coord.: Sandra Santos Cabral Baron (UFF/RJ)

10/04

Auditório do Museu de Arte Contemporânea de Niterói

Resiliência: da pesquisa à prática

9:30 - As contribuições de Vygotsky e Devereux à reflexão epistemológica sobre a resiliência: sobre o lugar da experiência

Alain Goussot (Universidade Bologna-IT)

10:00 - Resiliência e negociação de saberes nas ações de pesquisa e intervenção em comunidades em situação de vulnerabilidade.

Silvia Helena Koller (UFGRS) e Michael Ungar (Dalhousie University/CA)

11:00 – Nutrir os afetos: o corpo na contemporaneidade

Gerard Ostermann (Univ Bordeaux-FR) e Sylvia Nabinger (OSCIP/ACOLHER/RS)

Coord: Marisol Barenco (UFF-RJ) e Marília Arreguy (UFF-RJ)

12:30- Intervalo almoço

14:00 - Encontro de Pesquisa Grupalfa e Afreca

Coordenação: Regina Leite Garcia (GRUPALFA/UFF) e Boris Cyrulnik (AFRECA)

16:00 - Encontro de Pesquisa: Educação Patrimonial

Coordenação: Carmen Perez (UFF/RJ) e Florence Cyrulnik (FR)

PROGRAMA SALVADOR - 11 a 13/04/2012

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Teatro UNEB / Auditório Jurandir Oliveira DEDC-Campus I, PPGEduc e CPEDR

11/04

15 as 18h - Inscrições e credenciamento do congresso

Foyer do Teatro Uneb

18:30 – Mesa de Abertura

Lourivaldo Valentim da Silva - Reitor

Adriana Mármori - Vice-Reitora

José Cláudio Rocha - Pró-Reitor de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação

Antônio Amorim - Diretor do Departamento de Educação – Campus I

Elizeu Clementino de Souza - Coordenação do PPPGEdC/UNEB

Eduardo José Fernandes Nunes - Coordenação do PPPGEdC/UNEB

Sandra Santos Cabral Baron - Coordenadora Geral IV Ciclo/UFF

Dalila Andrade Oliveira - ANPEd

19h - CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Uma Compreensão Multidisciplinar dos Processos de Resiliência

Boris Cyrulnik (Université Toulon-Var-FR)

Debatedor: Gerard Ostermann (Université Bordeaux-FR)

Coord.: Elizeu Clementino de Souza (UNEB)

12/04

9h - Mesa Redonda

Mesa I

Modalidades de intervenção junto a jovens em situação de vulnerabilidade

Lucia Isabel Silva (UFPA)

Normanda Araújo (UNIFOR)

Ilana Lemos de Paiva (UFRN)

Coord.: Antonino Condorelli (UFRN)

Mesa II

A Resiliência e os impactos no cotidiano da medicalização dos estados existenciais

Adalberto Barreto (MISMEC-CE)

Gerard Ostermann (Université Bordeaux-FR)

Coord.: Sandra Regina Soares (UNEB)

11h - Mesas Redondas

Mesa III

Resiliência e negociação de saberes nas ações de pesquisa e intervenção em comunidades em situação de vulnerabilidade.

Michael Ungar (Dalhousie University/CA)
Elsa Lechner (CES/UC)
Piotr Trzesniak (UNIFEI)
Coord.: Kátia Jane Chaves Bernardo (UNEB)

Mesa IV

Perinatalidade e resiliência

Anne Frichet (Instituto de Puericultura de Paris)
Sylvia Nabinger (OSCIP/ACOLHER/RS)
Coord.: Édiva de Souza Martins (UNEB)

12:30 - Almoço

Exposição

14h - Sessões Coordenadas / Sessões de Comunicações Individuais

Sessões Coordenadas

Sessão I - Resiliência e prevenção da violência: estudo epidemiológico

Fernando Faraco, Tânia H Santos (Centro Estadual de Vigilância em Saúde/RS)

Sessão II - Como reconstruir sua história de vida na adoção

Veronica Chaves, Tais Cesca, Estela Franco - OSCIP ACOLHER Porto Alegre

Sessão III - Resiliência e transtornos graves de personalidade

Adriana Dal' Pizol, Lucas Lovato, (Hospital Psiquiátrico São Pedro)

Sessão IV - Resiliência e atendimento em saúde mental de crianças e adolescentes

Nadia Stella, Silvia de Oliveira Martins - CAPS Harmonia Porto Alegre

Sessão V - Dois casos à luz da teoria da resiliência

Andrea Campos Padilha, Roseclair Kich, Marta Xavier e Luciane de Almeida Pujol - CAPS Harmonia/Porto Alegre

Sessões de Comunicações Individuais

16:30 - Mesas Redondas

Mesa V

Educação, Política e Resiliência

Regina Leite Garcia (UFF)
Alain Goussot (Universidade de Bologna-IT)
Coord.: Maria da Conceição Passeggi (UFRN)

Mesa VI

A cultura como metabolização da violência

Bernardo Monteiro de Castro (UFMG)
Maria de Lourdes Soares Ornellas (UNEB)
Coord.: Verbena Maria Rocha Cordeiro (UNEB)

13/04

9h - Mesas Redondas

Mesa VII

Resiliência, preservação patrimonial, cultura e narrativa

Carmen Perez (UFF)

Florence Cyrulnik (FR)

José Antonio Serrano Castañeda (UPN/ME)

Coord.: Yara Dulce Bandeira de Ataíde (UNEB)

Mesa VIII

Estratégias de enfrentamento dos impactos do cotidiano de profissionais de saúde em emergências

Olavo Santos Cabral (CN-RJ)

Paulo de Tarso Monteiro Abrahão (CGUE/DAE/SAS/MS - SA)

Coord.: Jussara Fraga Portugal (UNEB)

11:00 - Mesas Redondas

Mesa IX

Resiliência: transformações subjetivas através da arte

Marlos Alves Bezerra (UFRN)

Sandra Cabral Baron (UFF)

Juan Mario Ramos Morales (UPN/ME)

Coord.: Márcia Rios da Silva (UNEB)

Mesa X

Histórias de vida, resiliência e subjetividade

Christine Delory-Momberger (Université Paris 13)

Maria da Conceição Passeggi (UFRN)

Elizeu Clementino de Souza (UNEB)

Coord.: Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios (UNEB)

12:30 - Almoço

14h - Sessões de Comunicações Individuais / Sessão de Pôsteres

16:30 - Conferência de Encerramento

Desafios Políticos e Metodológicos na Pesquisa sobre a resiliência

Boris Cyrulnik (Université Toulon-Var-FR)

Michael Ungar (Dalhousie University/CA)

Moderador: Sandra Cabral Baron (UFF)

Painéis de Comunicações

Sessões de Comunicações Coordenadas

14h – Pavilhão de Aula Pós-Graduação / PPGEduc

Sessão I - Sala 01 / PPGEduc/UNEB

Resiliência e prevenção da violência: estudo epidemiológico

Fernando Faraco

Tânia H Santos

(Centro Estadual de Vigilância em Saúde/RS)

Sessão II - Sala 02 / PPGEduc/UNEB

Como reconstruir sua historia de vida na adoção

Veronica Chaves

Tais Cesca

Estela Franco

(OSCIP ACOLHER/Porto Alegre)

Sessão III - Sala 03 / PPGEduc/UNEB

Resiliência e transtornos graves de personalidade

Adriana Dal' Pizol

Lucas Lovato

(Hospital Psiquiátrico São Pedro)

Sessão IV - Sala 04 / PPGEduc/UNEB

Resiliência e atendimento em saúde mental de crianças e adolescentes

Nadia Stella

Silvia de Oliveira Martins

(CAPS Harmonia Porto Alegre)

Sessão V - Auditório PPGEduc/UNEB

Dois casos à luz da teoria da resiliência

Andrea Campos Padilha

Roseclair Kich

Marta Xavier

Luciane de Almeida Pujol

(CAPS Harmonia/Porto Alegre)

Sessões de Comunicações Individuais

Eixo I – Políticas públicas, Trabalho e Inventividade

Painel 1	Dia 12/04	Local: DEDC	Sala 01	14:00 – 16:00
Coordenação: Fabio Josué Souza dos Santos (UFRB e UNEB/PPGEduC/GRAFHO)				

Resiliência como ferramenta para uma educação de qualidade

Ana Maria El Achkar (Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO)

Marsyl Bulkool Mettrau (Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO)

Círculo Restaurativo: um novo espaço de pacificação para adolescentes em conflito com a lei de prevenção da violência.

Andrea Tourinho Pacheco de Miranda (Faculdade de Direito Rui Barbosa)

Nilton de Oliveira (Secretaria Estadual de Educação)

Caminhos e trilhas do método científico: a resiliência na perspectiva do materialismo histórico e dialético

Cláudia Elizabete da Costa Moraes Mondini (Secretaria Municipal de Educação de Ladário – MS)

Reduzindo agravos através da inclusão escolar em Ladário – MS

Elis Regina Leite Sarath (Secretaria Municipal de Educação de Ladário – MS); Cláudia Elizabete da Costa Moraes Mondini (Secretaria Municipal de Educação de Ladário – MS)

Situações de insucesso escolar como contexto para a construção de fatores protetivos

Francismara Neves de Oliveira (Universidade Estadual de Londrina – UEL)

Laila Deller Rodrigues (Universidade Estadual de Londrina – UEL)

Julise Franciele de Carvalho Freire (Universidade Estadual de Londrina – UEL)

Luciana Ramos Rodrigues de Carvalho (Universidade Estadual de Londrina – UEL)

Políticas educacionais de cunho neoliberal e trabalho docente no contexto das classes multisseriadas: entre a regulação e a inventividade

Manuela Santos Almeida (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB)

Fabio Josué Souza dos Santos (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB)

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO)

EIXO II - Resiliência, Cultura e Arte

Painel 2	Dia 12/04	Local: DEDC	Sala 02	14:00 – 16:00
Coordenação: Wani Fernandes Pereira (UFRN)				

Representações de violência e de resiliência: implicações pedagógico-sociais para o fortalecimento da rede de proteção à criança e ao adolescente

Eliane Cleonice Alves Precoma (Universidade Federal do Paraná – UFPR)

Orly Zucatto Mantovani de Assis (Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

Altas habilidades/superdotação e resiliência: investigando aproximações

Karina Ines Paludo (Universidade Federal do Paraná – UFPR)

As marcas de uma tradição oral nas vidas rurais de Mucambeiros: resiliência, religiosidade e resistência

Rogério Lima Vidal (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC)

Resiliência e arte: superação ou transformação ou uma forma de desdizer a dor?

Samanta Brock (Faculdade de Enfermagem da UFF – Niterói; pesquisadora do Grupo de Pesquisa Rede Resiliência)

Jéssica Leite (Faculdade de Enfermagem da UFF – Niterói; pesquisadora do Grupo de Pesquisa Rede Resiliência)

Arte, cultura e educação patrimonial: estética da vida, memória da morte na obra de Clarival do Prado Valladares

Wani Fernandes Pereira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN)

Resiliência & vulnerabilidade: o papel dos fatores de risco e de proteção na infância e a culminância em políticas públicas

Silvia Regina da Silva Costa (Universidade Federal do Tocantins – UFT)

Painel 3	Dia 12/04	Local: DEDC	Sala 03	14:00 – 16:00
Coordenação: Ednei Otávio da Purificação Santos (UNEB/PPGEduC/PROCAD/CAPES)				

Reflexões teóricas sobre o constructo resiliência associado a processos de resiliência

Alex Sandro Gomes Pessoa (Universidade Estadual Paulista – UNESP)

Marcos Vinicius Francisco (Universidade Estadual Paulista – UNESP)

A música e as lutas por inclusão dos negros na Bahia: Os Brazilians Boys

Debora Carla Pereira Guimarães (Centro Universitário Jorge Amado)

Desigualdades e resistências nos meios midiáticos

Ednei Otávio da Purificação Santos (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/PROCAD/CAPES)

CorpOrigami: dança, educação e transcrição da vida

Juliana Pereira Penna (Grupo VIOLAR / Faculdade de Educação – UNICAMP e Conservatório de Música de Patrocínio-MG)

Experiência somática: uma intervenção psicofísica para o tratamento da ansiedade, estresse e trauma

Liana Rodrigues Netto (Associação Brasileira do Trauma)

Por uma noção expandida da “escrita”: a reinvenção do real

Lia Baron (PUC/RJ)

EIXO III - Vulnerabilidade e Produção de saúde

Painel 4	Dia 12/04	Local: DEDC	Sala 04	14:00 – 16:00
Coordenação: Simone Maria da Rocha (UFRN)				

Vulnerabilidade e coping na gestação de risco: análise de uma proposta de pesquisa-intervenção em Psicologia Pediátrica

Ana Cristina Barros da Cunha (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

Claudia Borges da Silveira de Araujo (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

Solange Frid Patricio (Maternidade-Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

Grupo de mães na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal como estratégia de promoção do coping e da resiliência

Fabiana Pinheiro Ramos (Universidade Federal do Espírito Santo – UFES)

Ana Cristina Barros da Cunha (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

Claudia Borges da Silveira de Araujo (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

Kely Maria Pereira de Paula (Universidade Federal do Espírito Santo – UFES)

Sônia Regina Fiorim Enumo (Universidade Federal do Espírito Santo – UFES)

Narrativas de si: um dispositivo de resiliência para crianças em tratamento de saúde?

Simone Maria da Rocha (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN)

Do bebê ideal ao bebê real: trilhando um novo caminho com o filho deficiente

Solange Frid Patricio (Maternidade-Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ)

Validação, confiabilidade e adaptação transcultural da Escala de Resiliência

Vanessa Barbosa Romera Leme (Universidade Federal de São Carlos – Ufscar)
Susana Coimbra (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto – FPCE)

Painel 5	Dia 12/04	Local: DEDC	Sala 05	14:00 – 16:00
Coordenação: Telma Lima Cortizo (UNEB/PPGEduC)				

Juventude e Resiliência: relação entre violência e fatores protetivos pessoais em jovens da escola pública de Fortaleza

Joyce Hilario Maranhão (Universidade Federal do Ceará – UFC)
Veriana de Fátima Rodrigues Colaço (Universidade Federal do Ceará – UFC)

Negociando resiliência: processos protetivos de adolescentes em contextos potenciais de risco residentes na cidade de Palmas-TO

Leila Rute Oliveira Gurgel do Amaral (Universidade Federal do Tocantins – UFT)

Desencanto, angústia e resiliência: (des)enlaces no saber fazer do professor na cena social contemporânea

Telma Lima Cortizo (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC)

Estresse e resiliência de residentes multiprofissionais de um hospital universitário no centro-oeste brasileiro

Valéria Moraes Katopodis (Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO)
Sebastião Benício da Costa Neto (Universidade Federal de Goiás e Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO)

EIXO IV - Culturas Periféricas e Movimentos de Resistência Coletiva

Painel 6	Dia 12/04	Local: DEDC	Sala 06	14:00 – 16:00
Coordenação: Magnaldo Oliveira dos Santos (UNEB/PPGEduC)				

Cantar para empoderar: narrativas ancestrais e resilientes de mulheres negras em Itapuã

Jackeline Pinto Amor Divino (Universidade do Estado da Bahia – UNEB)

Negras memórias: uma história de resiliência e empoderamento no quilombo do Caonge

Júlio César da Silva Barbosa (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC)

Da “chegada dos sem nome” à saída dos com nome: negras histórias de resiliência e empoderamento

Magnaldo Oliveira dos Santos (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC)

Resiliência e estudos em Psicologia Histórico-Cultural

Marcos Vinicius Francisco (Universidade Estadual Paulista – UNESP/Programa de Pós-Graduação em Educação)

Renata Maria Coimbra Libório (Universidade Estadual Paulista – UNESP/Programa de Pós-Graduação em Educação)

Marcas de resiliência no quilombo de Boitaraca: narrativas de vida e resistência coletiva

Mille Caroline Rodrigues Fernandes (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC)

EIXO V- Histórias de Vida, Narrativas e Formação

Painel 7	Dia 13/04	Local: DEDC	Sala 01	14:00 – 16:00
Coordenação: Fulvia de Aquino Rocha (UNEB/PPGEduC/GRAFHO/CNPq)				

“Dize-me como ensinas e te direi quem és”: história de vida, narrativas docentes e formação

Ana Cristina Silva de Oliveira Pereira (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/DUFOP)

Fulvia de Aquino Rocha (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO/CNPq)

Mariana Martins de Meireles (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO/CAPES)

Narrativas de si: experiências e trajetórias docentes

Elenice de Brito Teixeira Silva (Universidade do Estado da Bahia – UNEB)

O lugar da pesquisa: o memorial-formação como possibilidade

Isis Ceuta Pinto Alves (Universidade Federal da Bahia – UFBA)

Entrelaçamentos: desde a discência, as tramas da professoralidade

Jussara Almeida Midlej Silva (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB)

Narrativas auto (biográficas): a importancia da escrita de si, na formação docente

Silvano Sulzart Oliveira Costa (Faculdade Maria Milza / Universidade do Estado da Bahia – UNEB)

Os bacharelados interdisciplinares na UFBA: concepções e novas tecituras sobre formação superior, aprendizagem e vida discente

Eliete Nunes dos Santos (Universidade Federal da Bahia – UFBA)

Painel 8	Dia 13/04	Local: DEDC	Sala 02	14:00 – 16:00
Coordenação: Geisa Arlete do Carmo Santos (FVC)				

Memórias de uma educadora em formação: história de vida de uma ex-normalista que se recusou ser vítima das adversidades

Cíntia Maria Luz Pinho de Souza (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/Grupo de Pesquisa Memória da Educação na Bahia)

Cairu nas comunidades: uma articulação entre família, formação e escola

Geisa Arlete do Carmo Santos (Fundação Visconde de Cairu)

Ivonete Barreto de Amorim (Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea – UCSaL)

Silvia Cristina Passos (Fundação Visconde de Cairu)

Educadores baianos: histórias de vida, formação e atuação docente

Joselito Brito de Almeida (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/ GRAFHO)

Elizeu Clementino de Souza (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/ GRAFHO/CNPq)

A formação de docente em exercício, história de vida e “escrita de si”: há resiliência

Mácio Nunes Machado (Universidade do Estado da Bahia – UNEB / UNEB)

As itinerâncias formativas e as narrativas de vida de normalistas no sertão da Bahia: memória, identidade e profissionalização de mulheres

Mácio Nunes Machado (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC)

Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC)

As implicações curriculares de uma escola normalista rural no sertão baiano

Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/ GRAFHO)

Painel 9	Dia 13/04	Local: DEDC	Sala 03	14:00 – 16:00
Coordenação: Jussara Fraga Portugal (UNEB/PPGEduC/GRAFHO/FAPESB)				

Da lavoura do sisal à sala de aula: histórias de um professor resiliente

Jussara Fraga Portugal (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO/ FAPESB)

Elizeu Clementino de Souza (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/ GRAFHO/CNPq)

Sujeitos, histórias de vida e bullying na escola: narrativas que desvelam marcas de resiliência

Marta Martins Meireles (Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS)

Quando o sujeito (se) diz e se faz resiliente

Maximiano Martins de Meireles (Universidade Estadual de Feira de Santana/UEFS)

De lavrador a doutor: itinerâncias de um resiliente

Patrícia Queiroz Pires (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO)

Elizeu Clementino de Souza (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO/CNPq)

A pedagogia das classes multisseriadas como uma possibilidade de resiliência às políticas de regulação do trabalho docente

Terciana Vidal Moura (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB)

Fabio Josué Souza dos Santos (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB/Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO)

A formação de professoras da educação rural sobre a violência

Thaís Virgínea Borges Marchi (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM) Helenise

Sangoi Antunes (Universidade Federal de Santa Maria – UFSM)

Painel 10	Dia 13/04	Local: DEDC	Sala 04	14:00 – 16:00
Coordenação: Jaciete Barbosa dos Santos (UNEB/PPGEduC)				

Trabalho e desenvolvimento humano: determinação e confiança nas conquistas cotidianas

Cléssia Lobo de Moraes (Universidade Federal da Bahia – UFBA)

Nilton de Oliveira (Secretaria Estadual de Educação)

A (in)visibilidade do sofrimento psíquico do estudante nas biopolíticas de educação inclusiva e saúde mental

Édina Mayer Vergara (Universidade Federal do Paraná – UFPR/Setor Litoral)

Resistindo quando é fácil ceder: mulheres do MSTB e suas lutas cotidianas

Helaine Pereira de Souza (Universidade Federal da Bahia – UFBA/Universidade Católica do Salvador – UCSaL/Universidade do Estado da Bahia – UNEB)

Preconceitos e resiliência nas trajetórias de estudantes com deficiência “incluídos” na universidade

Jaciete Barbosa dos Santos (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC)

“Vivendo uma outra história”: estudo sobre os significados atribuídos ao abuso sexual intrafamiliar para adolescentes que foram vitimizadas

Juliana Hilario Maranhão (Universidade Federal do Ceará)

A mulher que inquieta, cala e emociona a população encarcerada: resiliência e história de vida

Nilton de Oliveira (Secretaria Estadual de Educação)

Andrea Tourinho Pacheco de Miranda (Faculdade de Direito Rui Barbosa)

Relatos de adolescentes em situação de violência sexual: caminhos para resiliência

Renata Maria Coimbra Libório (Universidade Estadual Paulista – UNESP/Presidente Prudente)

Alex Sandro Gomes Pessoa (Universidade Estadual Paulista – UNESP/Presidente Prudente)

Painel 11	Dia 13/04	Local: DEDC	Sala 05	14:00 – 16:00
Coordenação: Poliana Marina Mascarenhas de Santana Magalhães (UEFS)				

É preciso ter personagens para narrar uma história: a construção de personagens nas narrativas de ficção e de histórias de vida

Elica Luiza Paiva (Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA)

Narrativas de professores da Educação de Jovens e Adultos: marcas de uma prática pedagógica resiliente

Elisângela Silva Lopes (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC)

Rogério Lima Vidal (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC)

Resiliência e ação docente na promoção do desenvolvimento escolar exitoso: um estudo de caso com afrodescendente

Jair Fortunato Borges Junior (Secretaria da Educação do Estado de São Paulo)

Carmen Campoy Scriptori (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e Centro Universitário Moura Lacerda)

Práticas interdisciplinares a partir das abordagens auto-biográficas

Najó Glória dos Santos (Universidade Federal de Sergipe – UFS)

“Porque eu sou do tamanho do que sonho, e não do tamanho do que vejo”: A resiliência como possibilidade de (re)criação da história do sujeito

Poliana Marina Mascarenhas de Santana Magalhães

(Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS/Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC)

Histórias de resiliências: entre narrativas de vida e de formação, “Um adorável Professor”

Simone Santos de Oliveira (Universidade do Estado da Bahia – UNEB / Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS/PPGDCI/CAPES)

Eixo VI - (Auto)biografia, Resiliência e Subjetividade

Painel 12	Dia 13/04	Local: DEDC	Sala 06	14:00 – 16:00
Coordenação: Mariana Martins de Meireles (UNEB/PPGEduC/CAPES)				

O estresse e o bem estar docente – uma abordagem no cotidiano escolar

Andreia Cristina Rezende Rodrigues de Paula (Universidade Federal de Uberlândia – UFU)

Clínica Social Mãe Providência: um ano de experiência de ensino, pesquisa e atenção à população carente vítima de trauma

Danuzia Santos Lopes (Associação Brasileira do Trauma)

Jeane Dias Braidly (Associação Brasileira do Trauma)

“Escrever para (re) existir”: memórias estético-identitárias de uma educanda negra

Hildalia Fernandes Cunha Cordeiro (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC)

O palco, a cama e a sala de aula: estudo de caso de uma professora em formação

Lúcio Gomes Dantas (Universidade de Brasília)

Érika Stella S. Menezes (Univerdiade Católica de Brasília)

“O sertanejo é antes de tudo um forte”: marcas da docência nas vozes de um eu resiliente

Mariana Martins de Meireles (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/CAPES)

Elizeu Clementino de Souza (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO/CNPq)

Painel 13	Dia 13/04	Local: DEDC	Sala 07	14:00 – 16:00
Coordenação: Áurea da Silva Pereira (UNEB/PPGEduC/GRAFHO)				

Autobiografias narradas por idosos para lembrar o passado: abrigo de Caetité – Ba

Aryadna Patrícia Viana Alves (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC)

Mulheres idosas: os desafios do letramento escolar nas aulas noturnas, no contexto escolar rural

 rea da Silva Pereira (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO)

Entre a enxada e a caneta: trajetórias escolares de jovens rurais das sérias iniciais   universidade

Maiane Santos da Silva Santana (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB)

Traj trias de vida, forma o e profissão: resiliências de uma professora do campo

Maristela Rocha Lima (Universidade do Estado da Bahia – UNEB)

Jussara Fraga Portugal (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO/FAPESB)

Escritas (auto)biográficas e docência: a educa o como um caminho de supera o

Rony Henrique Souza (Colégio Estadual Edgar Santos – Governador Mangabeira - Bahia)

Painel 14	Dia 13/04	Local: DEDC	Sala 08	14:00 – 16:00
Coordena�o: Arlete Vieira da Silva (UNEB/PPGEduC/GRAFHO/CAPES)				

As subjetividades e a cultura de uma época na obra Confissões de uma Moça Bem Comportada de Simone de Beauvoir

Arlete Vieira da Silva (Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC / Universidade do Estado da Bahia – UNEB)

A videobiografia como tutoria verbal de adolescentes abrigados

Cristóvão Pereira Souza (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN)

Maria da Concei o Passeggi (CE–PPGed-UFRN)

Educa o e (auto)biografia como cuidado de si: conhecer, conviver e cuidar

Janine Fontes de Souza (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC)

Devir-cidade e o poder comum de agir: pistas – histórias de comunidade

Lúcia Maria Ozório Barroso (Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Fundação Carlos Chagas de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro; Laboratório EXPERICE (Centre de recherche interuniversitaire, Expérience Ressources Culturelles Éducation, Paris 8 -- Paris 13)

Ateliê biográfico: um lugar para os segredos do coração

Rosvita Kolb Bernardes (Universidade do Estado de Minas Gerais – Escola Guignard)
Ana Angélica Albano (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)

Itinerâncias familiares, utopias e resiliência: tempos e movimentos pela escolarização - mover-se e formar-se

Neurilene Martins Ribeiro (Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/ GRAFHO)

Exposição de Pôsteres

Dia 13/04 – 14 H

Hall DEDC / Campus I

Eixo I - POLÍTICAS PÚBLICAS, TRABALHO E INVENTIVIDADE

Da escola especial à inserção na escola regular: como se configuram as políticas de inclusão?

Diane Miranda Menezes

Centro de Pós-graduação e Pesquisa Visconde de Cairu – Fundação Visconde de Cairu

A inserção de políticas públicas na escola: o seu papel na iniciação sexual da juventude

Fabiano Marques da Cruz

Bolsita IC e Graduando em Pedagogia da Universidade Federal do Pará – UFPA/Belém

Greyce Regina Silva Conceição Reis

Universidade Federal do Pará – UFPA/Belém

Lúcia Isabel Conceição Silva

Universidade Federal do Pará – UFPA/Belém

Tatiene Germano Reis

Universidade Federal do Pará – UFPA/Belém

Parâmetros Curriculares Nacionais e a questão da ética no Ensino Fundamental: desafios e transformações

Laura Cristina Vieira Pizzi

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Manuella de Magalhães Lima

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Sirley Galdino dos Santos

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Eixo II - RESILIÊNCIA, CULTURA E ARTE

O olhar sobre a prática na construção da identidade do enfermeiro: imagem do estranhamento dos novos cenários de aprendizagem

Marilei de Melo Tavares e Souza

Universidade Severino Sombra – USS

**A periferia vista de dentro para fora: Cultura e arte da região do Capão Redondo
Zona Sul de São Paulo**

Érika Costa Santos

Centro Maria Antonia – USP

Centro Universitário Ítalo brasileiro – UNIÍTALO

Eixo III - VULNERABILIDADE E PRODUÇÃO DE SAÚDE

**Testagem dos instrumentos em relação à saúde do trabalhador, como estratégia
metodológica para adequação do projeto**

Cassiano José de Almeida Pereira

Universidade Severino Sombra – USS

Resiliência e Saúde: possíveis reflexões

Emyle Brito de Souza

Universidade Federal do Tocantins – UFT

Leila Rute Oliveira Gurgel do Amaral

Universidade Federal do Tocantins – UFT

Crescendo com a dor: filhos com surdocegueira e/ou múltipla deficiência

Susana Maria Mana de Araújo

Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná

**As contribuições da espiritualidade no desenvolvimento da resiliência em
cuidadores**

Telminayara dos Santos Sousa

Centro Universitário Luterano de Palmas – Ceulp/Ulbra de Palmas – TO

Marcielly Chaves Queiroz Paes

Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP/ULBRA - Palmas - TO

**Educação e saúde: perspectivas para a autoestima de crianças negras no processo de
escolarização**

Veronice Francisca dos Santos

Centro de Pós-graduação e Pesquisa Visconde de Cairu – Fundação Visconde de Cairu

Eixo IV - CULTURAS PERIFÉRICAS E MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA
COLETIVA

Blocos afro: segregação e resistência na micareta de Feira de Santana

Eduardo Oliveira Miranda

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

Hellen Mabel Santana Silva

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

Eixo V - HISTÓRIAS DE VIDA, NARRATIVAS E FORMAÇÃO

**Saberes (auto)biográficos de uma professora rural aposentada: entre saberes e
imagens – o que sei sobre mim?**

Edilange Borges Souza

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Áurea da Silva Pereira

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO

Imagens de professores: o que os estudam sabem e o que desejam da escola?

Juliane Costa Silva

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Trajetórias de um professor rural: as aprendizagens da/sobre/na docência

Priscila Lima de Carvalho

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Eixo VI - (AUTO)BIOGRAFIA, RESILIÊNCIA E SUBJETIVIDADE

**O autoconhecimento como recurso utilizado para o desenvolvimento de atitudes
resilientes**

Gabriela Gomes Freitas Benigno

Universidade Federal do Ceará – UFC

**As inquietações do professor na educação inclusiva e sua busca pela resiliência: um
estudo de caso no município de Alagoinhas-BA**

Maria de Fátima Santana de Oliveira Bastos

Faculdade Santíssimo Sacramento

Crisis y resiliencia

Marta Barrientos Muela

Universidad Católica del Uruguay

Resumos

Conferência de Abertura

Critères multidisciplinaires de la résilience

Boris Cyrulnik (Université Toulon-Var-FR)

La résilience se définit par la reprise d'un nouveau développement après un traumatisme psychique. Les conditions de ce néo-développement seront donc variées.

- La résilience neuronale dépend d'une transaction entre la constitution neurobiologique du sujet blessé et la structure du milieu qui l'entoure.
- La résilience affective dépend de l'acquisition très précoce d'un attachement sécure, apprentissage implicite d'un style affectif qui socialise.
- La résilience familiale dépend de la manière de fonctionner de la famille : une famille rigide empêche tout processus de résilience.
- La résilience des adultes dépend de l'entente du couple et de son contrat implicite.
- La rhétorique structure la niche sensorielle qui entoure un enfant et permet ainsi la transmission des styles affectifs.
- La résilience âgée reste encore possible, malgré la faible plasticité cérébrale. Elle dépend surtout du degré d'empathie des aidants.

Conferência de Encerramento

Desafios Políticos e Metodológicos na Pesquisa sobre a resiliência

Les défis politiques et méthodologiques de la résilience.

Boris Cyrulnik (Université Toulon-Var-FR)

Quand on s'entraîne à raisonner en termes intégratifs, on comprend que la plupart des facteurs de résilience s'acquièrent sous la pression du milieu. La sculpture cérébrale se fait lors des interactions précoces (dernières semaines de la grossesse et premiers mois de la vie). Ce sont des décisions politiques qui offriront aux parents la possibilité de prendre des congés parentaux afin d'offrir au nouveau-né une stabilité affective nécessaire à la résilience. Les métiers de la petite enfance structurent la niche sensorielle qui entoure un enfant. Les résultats scolaires jouent un rôle important dans la construction des nouvelles classes sociales. Or, l'accélération des rythmes scolaires n'améliore pas les résultats, mais augmente fortement les troubles du développement, les angoisses et les états-limites qui

altèrent la résilience. La culture populaire joue un rôle majeur dans la création de lieux de paroles qui permettent les rencontres soutenantes. L'art, la musique et les activités associatives créent des activités de soutien affectif et de sens. Les récits culturels doivent se coordonner pour donner sens aux blessures de l'existence et permettre le processus de résilience.

Political and Methodological Challenges to Researching Resilience

Michael Ungar (Dalhousie University/CA)

Despite decades of resilience research, we continue to struggle to identify the protective processes that are most likely to help people thrive under adversity. In these closing comments, Michael will illustrate how four principles can guide theory development, research, and the design of integrated approaches to culturally sensitive interventions with children, youth, and families. These principles include: decentrality (focusing less on individuals, and more on contexts); complexity (avoiding assumptions of simple cause and effect relationships between risk and resilience); atypicality (appreciating the unique developmental pathways individuals travel to succeed); and cultural relativity (emphasising the need for cultural pluralism when promoting resilience). Through a brief case study from his clinical practice, Michael will show how we can apply these four principles and create the social and physical ecologies that facilitate resilience.

Resumos das Mesas-Redondas

Mesa I

Modalidades de intervenção junto a jovens em situação de vulnerabilidade

Resiliência comunitária: reflexões a partir de uma experiência de formação e organização cultural com jovens.

Lucia Isabel Silva (UFPA)

Considerando a resiliência comunitária como os processos de construção de capacidades de enfrentamento ou de desafios coletivos através da mobilização social (MELILLO & OJEDA, 2005), esta apresentação pretende tecer considerações acerca deste conceito quando relacionado a seus processos de construção em contextos de exclusão e vulnerabilidade social e de desenvolvimento social. A análise de uma experiência de trabalho em rede no enfrentamento à violência em um bairro da periferia de Belém – Pará, permite compreender e identificar os fatores e as capacidades de resiliência construídas na prática de organização política e cultural de jovens participantes de grupos culturais e políticos como elementos fundamentais na busca de propostas de superação da exclusão e melhoria das condições de vida destes jovens. Especificamente se analisam os processos de autopercepção dos jovens sobre sua participação em espaços coletivos, revelando os significados do espaço grupal para a construção de processos individuais e coletivos de resiliência. Estas percepções foram colhidas em Grupos Focais de avaliação com jovens e revelam suas análises sobre o contexto de negação de direitos em que vivem e como avaliam a perda do direito à cidade e seus equipamentos sociais, mas mostram, por outro lado, suas principais referências relativas ao papel do grupo na construção/reconstrução das capacidades de relações e vínculos, na elevação da autoestima individual e coletiva, no desenvolvimento da noção de pertencimento, na construção da iniciativa, no compromisso com valores e na ampliação da capacidade de compreensão e crítica das suas realidades e condições de vida. A identificação de tais elementos reforça a luta em defesa de políticas públicas que trabalhem concretamente oportunidades diversas de inserção social para os jovens sinalizando alternativas práticas e possíveis de se incentivar e fortalecer processos tanto individuais quanto coletivos de luta em torno da transformação social e do desenvolvimento saudável.

Palavras- chave: Resiliência; juventude; políticas públicas

Modalidades de intervenção junto a jovens em situação de vulnerabilidade: a situação de rua como foco

Normanda Araujo de Moraes PPG/PSI (UNIFOR)

O presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas modalidades de atendimento a jovens que vivem uma situação de vulnerabilidade específica: a situação de rua. O trabalho tem por base um resgate histórico da evolução de propostas de atendimento a essa população, assim como o relato de resultados de pesquisas feitas com esses serviços. Em

particular, serão retratadas as experiências das redes de proteção à infância/adolescência em situação de rua de duas capitais brasileiras: Fortaleza, CE e Porto Alegre, RS. O olhar histórico sobre a evolução das propostas de intervenção a essa população mostra que a mesma se confunde com as políticas direcionadas à infância/juventude como um todo, as quais sempre tiveram um caráter remediativo, paliativo e criminalizador. Nesse sentido, a situação de rua sempre atraiu atenção das políticas oficiais, por se tratar de um problema muito visível e gerador de incômodo para a maioria da população, que se percebia como “ameaçada” pelos ditos “menores e trombadinhas”. O advento do Estatuto da Criança e do Adolescente (década de 90), assim como a proposta da Educação Social de Rua contribuíram para uma mudança paradigmática no atendimento a essa população. Em especial, merece destaque a evolução dos serviços de abordagem social de rua e os chamados serviços de “meio aberto”, ambos marcados pelo foco no vínculo educador-criança/adolescente e na perspectiva da “redução de danos”. Nos últimos anos e em consonância com a política do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), os serviços têm buscado uma reestruturação, enfatizando três aspectos essenciais: a descentralização/regionalização, o fortalecimento dos vínculos familiares e o trabalho em rede. O presente trabalho ilustrará e discutirá alguns avanços e dificuldades desse trabalho a partir das experiências de Fortaleza e Porto Alegre. Alguns avanços relatados referem-se às políticas de transmissão e geração de renda do governo federal, a consolidação do trabalho de abordagem nas ruas e a regionalização do atendimento. Os impasses e dificuldades do atendimento referem-se às dificuldades de se trabalhar em rede, de forma que o Sistema de Garantia de Direitos funcione como tal; além, obviamente, das múltiplas situações de vulnerabilidade vivida por essas crianças, adolescentes e suas famílias. Para estas, a situação de rua é apenas mais um evento adverso e não o único.

Palavras-chave: Situação de rua; atendimento; instituições; família; SUAS.

Formação política como uma forma de enfrentamento à violência na juventude

Ilana Lemos de Paiva (UFRN)

Candida de Sousa (UFRN)

A população juvenil tem estado direta ou indiretamente ligada, como alvo ou como perpetradora, a situações de violência. Dentre as várias abordagens e possíveis determinantes, é fato que o Estado não tem atuado de forma eficaz nem na prevenção nem no combate às situações de risco e de violência. Como indicadores dessa violência pode-se citar os altos índices de homicídios ocorridos na população jovem brasileira (pessoas entre 15 e 24 anos) entre 1994 e 2004, em que houve um aumento de 64,2%, crescimento bem superior ao da população total: 48,4%. Em média, dezesseis adolescentes morrem por dia no Brasil, vítimas de homicídio. Em todas as regiões do país, as vítimas jovens de homicídios sempre foram em maior número quando comparadas à população total. Outro dado referente à população juvenil refere-se à causa da morte, em que 39,7% das mortes de jovens acontecidas em 2004 foram por homicídio, enquanto que na população não-jovem, esse índice é de apenas 3%. Vale salientar que essa proporção vem crescendo

de forma acelerada nos últimos anos. Pesquisas tem demonstrado que, a partir dos 17 anos de idade, aumentam-se consideravelmente as chances do jovem de áreas pobres morrer assassinado por arma de fogo. Na sua maioria, são jovens moradores dos bairros mais pobres da cidade, que foram mortos por armas de fogo. O presente trabalho objetiva realizar uma reflexão acerca da violência na juventude, propondo a formação política como uma estratégia importante para o seu enfrentamento. Para isso, realiza um levantamento dos homicídios de jovens da cidade de Natal-RN, com destaque para os dados sócio-demográficos das vítimas, sua profissão, bairro de ocorrência do crime e a instauração ou não de inquérito policial. Os pontos de discussão apontam para a pobreza/destituição que vivenciam esses jovens, as armas de fogo como principal instrumento dos crimes, e a inoperância do Estado na implementação de medidas eficazes de prevenção e combate à violência. Como possibilidade de intervenção nesta realidade, propõe-se a formação política e a construção de cidadania, uma vez que proporcionam o empoderamento, a autonomia e a busca pelos direitos e garantias sociais.

Palavras-chave: Juventude; violência; participação política.

Mesa II

A Resiliência e os impactos no cotidiano da medicalização dos estados existenciais

Terapia comunitária integrativa: Quando a boca cala os órgãos falam...

Adalberto Barreto (MISMEC-CE e FM/UFC)

Vários são os caminhos que conduzem ao conhecimento e conferem competência a quem por eles caminha. A grande estrada da capacitação profissional tem sido as escolas, as universidades e as academias: instituições detentoras de saber, formadoras de profissionais, com seus rituais de iniciação, seus títulos, suas teses, suas teorias. Uma outra fonte de produção do saber é a vivência pessoal, construída ao longo da vida de indivíduos e de grupos sociais. Os obstáculos, os traumas, as carências e os sofrimentos superados transformam-se em sensibilidade e competência, levando-nos a ações reparadoras de outros sofrimentos. Não se trata de rejeitar o saber acadêmico, mas sim resgatar esta outra fonte geradora de competência. Trata-se de permitir que um método de cunho científico possibilite ao outro método de cunho mais intuitivo e cultural tomar corpo, consciência, consistência e reconhecimento de habilidades adquiridas por outras vias que não as convencionais. Trata-se de reconhecer que a cultura tem também seus processos e métodos geradores de habilidades e competências. A Terapia Comunitária apóia-se nas competências dos indivíduos e nos saberes produzidos pela experiência de vida. Suas histórias de vida os têm tornado especialistas na superação de obstáculos e na produção de um saber, geralmente, ignorado pela academia. Na TCI socializamos estes conhecimentos, atentos a todo desejo de manipulação. A TC I como toda abordagem integradora sabe que é possível transformar o choque e a dor deste confronto em ritmo,

em batucada, em algo criativo que não negue, mas integre. Aprendemos a construir juntos, a incluir, articular “outros saberes” construídos em outros contextos.

Palavras-chave: Terapia comunitária; competência individual; escuta; resiliência.

La médicalisation de l'existence

Gérard Ostermann (Universidade de Bourdeaux)

Les chemins qui mènent à la perte des libertés sont innombrables. L'un d'eux porte l'indication “santé pour tous” (Petr Skrabanek)

“Docteur, je suis triste, fatigué, angoissé: vous ne pourriez pas me donner quelque chose?” Je n’ignore pas que la dépression est une maladie, qui tue parfois et qui se soigne de mieux en mieux ; je sais qu’il y a des anxiétés pathologiques, des tristesses, des fatigues pathologiques; mais je sais aussi qu’il y a des malheurs, des tristesses, des fatigues, des angoisses qui ne sont pas des maladies. Disons plus: il est normal, et non pathologique, d’être parfois angoissé, fatigué ou triste! Cela fait partie de la condition humaine. Or l’humanité, que je sache, n’est pas une maladie. Elle ne relève donc pas de la médecine. Bref, j’ai le sentiment que nous sommes en train d’assister à une médicalisation de l’ensemble de notre vie, voire de l’ensemble de notre société. Je crains que nous ne soyons en train de dériver (moins d’ailleurs du fait des médecins que d’une demande sociale qui est très forte) vers ce que l’on peut appeler un *pan-médicalisme*, c’est-à-dire une civilisation de plus en plus dominée par le seul idéal de la santé, et donc soumise à la seule efficacité de la médecine. La santé a remplacé le salut, comme l’a écrit Michel Foucault, et la santé est devenue idole et mythe d’un monde dans la technique duquel nous avons placé notre confiance, avec cette aspiration à s’abîmer dans un état de non-souffrance imaginaire. Les professionnels de la santé n’auraient qu’à produire techniquement la santé comme un objet que nous consommerions de droit. Or, ce mythe de la santé est en train lui-même de basculer. Il est possible d’en voir un autre se mettre en place : celui de la toute-puissance de l’individu. L’individu est remis au centre, comme on remet la balle au centre. Il doit assumer ses responsabilités comme il doit assumer sa santé. Mais, devant la modification des repères, voire l’absence de repères et à bien des niveaux, il y a alors de la peine à vivre et la médicalisation de cette peine à vivre est devenue un problème de santé publique, comme le souligne justement Edouard Zarifian¹ dans son ouvrage : *Le prix du bien-être*. Selon Foucault, “*l’autorité médicale n’est plus seulement une autorité de savoir mais une autorité sociale*”. Une thèse qui ne cesse de se vérifier. On voit bien que sur tous les sujets de société, les médecins sont appelés à la rescousse. On leur demande à la fois de dépister les futurs délinquants dès la maternelle, de trouver une solution à notre fin de vie ou encore de nous protéger contre tout et n’importe quoi à coups de certificats médicaux et de pilules miracles. La “santé mentale” remplace la “psychiatrie” en tant que champ d’action et de compétences, comme la santé tout court vient à la place de la médecine, Dans la Naissance de la clinique, Michel Foucault montre comment le regard clinique hippocratique qui consistait à voir le

¹ Edouard Zarifian, *Le prix du bien-être*, Odile Jacob, Paris, 1996.

malade se transforme en un *voir la pathologie*. Et sans doute faudrait-il rajouter à présent : voir l'image chiffrée et objectivée de cette pathologie. Mais voir, objectiver la pathologie, avoir des certitudes, c'est aussi permettre à la science d'envahir le corps et de le maîtriser. Et c'est reconnaître des pathologies là où il n'y a pas de plainte. Or une pathologie sans plainte fait-elle une "mauvaise santé"? À l'inverse, ne pas voir, c'est jeter le discrédit sur la plainte subjective du malade. Cependant, l'absence de preuve est-elle preuve d'absence? La médicalisation oblige-t-elle à croire sans avoir vu après avoir invité à voir pour croire?

Ainsi la santé se pose comme une valeur contemporaine fondamentale. Elle est raisonnée en termes de "capital" qu'il conviendrait de gérer au mieux, sur la durée. Les progrès objectifs de la médecine scientifique réactivent le mythe de la vie éternelle, le mythe de la santé parfaite. Est-ce l'annonce d'une dérive totalitaire ou comme l'écrivit Petr Skrabanek² *la fin de la médecine à visage humain*?

Mesa III

Resiliência e negociação de saberes nas ações de pesquisa e intervenção em comunidades em situação de vulnerabilidade.

Using Resilience Research to Help Communities Thrive

Michael Ungar (Dalhousie University/CA)

When working with children, adolescents and families from poor, violent, and marginalized backgrounds, we often focus too narrowly on individual *problems*---like delinquency or conflict with caregivers---and miss the broader sources of healing and resilience in people's lives. In this presentation, Dr. Michael Ungar will show that resilience is not just a personal capacity to overcome adversity. It is also the result of how well individuals, their families and communities work together to help vulnerable individuals navigate their way to the resources they need for well-being, and whether those resources are made available in ways that people experience as meaningful to them. Michael will use examples from his clinical practice and research collaborations on six continents to explore an ecological, culturally sensitive interpretation of what resilience means to people who are confronting great adversity. With stories from the individuals and families whom he's met around the world, Michael will show how seven factors associated with resilience make it more likely people do well. He'll discuss each factor along with strategies families, communities and governments can use to make each more available and accessible.

Key-word: Differential impact; cumulative resilience; nurture trumps nature.

² Petr Skrabanek, *la fin de la médecine à visage humain*, Odile Jacob, Paris, 1995

Migração, resiliência e (im)possibilidade social

Elsa Lechner (CES/UC)

A experiência migratória transporta os sujeitos para uma série de vivências sociais, emotivas e interpessoais que requerem uma boa dose de resiliência e resistência face às adversidades. Trata-se mesmo de uma experiência iniciática que transforma a percepção que aqueles têm do mundo, dos outros e de si próprios, através de muito sofrimento e aflição. No caso dos migrantes “ilegais” que crescem em número quando não povoam os panteões da morte (naufrágios no mar, tiros, fome e sede nas fronteiras terrestres, suicídios e vinganças nos campos de retenção) como pensar os potenciais e limites da resiliência humana quando as condições políticas e sociais dos Estados não só não contribuem para aliviar as suas penas como as sobrecarregam e criminalizam? Com esta comunicação, pretendemos fazer uma reflexão que equacione a capacidade de resiliência das pessoas com a capacidade de resiliência dos Estados perante o caso específico das migrações internacionais. O objectivo é alargar o conceito às responsabilidades colectivas, e tentar aproximar os esforços individuais das questões de comunidade.

Palavras-chave: Migrações; resiliência; responsabilidades colectivas.

Resiliência e trabalho infantil no Brasil: lições da Física para a Psicologia

Piotr Trzesniak (UNIFEI)

Renata Maria C. Libório (UNESP-Presidente Prudente)

Silvia Helena Koller (UFRGS)

Discutimos o conceito de resiliência, tomando emprestadas algumas idéias da física para estabelecer as suas dimensões críticas e para melhor compreender o seu significado. Não olhamos para a resiliência como uma “realidade”, mas como uma maneira conveniente para descrever um fenómeno em que um sistema (criança, pessoa, grupo de pessoas) lida com a adversidade. Através da técnica das dimensões críticas, nós, então, propomos uma definição para a resiliência, e aplicamos esta compreensão e as cognições que a acompanham a uma discussão de crianças trabalhadoras no Brasil. Nossa conclusão é que a mera informação de que uma criança faz algum tipo de trabalho, sem levar em conta as circunstâncias ecológicas em que isso ocorre, é insuficiente para avaliar se esse trabalho se constitui em risco ou protecção para o desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Resiliência; trabalho infantil; desenvolvimento infantil.

Mesa IV

Perinatalidade e resiliência

Nascimentos prematuros: da hospitalização precoce a “tornar-se um bebê normal”, do traumatismo a “tornar-se pais”, E DEPOIS?

Anne Frichet (Instituto de Puericultura de Paris)

Os cuidados da pediatria e da enfermagem consideram atualmente as necessidades globais do bebê nascido prematuramente e em situação de risco, tanto no plano desenvolvimento psíquico como somático. Os “pais nascidos prematuramente” vivenciam um traumatismo muito violento e seus sentimentos de parentalidade são surpreendidos por esse nascimento antecipado e pela hospitalização neonatal. Em consequência, a qualidade dos primeiros laços pode ser afetada. Este fenômeno, cada vez mais frequente, torna-se um verdadeiro problema de saúde pública e requer dos cuidadores, todas ocupações confundidas, esforços e criatividade no tratamento precoce destas situações. O conceito de resiliência nos convida a um outro olhar sobre a análise de nossas práticas relativas aos bebês nascidos prematuramente e de seus pais, irmãos e irmãs, a fim de melhorá-las com a ajuda de uma ética profissional e social, individual e coletiva.

Palavras-Chave: Prematuridade, traumatismo, hospitalização

A representação do sofrimento do bebê no cuidador

Sylvia Nabinger (OSCIP/ACOLHER/RS)

Durante muitos anos a dor do bebê foi ignorada, ficando difícil decifrá-la pois ela é observada de forma global através de comportamentos hostis, baixo nível de vigilância, ou seja, mecanismos de defesa que a criança aciona para se proteger da falta de investimento. Nos casos de abrigamento, quando um bebê acaba de perder sua mãe, de quem dependia para sobreviver, por exemplo, supõe que quem o receba seja capaz de tratá-la não somente como um bebê mas como uma pessoa. O corpo do bebê então, é a expressão privilegiada do sofrimento afetivo e interativo, pois ele pode chegar a parar de crescer e engordar. Hoje sabemos que ao cuidarmos do bebê sempre da mesma forma em ambientes coletivos, estando alertas aos seus sinais demonstrados, ele relaxará ao reconhecer o cuidador. O corpo funciona como uma forma linguagem no contexto interativo. A formação específica para os Cuidadores é fundamental para o cumprimento do manejo adequado e de qualidade, para a organização da vida psíquica do bebê.

Palavras-Chave: Resiliência; sofrimento do bebê; cuidado.

Mesa V

Educação, política e resiliência

Quando o subalterno fala

Regina Leite Garcia (UFF)

A escola brasileira, apesar do discurso que se afirma comprometido com a emancipação, conforme Boaventura Santos, sempre foi e continua sendo um lócus de subalternização das crianças e jovens das classes populares, em sua maioria afro-descendentes, indígenas, habitantes pobres das periferias urbanas. Ao fazê-lo, o espaço escolar que deveria acolher as diferentes culturas que cada grupo sócio-econômico-cultural porta, impõe uma cultura única, tornando-se autoritariamente monocultural. Silencia assim toda a riqueza que poderia representar a criação de diálogos interculturais, o que possibilitaria a criação coletiva de novos saberes e de relações mais democráticas. Ao invés de educar para a liberdade, prepara para a aceitação de uma histórica subalternidade que desde a colonização vem sendo imposta, sobretudo àqueles que um dia foram trazidos da África como escravos, bem como àqueles que nas terras “descobertas” pelos europeus já viviam e das quais foram sendo expulsos quando não, dizimados. Não por acaso Spivak desafia a todos os povos subalternizados historicamente – *pode o subalterno falar?* É este desafio que norteia a pesquisa que meu grupo vem desenvolvendo há muitos anos. Valendo-nos de Fals Borda e sua Investigación Acción Participativa, apesar de formadas que fomos numa perspectiva eurocêntrica, como sói fazer a nossa escola de todos os níveis, investigamos a realidade escolar, não apenas para compreendê-la, mas pretendendo pela práxis, podermos contribuir para a transformação. Já com Marx, na XI Tese sobre Feuerbach constatávamos que os filósofos nada mais fizeram do que interpretar de diversos modos o mundo, embora do que se trata é de transformá-lo. Este é o nosso compromisso, afinadas que estamos com o mote do Fórum Social Mundial de que um outro mundo é possível e é por este novo mundo que lutamos. Em nossa ação, radicalizamos a perspectiva educativa de Paulo Freire em seu conceito de alfabetização como leitura amorosa resultante da ação coletiva, chegando à leitura da palavra a partir das leituras de mundo, processo que acompanha a todos e todas por toda a vida num permanente devir, seres inacabados que somos. Ainda com Freire nos valem de seu conceito de *inérito viável*, que tanto se aproxima do conceito de *resiliência*. E que a tantos surpreende quando o senso comum diria ser impossível a superação de traumas vividos, de dificuldades de aprendizagem, de desencontros de linguagem, de problemas sempre atribuídos às vítimas de uma sociedade preconceituosa e excludente. E vamos também a Gregory Bateson e sua nova epistemologia da comunicação e problematização dos paradoxos da comunicação e a Edgar Morin e sua epistemologia da complexidade que, como Freire, fala em nossa incompletude, nos levando a compreender o mundo como o mundo da vida, o que torna a prática pedagógica dialógica, democrática, solidária, emancipatória, intercultural. E voltando ao chamado fracasso escolar como se fosse devido às vítimas - as crianças e jovens das classes populares. Recorrendo a Vigotski, em seus conceitos de zonas de desenvolvimento proximal que tanto tem contribuído para

a superação da chamada dificuldade de aprendizagem. Em nossa intervenção traremos situações de nossa pesquisa, em que a professora atua no sentido de superação da situação de subalternização, que vitimiza tantas crianças, e outras situações em que fica clara a instalação de um processo de colonialismo interno, conforme encontramos em Pablo Casanova.

Palavras-Chave: Emancipação; resiliência; cotidiano escolar.

Résilience, pédagogie et politique

Alain Goussot (Universidade de Bologna-IT)

Les défis posés dans le domaine de la recherche par le concept de résilience concernent non seulement l'individu mais surtout son rapport avec la société et l'ensemble des rapports sociaux dans lesquels il est impliqué. On peut lire de manière pédagogique le processus de la résilience : la résilience est au fond un concept pédagogique car il s'agit d'un processus d'apprentissage qui se déroule dans certaines conditions écologiques de la vie du développement humain. Ce sont des choses sur lesquelles ont réfléchi aussi bien Célestin Freinet dans son 'Essai de psychologie sensible' et Paulo Freire dans la pédagogie des opprimés; on retrouve cette réflexion sur le lien entre apprentissage, communauté sociale et processus de reprise dans les travaux de pédagogues italiens comme Don Lorenzo Milani et Raffaele Laporta: ils ont une conception de la résilience (mots qu'ils n'utilisent pas) comme capacité d'apprentissage de la communauté de vie sociale, sur son processus d'autoéducation. Dans ses auteurs la participation au récit social de la communauté ouvre des espaces inédits de reprises pour des tissus sociaux déchirés et traumatisés par la violence et l'exclusion sociale provoquée par les inégalités. A cela se relie les analyses plus récentes de Urie Bronfenbrenner sur l'écologie du développement humain et aussi de Miguel Benasayag sur la centralité du concept de personne considérée comme un ensemble de rapports (avec dépassement de la conception d'individu); c'est aussi l'idée de la fragilité comme ressource sociale pour inventer et innover.

Mesa VI - A cultura como metabolização da violência

Resiliência: adaptação social ou solução estética para a violência?

Bernardo Monteiro de Castro (UFMG)

Ao longo da evolução do conceito de resiliência, desde a ideia das “crianças invencíveis” e “invulneráveis”, tanto o modelo de herói quanto o de crianças adaptadas socialmente a despeito de grandes adversidades foram, regularmente, referências idealizadas, portanto impostas de acordo com os valores de uma cultura. Seja com algumas variações de conceitos ou da dinâmica, a maior parte das teorias segue essa idealização, o que referenda uma aceitação de modelos que predizem um trajeto socioafetivo e padrões comportamentais.

Essa expectativa teórica sobre os padrões identificados como resiliência aceita uma imposição cultural sem assumir que toda imposição é uma violência. Ainda que a própria imposição dos padrões e leis culturais já seja uma violência em si, o que Freud chamou de castração, é a cultura que permite a organização da subjetividade e a vida amorosa e social com limites claros para o eu e para o outro. Portanto, temos a cultura como um modelo bom para a determinação dos padrões comportamentais ou como uma organização para o amor e o convívio. Em qual dessas condições pode-se pensar a resiliência? Se a cultura é um desafio (edípico e esfíngico) para o sujeito lidar com seus desejos e impulsos, então ela é uma adversidade universal para o ser humano desejante. Por sua vez, a competência para se lidar com a cultura, essa violência inevitável, passa a ser manifestação da resiliência. Contudo, essa proposição retoma o questionamento sobre a adaptação social para explorar o sentido da resiliência, ou seja, uma vez que a sociedade traz uma moral, e tantas teorias são moralizadoras por meio da valorização dessa adaptação, a resiliência tem sido pensada a partir de um modelo moralizador. É um caminho para o regozijo dos teóricos que ocultam uma vaidade heroica. Por isso, frente à violência da cultura e em busca do resgate do sentido existencial do sujeito por meio do reencontro com o desejo e com a impulsividade, a resiliência pode ser repensada. Se for assim, frente ao modelo moral, a resiliência é um recurso estético do ser humano, uma resposta sensível e não socialmente lógica para se lidar com própria violência e com a violência da sociedade, que esta legitima por meio da moral.

Palavras-chave: Resiliência; adaptação social; solução estética.

Comer a si mesmo e em seguida pedir a sobremesa

Maria de Lourdes Soares Ornellas (UNEB)

A violência na escola se manifesta pelo grito e silêncio, é descrita neste estudo a partir do mito do pai morto, utilizado por Freud na sua obra *Totem e Tabu*. (1912-1913) O declínio da função paterna na sociedade contemporânea, deixa o lugar da função paterna vazio, dando espaço à falta de representações com as quais os jovens possam identificar-se. É preciso escutar o lugar e a posição que a escola ocupa na formação do sujeito com relação ao manejo da violência. Nesse viés a escola acolhe as relações que se organizam no locus escolar, os restos de violência deixados na sala de aula, nos corredores, em que as câmaras registram os passos dados até o portão de entrada quando um grito emerge e um silêncio se anuncia daquilo que fez falta e aquilo que o outro fez faltar. A violência tem um nascedouro no mito, a correnteza se move pelo esgarçamento da pulsão e pela oferta de um modelo identificatório pautado pela violência e pelo gozo imediato no veio das duas faces da violência: – força inevitável presente na constituição subjetiva e na organização da cultura, e força aniquiladora e destrutiva dessas possibilidades, são atos que caminham de mãos dadas, atos manifestos na nossa cultura e civilização. A imagem embaça e não podemos ver o líquido que propõe Bauman (2001), quando fala da modernidade, razão por que estamos em busca do objeto perdido. Esse objeto que é sempre perdido encontra-se evanescente também na escola, e, se quisermos nos aproximar desse objeto, faz-se preciso chegar até a sala de aula para devorar a si mesmo

e canibalizar o outro. Na nossa cultura costuma-se chamar o ato violento quando o corpo e a pele são marcados, nomeada de violência física sem perder de vista a violência subjetiva, aquela que não se vê a olho nu. É uma violência sutil em que o professor x aluno; aluno x aluno cultuam através da indiferença, ameaça, reprovação, silêncio, grito e num dado instante insustentável presentifica-se a violência branca.

Palavras-chave: Violência; professor; aluno; gozo; cultura.

Mesa VII

Resiliência, preservação patrimonial, cultura e narrativa

Espaços da memória: as raízes como opções para a produção de novos sentidos na escola

Carmen Lúcia Vidal Pérez (UFF)

A presente comunicação trata de memórias e histórias compartilhadas. Entendo que compartilhar memórias é uma forma de reinventar a comunidade, de construir redes de solidariedade que, através do exercício de outras formas de relacionamento, nos possibilitam estabelecer novos modos de sociabilidade democrática e novas formas de criatividade social. Sendo o patrimônio um veículo de transmissão, conservação e reprodução da memória social (MAGALHÃES, 2005), aproximo-me do estudo do patrimônio, através da noção de *alfabetização patrimonial* – aqui entendida como leitura da *texturologia da cidade e as competências aprendidas coletivamente na escola de ler e conhecer os chamados bens de pedra e cal (patrimônio material) e ler, reconhecer, identificar e preservar um amplo acervo de expressões culturais (patrimônio imaterial)*- a esse respeito ver ARAÚJO, PÉREZ E TAVARES, 2009 - que, do nosso ponto de vista, permite a comunidade, reinventar o presente e projetar um outro futuro a partir das memórias e narrativas do passado. Entendo os estudos do patrimônio como um campo transversal do conhecimento que busca refletir e socializar a herança cultural de homens e mulheres – seu patrimônio cultural – construído em determinado contexto geohistórico. A presente investigação, ao focalizar uma ação instituinte de formação de professores - através do resgate da memória social e individual dos sujeitos de uma comunidade escolar -entende a escola como um espaço-tempo de resistência e como agência de produção de ações alternativas. Ações estas que sejam capazes de incorporar a complexidade das estruturas sociais contemporâneas que nos desafiam a ultrapassar fronteiras e limites. As diversidades de saberes que convivem no mesmo *espaçotempo* (a escola), solicitam um outro tipo de conhecimento: um conhecimento solidário e dialógico que reabilita vozes silenciadas, saberes destruídos e aspirações de povos e grupos sociais marginalizados, o *conhecimento-emancipação* em oposição ao *conhecimento-regulação*. As *raízes* (o passado) entendidas como *opções* mostram-se como possibilidade para a produção do *conhecimento-emancipação*. Portanto, ao propor resgatar a memória local, seus patrimônios e sua historicidade, coletiva e pública, dos fazeres cotidianos que transformam o espaço social em lugares de pertencimento, a pesquisa põe em

evidência a escola como lugar do discurso plural que se contrapõe ao discurso único, lugar de produção de alternativas - outros que não corpos dóceis e corpos estranhos; de conhecimentos alternativos - outros que não o de formar meros espectadores da história; e de subjetividades de resistência - *ações rebeldes* que revelam outras formas de *estar sendo*, modos de subjetivação-singularização que produzem narrativas alternativas. E é na busca de novos sentidos para a escola e para o fazer docente que caminhamos pelas trilhas das memórias de alunos e ex-alunos, professoras e ex-professoras da Escola Municipal Marechal Deodoro da Fonseca. O resgate da memória como uma prática de pesquisa procura articular memória e conhecimento, escavando saberes que a memória individual e social registra. Assim trançando os fios da memória da “Escola Deodoro” (em seus 100 anos de existência) com os fios da memória do lugar (bairro da Glória- Rio de Janeiro) e seus patrimônios, vamos tecendo com os sujeitos praticantes desse espaço (Certeau) uma rede de significações que singularizam uma história tecida coletivamente com fios das experiências individuais que ao se entrelaçarem reconstróem memórias e trajetórias num movimento de reinterpretação do vivido.

Palavras-chave: Memória; resiliência; patrimônio material.

Exemple de Résilience d’une ville: LA SEYNE SUR MER (France)

«Faire revivre un quartier ancien dégradé par des actions sur la culture et le logement»

Florence Cyrulnik (FR)

LA SEYNE-SUR-MER est située sur les bords de la Méditerranée, au fond de la rade de Toulon. C’est une ville de près de 60 000 habitants, la 2ème du Var et la 2ème de la Communauté d’agglomération Toulon-Provence-Méditerranée (environ 400 000 habitants). Vers le XII^e siècle, c’est juste un hameau de pêcheurs regroupés au fond d’une anse de la rade de Toulon, qui fabriquent leurs bateaux et développent au cours des siècles un commerce de cabotage maritime assez important pour que le roi Louis XIV reconnaisse l’individualité de LA SEYNE en 1657. Déjà s’élèvent sur le port initial quelques maisons de notables et une église paroissiale. Cette ville est connue depuis le XVII^e siècle pour son activité de construction navale, d’abord artisanale en bois, puis industrielle, en bois mais surtout en métal dès le milieu du XIX^e siècle. Pour suivre cette évolution, la ville s’agrandit par comblements successifs du littoral. Rapidement sa notoriété se répand en France et dans le monde, pour ses innovations techniques tant dans le domaine de la Marine Marchande que de la Marine de Guerre. Malgré la destruction quasi totale des Chantiers Navals par les bombardements de la seconde guerre mondiale, l’industrie reprend son essor pour atteindre son apogée vers 1960-70. Une telle dynamique entraîne l’afflux de travailleurs de tous horizons qu’il faut loger dans une vaste cité moderne au nord de la ville. Mais dans les années 80, la conjoncture économique mondiale entraîne le déclin de la construction navale en Europe, et la fermeture totale des chantiers navals en 1986 est un désastre économique et humain pour cette ville pratiquement consacrée à son activité industrielle. La catastrophe se ressent principalement dans le centre ancien de la ville, à l’arrière du site des chantiers démolis, et dans le quartier Nord de résidence ouvrière. Depuis une vingtaine d’années,

les municipalités successives essaient d'enrayer le processus de désertification du centre ancien (commerces fermés, logements vacants ou insalubres, populations déshéritées ...) en aidant à la réhabilitation du logement tout en tentant de créer une animation a centre ville (Ecole des Beaux arts dans un ancien hôpital, école de musique dans l'ancien couvent, réfection du marché provençal ...). Mais l'effort sur l'offre de logements à louer est insuffisant à redonner envie d'habiter dans le centre ancien. Actuellement, on renforce ce projet global de qualification autour d'un axe culturel fort, assez attractif pour faire venir au centre ville les habitants de la commune, et aussi de l'agglomération toulonnaise. Au principe qu'une animation purement commerciale serait illusoire en période de crise. C'est ainsi qu'on vient de restaurer deux maisons du XVII^e, autrefois dressées autour du port initial, donnant sur une place requalifiée, la place Bourradet. Dans l'une, la Maison du Patrimoine héberge les associations qui travaillent sur la mémoire de La Seyne-sur-Mer, son passé historique et architectural, et aussi son histoire industrielle, sociale et celle de ses nombreux travailleurs émigrés. Tout contre, la Maison de l'Image apporte une formation à ceux, de tous âges, qui s'intéressent à la photo, au film, à la vidéo pour réaliser des documentaires sur leur ville. En face, la Maison de l'Habitat permet d'informer et d'aider les habitants de toute la ville sur les problèmes du logement (conseils en architecture, aides financières, juridiques ...). Pour l'ensemble de cette rénovation, la ville de La Seyne-sur-Mer s'est vue décernée «Les Rubans du Patrimoine 2011» par la Fondation du Patrimoine, groupement de mécènes d'intérêt national. Outre la qualité exceptionnelle du bâti ancien et de sa restauration, c'est pour l'intégration de ce volet socio-culturel humain et identitaire que la ville de La Seyne-sur-mer a été félicitée. C'est dans une superbe maison du XVIII^e que nous venons d'inaugurer sur la place voisine la «Bibliothèque théâtrale Armand Gatti» recueillant près de 5 000 textes à destination des amateurs de théâtre. L'association gestionnaire héberge des écrivains en résidence, et intervient dans les écoles, les bibliothèques et même sur l'espace public par des spectacles d'arts de la rue. La ville offre ainsi au public ses plus belles maisons, fleuron de son patrimoine architectural. La présence de ces établissements culturels autour de l'Hôtel de Ville, à proximité de la desserte des navettes maritimes de la rade de Toulon, permet un passage de public dans des secteurs inanimés l'après-midi. Ce qui renforce la qualité de vie et la sécurité du Centre ville ancien. Et c'est alors que les actions de réhabilitation des logements deviennent efficaces, car c'est l'animation qui crée des lieux de vie.

El sujeto y saber: la institución y la cultura

José Antonio Serrano Castañeda (UPN/ME)

Resiliencia es un término relativamente nuevo que ha impactado a diversos campos de conocimiento: la psicología, la biología, la ecología, entre otros. La educación no ha sido ajena al término. Aunque parece que la psicología toma para sí el término, otras disciplinas reclaman el derecho de inclusión en sus respectivos argumentos, paradigmas, programas de investigación, o tradiciones teóricas. Más allá del amplio dominio, o imperialismo, de la psicología, la noción de resiliencia (que proviene de la física) emerge en un contexto de larga data sobre el papel del sujeto en la edificación de las instituciones sociales y la

construcción de la cultura en general. En la presente comunicación no haremos una lista sobre lo que caracteriza a los sujetos resilientes. Tomaremos una característica general, universal de los sujetos. Nos interesa poner a discusión la idea de sujeto como apertura al mundo y a la creación y recreación de significados. El sujeto activo, no inmóvil de las filosofías de la identidad aquel que en relación con los otros negocia los significados sociales y que al momento reconstruye la experiencia adquirida y se proyecta hacia el futuro. El sujeto proyecto que está a la par de las ideas filosóficas de formación y las relativas a las teorías modernas de la pedagogía, la formación continua. Es el sujeto que adviene en el trabajo de la construcción biográfica y que nos relata, con diversas dosis de conciencia la construcción del deseo de saber frente a los otros, pero también frente a sí mismo. El trabajo con (auto)biografía nos coloca en la posición de reconstruir y dar cuenta de los vaivenes en la configuración del deseo de saber de los sujetos en coordenadas temporales concretas. Saber que es proyecto de saber y de construcción de certezas en procesos de institucionalización de acciones concretas en la realización de sus prácticas profesionales. La resiliencia se encuentra ligada a las acciones cotidianas que los sujetos viven en relación a las pruebas, ordalías, que los actores sociales viven en prácticas sociales ligadas a campos de conocimiento concreto, no es una característica esencial de sujetos especiales dotados, adviene en la relación con los otros.

Palabras clave: Resiliencia y deseo de saber, sujetos, campos de conocimiento.

Mesa VIII

Estratégias de Enfrentamento dos Impactos do Cotidiano de Profissionais de Saúde em Emergências

Olavo Santos Cabral (CN-RJ)

Paulo de Tarso Monteiro Abrahão (CGUE/DAE/SAS/MS - SA)

Ao se fazer diagnóstico loco regional da Região Metropolitana II do Rio de Janeiro, (Niterói, São Gonçalo, Itaboraí, Marica, Tanguá, Rio Bonito e Silva Jardim), conclui-se que a mesma possui recursos de saúde (fixos e móveis) voltados para o atendimento emergencial, porém mesmo que ações na área de RH e tecnológicos foram implantados, mesmo havendo grande parcela com planos de saúde, mesmo a proximidade da capital do Estado, o atendimento ainda é precário. Alia-se a preocupação da implantação de Polo Petroquímico na região, que acarretará intenso fluxo migratório (cerca de 500.000 pessoas), impactando nos sistemas educacionais, habitacionais, mobilidade urbana, segurança pública e saúde. As estatísticas de morbimortalidade são preocupantes pois as patologias que podem e deveriam ter resolução na rede básica acabam por sobrecarregar as emergências. E é no atendimento nestas emergências que, por falta de ambiente adequado, equipamentos, fluxos, protocolos, hierarquia, capacitação e treinamento, submete o paciente, já fragilizado, em vítima de novo trauma. Trauma emocional este vivenciado por todos que ali se encontram: pacientes, trabalhadores, famílias. Com a evidencia desta realidade busca-se subsidiar os gestores na elaboração e implantação de

políticas públicas que também contemplem essa face das urgências, a qual traz danos graves e de difícil solução.

Mesa IX

Resiliência: transformações subjetivas através da arte

Subjetividades juvenis e artes de fazer

Marlos Alves Bezerra (UFRN)

O trabalho objetiva discutir resiliência enquanto uma processualidade que se produz em âmbito coletivo. Parte-se do pressuposto que a resiliência não é um estado “final” conquistado, a produção de uma subjetividade monolítica. O texto divide-se em três partes: Na primeira, narram-se algumas histórias de Jovens de Natal e Recife em suas artes de fazer. Excetuando-se a personagem Jade, temos acompanhado a vida desses jovens ao longo dos últimos nove anos. Na segunda empreende-se a discussão sobre violência e subjetividade focalizando a discussão sobre os impasses na produção de sujeitos jovens nas periferias urbanas. A terceira parte do capítulo problematiza os coletivos juvenis das periferias urbanas e os possíveis efeitos políticos de suas ações através da arte. A discussão desdobra-se em que medida tais manifestações artísticas teriam a possibilidade de serem compreendidas como um processo resiliente. Processo em aberto, cuja aposta é em continuar produzindo uma arte de pensar, de sentir e de agir sobre si mesmos e suas histórias.

Palavras-chaves: Resiliência e juventudes; hip hop e histórias de vida em coletividade; periferias urbanas.

Resiliência, cultura e arte: estratégias de sobrevivência criativa

Sandra Cabral Baron (UFF)

O presente trabalho situa-se no campo de estudos sobre resiliência na área das ciências humanas, que procuram identificar as condições sob as quais sujeitos em situação de extrema privação ou adversidade obtêm êxito em retomar ou dar continuidade a uma existência de criação, produtividade e desenvolvimento. Seu objetivo consiste em colocar em evidência quais são as práticas sociais que favorecem a expressão das estratégias de resistência e sobrevivência criativa ao traumatismo insidioso provocado pelo contexto de uma realidade social excludente e discriminatória, sobre a qual as políticas públicas em vigência incidem com insuficiente eficácia. Nossa proposta de abordagem do tema diferencia-se de sua concepção tradicional, na medida em que trata a resiliência como um mecanismo não meramente psicológico, mas que se refere a políticas do cotidiano favoráveis a construir o espaço de retomada a algum desenvolvimento, ao movimento de investimento na vida, para além da sobrevivência - aquilo que possibilita transformar uma violência sem sentido e sem resposta em uma reação plena de significação e plasticidade, ainda que afetada pela dor. O mecanismo de favorecimento ao processo de resiliência

teria então que se dirigir ao estabelecimento de recursos, produzidos pelo ambiente, de acolhimento, isto é, de negociação com as forças produzidas pela adversidade – revolta, isolamento, vergonha, ódio ou medo - para a saída da imobilidade provocada pela dor e pela desesperança e reinstauração de um estado de vitalidade e atividade do sujeito. O debate sobre a resiliência apresenta-se então como uma das formas de investigação a respeito da articulação entre redes sociais e práticas de inclusão. A pesquisa tem evidenciado, com espantosa frequência, o papel primordial com que o humor, a expressão artística e as manifestações de expressão cultural, exercem na produção de marcas de resiliência, na medida em que possibilitam a formação de redes de afirmação da vida, a produção de uma forma de expressão para o indizível produzido pelo traumatismo e, como efeito, uma mudança na posição subjetiva de pessoas em situação de risco social e psíquico. A partir dessa perspectiva, a discussão sobre a resiliência transborda para diversos campos e procura evidenciar a intervenção da cultura e da arte como práticas políticas de produção de subjetividades. Nesse campo, estão incluídos projetos culturais realizados com crianças em situação de risco, o que abrange iniciativas oficiais e não oficiais na área de cultura, ações sócio-culturais na área médica. Um estudo de caso, construído da pesquisa-ação resultada da cooperação do Grupo de Pesquisa Rede Resiliência com o Ponto de Cultura da Orquestra de Cordas da Gruta do Surucucu, é apresentado como o pano de fundo de nossa discussão. A metodologia da pesquisa que dá subsídios ao trabalho envolve práticas de interlocução: entrevistas, observação participativa, escrita conjunta, organização de um banco de dados de trabalhos, estudos e projetos sócio-culturais ligados aos processos de resiliência. O principais produtos da pesquisa em exposição nesta mesa consistem num pequeno documentário, confeccionado como material de consulta, e dispositivo virtual – em construção como banco de dados – acessível no portal [rederesiliencia](http://rederesiliencia.org) .

Palavras-chave: Resiliência; Cultura; Arte; Subjetividade.

Resiliencia: sujeto y configuración profesional

Juan Mario Ramos Morales (UPN/ME)

El propósito de este texto es mostrar la forma en que algunos administradores se constituyen en personas que han superado obstáculos, resilientes. La argumentación se nutre primordialmente a partir de entrevistas a profundidad con los actores y la elaboración de trayectorias de los sujetos. A partir de ello doy cuenta de los efectos de la construcción de subjetividad en el proceso de formación en ámbitos familiar, escolar y laboral. El trabajo con la construcción de las trayectorias de los sujetos sobre sus propios procesos de formación nos permiten, al investigador y al propio actor, estar en posibilidad de reconstruir escenas, momentos de la vida en los que, de manera inesperada, los sujetos enfrentan adversidades y, a partir de ello, se reconstruyen. Son las vivencias de los sujetos, la forma como viven y se relacionan con los otros y con las adversidades, las que ilustran la manera en que se erigen como sujetos en el ámbito de las acciones de ayuda a otros. Al situarme desde la perspectiva de la construcción de trayectorias de vida, me sitúo en el ámbito de la reconstrucción de reflexiones y experiencias de los sujetos en el proceso

de configuración del ser profesional. Este proceso conlleva los saberes y las prácticas, no sólo en los ámbitos profesional e institucional, sino también los ligados a los entornos de cotidianos de formación: las adversidades, las pruebas, los aprendizajes son revelados vía la narrativa de sujetos que se han posicionado en una acción profesional de ayuda a los otros. En otras palabras, doy cuenta de la forma como los sujetos interactúan en los diferentes entornos de formación y laborales así como de los procesos de configuración y reconfiguración de su acción profesional que los llevó a transitar de entornos laborales empresariales a insertarse en organizaciones del tercer sector.

Palabras clave: Resiliencia; formación; trayectorias; sujetos; configuración profesional.

Mesa X

Histórias de vida, resiliência e subjetividade

Résistance au récit, récit de résistance: l'accompagnement au récit de vie en situation extrême

Christine Delory-Momberger (Université Paris 13)

Le propos de l'intervention est d'interroger les conditions et les enjeux du récit de vie dans les situations extrêmes et de mener une réflexion sur les pratiques d'accompagnement au récit dans de telles situations. Comment les situations de marginalité, de précarité, de violence, de souffrance peuvent-elles être racontées, lorsque les forces même de la vie et de l'être sont atteintes d'un point de vue physique, psychique, moral? Pour les hommes et les femmes blessés par la vie et par le monde, en quoi le récit est-il *possible*, et s'il l'est, en quoi peut-il constituer un acte de résistance, un lieu de reconstruction de soi et du monde autour de soi? L'accompagnement au récit de vie en situation extrême pose des problèmes particuliers liés aux forts enjeux à la fois personnels et sociopolitiques de telles situations. On montrera qu'il consiste d'abord à retrouver les voies d'une *reliance* entre les individus et le monde social extérieur, entre soi-même et les autres dans un monde de nouveau "commun".

Narrar e dar sentido à existência: percursos de resiliência

Maria da Conceição Passeggi (UFRN)

Em seus estudos sobre a resiliência, Boris Cyrulnik (2001) defende que as representações de um acontecimento e de si mesmo dependem da maneira como o indivíduo consegue historicizar uma experiência traumática, por ele vivida. Às vezes, em determinadas circunstâncias, a cultura pode atribuir a um mesmo acontecimento a significação de um fato heróico, em outras, a de um ato indigno. Haveria desse modo uma estreita vinculação entre resiliência, cultura e representação de si. Portanto, para Cyrulnik (2001, p.224) "falar de resiliência em termos de indivíduo constitui um erro fundamental". Numa sociedade em que os indivíduos são levados a crer que devem buscar neles mesmos, os recursos para tomar em mãos a sua própria vida, como acontece nos dias atuais, cabe-nos questionar,

de acordo com o convite que nos faz Cyrulnik, como se estabelecem as relações entre a capacidade de reflexão do indivíduo e o que a cultura lhe oferece para pensar sua própria existência. Propomos apresentar uma reflexão sobre o interesse das narrativas autobiográficas para o estudo das relações entre resiliência, cultura e representação si, a partir de trabalhos conduzidos em nossa Base de pesquisa (GRIFAR|UFRN-CNPq). Admitindo com Bruner (1997), que o significado é o conceito central de uma Psicologia, verdadeiramente humana, buscamos compreender como as pessoas negociam o sentido para dizer como seus mundos são e como transitam nesses mundos. Nesses trabalhos, focalizamos as vozes de grupos que sofrem processos de exclusão social: professores surdos de Libras (GIANINI; PASSEGGI, 2010); crianças hospitalizadas com doenças crônicas (ROCHA; PASSEGGI, 2011); adolescentes abrigados em situação de vulnerabilidade social (PEREIRA; PASSEGGI, 2011); jovens que vivenciaram o trabalho infantil na zona rural (ASTIGARRAGA; PASSEGGI, 2012). As análises confirmam a centralidade do ambiente cultural (afetivo, social, linguístico...), de suas crenças e valores, para os processos de ressignificação dos acontecimentos como estratégia de promoção da resiliência. Elas nos levam a sugerir que a reflexividade autobiográfica enquanto capacidade humana se desenvolve (ou se atrofia), ao longo da vida, mediante as histórias que contamos (e ouvimos) sobre nós mesmos. Na construção do enredo que religa fatos e personagens, o olhar do outro surde como elemento fundamental para a (re)constituição da memória e abertura de horizontes de expectativas, suscetíveis de dar um outro sentido à existência.

Palavras-chave: Resiliência; narrativas; reflexividade; representação de si.

Histórias de vida, resiliência e cultura: interfaces entre pesquisa e formação

Elizeu Clementino de Souza (UNEB/CNPq)

O trabalho socializa experiências de pesquisa e formação construídas coletivamente no espaço do GRAFHO/PPGEduC - Grupo de Pesquisa Autobiografia Formação e História Oral -, vinculado à Linha de Pesquisa II – Educação, Práxis Pedagógica e Formação do Educador -, no domínio da abordagem experiencial e das histórias de vida, em interface com questões sobre a resiliência. Os projetos e/ou atividades desse grupo se constituem no domínio das histórias de vida e da pesquisa (auto)biográfica como férteis para conhecer, numa outra perspectiva e de um outro lugar, o cotidiano da escola e, conseqüentemente, a formação de professores na contemporaneidade. O recorte aqui apresentado busca verticalizar questões relacionadas à escrita, as dimensões de formação e a apreensão de formas de enfrentamento vividas pelos sujeitos em suas trajetórias de vida-formação. A referência de análise centra-se nas pesquisas ‘Diversas Ruralidade – Ruralidades diversas: sujeitos, instituições e práticas pedagógicas sobre educação rural na Bahia’ e na pesquisa ‘Memória e histórias de educadores baianos’, na tentativa de sistematizar relações possíveis entre entrevistas narrativas, histórias de vida, resiliência, cultura e subjetividade. Buscarei também destacar a diversidade de fontes e procedimentos de pesquisas vinculados à pesquisa (auto)biográfica no campo educacional, em interface com a resiliência e a cultura no espaço escolar. As práticas de pesquisa e formação com histórias de vida

têm adotado uma variedade de fontes e procedimentos de coleta, agrupado-as em duas dimensões, ou seja, os diversos documentos pessoais (autobiografias, diários, cartas, fotografias e objetos pessoais) e as entrevistas biográficas, que podem ser orais ou escritas. A ampliação e consolidação dos domínios da pesquisa (auto)biográfica passam por essas diferentes questões e buscam firmar-se, ao tempo em que permite aos pesquisadores implicados com a abordagem superar fragilidades, críticas e reducionismos às práticas de pesquisa/formação no âmbito das histórias de vida.

Palavras-chave: Resiliência; histórias de vida; (auto)biografia; ruralidades.

Exposição

IMAGENS DE MANGUEIRA: histórias orais e fotografia

O mundo precisa conhecer a história das pessoas daqui. Tem gente que pensa que Mangueira é tráfico ou escola de samba. No meio de tudo isto está a comunidade que ninguém conhece.

Esta demanda de Celso, morador da comunidade da Mangueira, marca o início de nossa pesquisa em 2003 nesta comunidade. Aliando-se à afirmação de força comum deste lugar, em momento de invasão pelo Tolerância Zero, do Estado, e pela violência midiática no Rio de Janeiro, esta pesquisa percorreu muitos caminhos, acompanhando tempo dos pobres, um tempo lento, o da diáspora cultural e política das classes populares. É tempo sem a pressa do capital, sem medo dos muros, que aposta em novos espaços-tempos do *comum*. Muitas histórias foram contadas, se fizeram conhecer, persistem em se fazer conhecer. Estas histórias têm uma singularidade: são narradas em comum, num coletivo que se chama Papo de Roda. Nesta exposição temos fragmentos das histórias de muitos moradores, exercitando cumplicidade entre foto e histórias de vida, a partir de outra demanda dos moradores que D. Maria bem expressou:

- Pobre só tem foto quando é preso. Aí ele aparece no jornal.

Começamos a pensar na *fotografia* como outro instrumento aliado à *história oral de vida em comum* para fazer nosso trabalho. E encontramos um modo de intervir na violência midiática denunciada por D. Maria. Interessante esta composição entre fotografia e história de vida, com imagens suscitadas pelo biográfico e pela foto. Pode-se dizer ... como as histórias de vida...as fotos? Ou pode-se dizer: ... das histórias tomadas às imagens; as histórias-imagens ou as imagens histórias? Mangueira *comuniza* a potência de experiências de vida. Afirma os rastros da cidade, pistas da humanidade das culturas. Mostra a “alma do morro, sua vida, sua gente”. Mostra um humano que conhece a liberação do trágico, da cultura que pede passagem. Aqui os conceitos se misturam, com vontade de viver a vida. A cidade partida, a cisão asfalto / favela se misturam à felicidade não obrigatória, que esmiuça o sofrimento de outro modo. São festas-ações contra o capital, vale o que está dito. Ninguém tem nada com isto. A “comunidade *cai na boca do povo*. Fotos e histórias de vida, processo de figuração imagética, *comum*, composição singular, seus fluxos invisíveis e indizíveis mostram um *comum*, que trama, maquina,

mobiliza imaginação, criatividade, inteligência, afetividade, conexão entre culturas na cidade.

Coordenação e organização da exposição

Dra. Lúcia Maria Ozório Barroso
UERJ/FCC-RJ; Laboratório EXPERICE (Paris 8 e Paris 13);
Laboratório LIPIS/PUC-RJ
Maria da Conceição Paz (Psicóloga participante da pesquisa)
Lúcia Ozório e Rafael Serra: fotógrafos

Moradores da Mangueira: Ângela Maria da S. Muniz; Adriana, Ariquernam Benedito F.de Souza; Benilson, Celso Reis Filho; Danilo de Souza Clemente; Donária Rosa de Jesus Maximo; Elaine Cristina F. T. da Cunha; Esmediária Santos de Senna; Esmeniária de Souza Teles; Francisco das Chagas Fernando P. Basilio; Glauce Cristina de Souza, Jamile Figueiredo dos Santos; Jaguaracy, Janete Nunes Pontes; João Batista Suhel; Jorge Costa; José Gomes; José Gonçalo da Costa; Maicon, Maria de Lourdes Dias de Lima; Mestre Robson e Denise (Ong Mestre Robson); Patricia Oeiras dos Santos, Risolene Gomes de Araújo; Rosemary de A.Figueiredo; Silvina das Graça Pereira; Sonia Gabriela R. Pereira; Vovó Lica, Yaúca.

**Resumos das Sessões
de Comunicações
Coordenadas**

Sessão I - Resiliência e prevenção da violência: estudo epidemiológico

Fernando Faraco

Tania Esther Herc Holmer dos Santos

Centro Estadual de Vigilância em Saúde/RS

dant@saude.rs.gov.br

tania-santos@saude.rs.gov.br

Nestas últimas décadas, um dos principais desafios em saúde pública dos países em desenvolvimento é definir e implementar estratégias efetivas para a prevenção e controle das doenças e agravos não transmissíveis, isto em parte, por que políticas públicas que nitidamente deveriam trabalhar de forma conjunta e articuladas, não o fazem. Ao longo do ano de 2009 com o avanço da pandemia da gripe A H1N1, foi organizado um mutirão de ações que envolviam diversos setores e políticas públicas. Graças a esse esforço conjunto o caos não se instalou. Ou seja, é possível um trabalho organizado desde que as pessoas sejam orientadas e se disponibilizem para a tarefa conjunta. A violência é mais letal que o vírus da gripe, as mortes em circunstâncias violentas acontecem diariamente. Diante deste panorama em 2010, o Estado do RS iniciou a notificação/investigação dos casos suspeitos ou confirmados de violência doméstica, sexual e outras violências dos serviços de saúde no SINAN (Sistema Nacional de Agravos de Notificação). No período de 2010 a 2012 nosso banco de dados já conta com 18.289 notificações, demonstrando a relevância do tema e tornando possível realizar o perfil epidemiológico da violência e contribuindo para fomentação de políticas públicas que amenizem o sofrimento das pessoas em situação de violência.

Palavras-Chave: Resiliência, Violência, Epidemiológico.

Sessão II - Como reconstruir sua história de vida na adoção

Veronica Chaves

Tais Cesca

Estela Franco

OSCIP ACOLHER Porto Alegre

A trajetória inicial das crianças adotadas é, invariavelmente, marcada pelo abandono, violência doméstica – negligência, maus-tratos, abuso sexual. Foram em um primeiro momento afastadas do convívio familiar e social, relegadas a uma situação de esquecimento de sua própria origem, muitas vezes traumática e enlouquecedora. Desde as primeiras aproximações com estas crianças, se nos permitimos entrar em contato aprofundado com cada uma delas, as diferenças se ressaltam. Mesmo com um contingente fértil e uma evidente produção de múltiplos sintomas e reações às situações traumáticas vividas, muitas vezes nos flagramos surpresas com a saúde mental de muitas delas. Tal fato confirma que a relação causa/efeito frente às vivências traumáticas é muito subjetiva e depende de uma série de fatores. Dentre as estratégias de resiliência, a reconstrução da história de vida, antes e depois da adoção, é uma das necessidades de muitos sujeitos adotados. São muitas as demandas com relação à investigação a cerca da

busca das origens sociais, familiares, genéticas e biológicas. Os que tiverem a chance de reconstruir a história familiar, passarão pelo momento de encaixar este ‘quebra-cabeças’ de suas origens. Os questionamentos, as decepções, a tensão, surgirão, provavelmente, com a adolescência, como necessários à organização de sua identidade (Nabinger, 1997). Para ilustrar este caminho de reconstrução da origem antes e depois da adoção traremos casos clínicos que envolvem o acompanhamento de crianças/adolescentes no período de Acolhimento Institucional e posteriormente em suas famílias adotivas.

Palavras-Chave: Resiliência, Abandono, Adoção.

Sessão III - Resiliência e transtornos graves de personalidade

Adriana Dal’ Pizol

Lucas Lovato

Hospital Psiquiátrico São Pedro/Porto Alegre

A abordagem de pacientes complexos, vítimas da violência e maus tratos, envolve a busca de estratégias de tratamento amplas e diversificadas, contextualizadas num processo de reconstrução de mundo interno e realidade externa. Já que o Transtorno de Personalidade Borderline está diretamente relacionado a vivências infantis traumáticas e a modos particularizados de experienciar tais realidades, podemos aferir que a capacidade de resiliência é a condutora das respostas que o indivíduo constrói. Após dez anos de acompanhamento a pacientes com Transtorno de Personalidade Borderline, no ambulatório do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, apresentamos uma proposta de tratamento que é o resultado de vários anos de trabalho e amadurecimento da técnica, onde estudamos e buscamos identificar tanto os fatores de risco quanto de proteção a vivências traumáticas, oferecendo uma condição terapêutica multidisciplinar que visa impulsionar o processo de resiliência nesses indivíduos.

Palavras-Chave: Resiliência, Trauma, Transtornos de Personalidade

Sessão IV - Resiliência e atendimento em saúde mental de crianças e adolescentes

Nadia Regina Stella

Secretaria Municipal de Saúde – Prefeitura Municipal de Porto Alegre-RS
nadiastella@sms.prefpoa.com.br

Rosneila Soares

Prefeitura Municipal de Porto Alegre-RS
rosneila@via-rs.net

Sílvia de Oliveira Martins

Prefeitura Municipal de Porto Alegre-RS
katitomz@terra.com.br

Esta apresentação mostra a experiência do Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência Casa Harmonia de Porto Alegre, Rio Grande do Sul em abordar a resiliência, em como é identificada a presença dessa condição nos usuários e nas suas histórias de vida e o quanto ter resiliência pode mudar o desfecho de suas trajetórias. As situações de sofrimento psíquico, falta de proteção e desamparo chegam junto com o pedido de ajuda das crianças, adolescentes e de seus pais ou responsáveis no cotidiano dos serviços de saúde mental. As situações estressantes vivenciadas causam forte impacto e obrigam estes indivíduos a reagirem e suas respostas podem ser adaptativas ou não. Trazemos um relato de experiências elaborado a partir das práticas desenvolvidas pela equipe interdisciplinar do CAPS i, partindo de uma reflexão histórica sobre a forma de como se trabalha e como os atendimentos são conduzidos. Da mesma forma como atribuímos o conceito de resiliência para definir as características de indivíduo diante das adversidades da vida, o quanto podemos aplicar também esse conceito quando se trata de gestão de pessoas e gestão de uma instituição de saúde mental, pois muitos da equipe multidisciplinar podem não conseguir ser resilientes, suportar as pressões e lidar com o sofrimento alheio sem que isso lhes afete, já outros, apresentam flexibilidade diante das adversidades. Estes, apesar das situações potencialmente estressoras, têm a elasticidade para suportar a dor do outro e construir novos sentidos e ações. No cotidiano do CAPS, trabalhar com o conceito de resiliência tem mostrado, ao longo dos anos bons resultados modificando positivamente os percursos, reparando traumas e gerando novas significações de vida através de fatores promotores de resiliência, sendo portanto o CAPS i promotor de fatores protetores ao indivíduo e sua família. Refletiremos, à luz da teoria da Resiliência de Boris Cyrulnik. Nesta apresentação queremos mostrar como, através de um ambiente organizado, afetivo, capaz de suportar o caos interno que o indivíduo carrega, e, a partir do vínculo estabelecido vamos construindo as possibilidades de cada um poder resilir...

Palavras-chave: CAPS; equipe interdisciplinar; saúde mental; gestão; resiliência; fatores promotores; protetores

Sessão V - Dois casos à luz da teoria da resiliência

Andrea Campos Padilha

Secretaria Municipal de Saúde – Prefeitura Municipal de Porto Alegre-RS
and7150@gmail.com

Marta Kops Xavier

Secretaria Municipal de Saúde – Prefeitura Municipal de Porto Alegre-RS
mkxavier@terra.com.br

Rosecler Tavani Kich

Secretaria Municipal de Saúde – Prefeitura Municipal de Porto Alegre-RS
roseclerkich@gmail.com

Luciane de Almeida Pujol

Secretaria Municipal de Saúde – Prefeitura Municipal de Porto Alegre-RS
lucapujol@gmail.com

O presente trabalho apresenta o relato de dois casos clínicos, de crianças e adolescentes, nos quais identificamos um processo de desenvolvimento, que mesmo expostos às mazelas, encontram cor e sentido para as suas vidas, o que podemos denominar de comportamento resiliente. Nossas reflexões estão ancoradas nos estudos desenvolvidos por Winnicott, referente à teoria do desenvolvimento emocional primitivo, e na teoria acerca da resiliência, amplamente trabalhada por Cyrulnik. Desta forma nosso desafio é transformar nossas experiências cotidianas de trabalho, em um CAPS I de Porto Alegre, em material de análise, buscando compreender e, assim, contribuir para a produção de conhecimento acerca do fenômeno da resiliência. Trabalhamos com situações de risco social e emocional, nas quais à negligência, abuso físico, psicológico é uma constante; encontrar formas e saídas menos dolorosas para tais ocorrências é um dos objetivos que norteia a nossa ação. Na história das crianças atendidas no CAPS I, identificamos muitas rupturas. São vidas marcadas por abandono, violência, ambiente familiar e/ou institucional desorganizado, presença da doença mental, entre outros; ocorrendo a dissolução ou ainda o dilaceramento dos laços familiares. Quando a criança ou adolescente chega ao CAPS I é porque, em algum momento, houve falhas no seu processo de desenvolvimento psíquico. A resiliência difere significativamente da idéia de adaptar-se a situações difíceis, mas sim encontrar saídas criativas, que possibilitem ao sujeito “metamorfosar a dor”. Perseguimos, ao longo do tratamento, a idéia de que sempre é possível dar novos sentidos às tragédias familiares. Para algumas crianças o CAPS I representa a família produtora de resiliência, atribuindo um novo sentido às adversidades, um outro olhar. O trabalho no CAPS I tem como objetivo o fortalecimento do paciente para o exercício do autocuidado, da autonomia, ampliando-se o projeto existencial e auxiliando, assim, a recompor a trama da sociabilidade, que inclui o estabelecimento de trocas e cooperação familiar, escolar e com demais instituições. Partindo destas considerações, o estudo dos casos clínicos de Pedro e Lucas (nomes fictícios) nos permitiu fazer os enlacs existentes com o conceito de resiliência.

Palavras-chave: Resiliência; Psicanálise; CAPS; Saúde Mental; Criança; Adolescente

**Resumos das
Comunicações Individuais
por Eixo Temático**

Eixo I. Políticas Públicas, Trabalho e Inventividade

Resiliência como ferramenta para uma educação de qualidade

Ana Maria El Achkar

Marsyl Bulkool Mettrau

Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO

anaelachkar@yahoo.com.br

O presente estudo faz uma revisão teórica do conceito de resiliência para ampliar a divulgação e importância do tema tendo como objetivos investigar e identificar características resilientes em professores do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Participaram da pesquisa 200 professores em exercício de função no ano de 2010 em escolas localizadas nos municípios de Niterói, São Gonçalo, Magé, Cachoeiras de Macacu, Bom jardim, Maricá, Saquarema e Araruama pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro. Do total da amostra, 107 exercem função na rede de ensino estadual e 93 na rede particular. A amostra é composta por sujeitos compreendidos em diferentes faixas etárias entre o intervalo de 18 a 50 anos. Foram verificadas variáveis sócioeconômicas como: idade, gênero, tempo de magistério e formação, a nível de: Ensino Médio, Especialista e Pós-Graduado de cada participante para possíveis correlações e associações. Não houve distinção de sexo, estado civil, religião ou outra variável seletiva ou uniformizadora. Fez-se a opção pelo uso de uma metodologia quantitativa e, quando necessário, as análises de alguns aspectos qualitativos foram abordados. Como instrumento, foi utilizado um questionário específico contendo trinta questões fechadas e formuladas de acordo com o que se deseja pesquisar, permitindo identificar o nível de estagnação (termo empregado pelo autor) destes professores. Para Henderson e Milstein (2005), quanto menor o índice de estagnação maior presença de características resilientes possui o professor. As questões são distribuídas em três categorias A=Conteúdo (o trabalho tornou-se uma rotina), B=Estrutura (sensação de que a organização não oferece oportunidades para o avanço ou crescimento) e C=Vida (sensação de que a vida é demasiado previsível ou insatisfatória). A existência de características resilientes nos professores que compuseram a amostra foi identificada sempre que os resultados se apresentaram com médias numericamente baixas, a partir da soma dos escores. O conceito da Resiliência faz referência a pessoas que conseguem viver bem, utilizando a flexibilidade e a criatividade mesmo passando por dificuldades, possibilitando a superação, não a eliminação de um problema, através da resignificação do mesmo. Os resultados apontam para a presença de características resilientes nas categorias A, B e C de formas diferentes em cada escola pesquisada, sempre que os resultados se apresentaram com médias numericamente mais baixas após a soma dos escores.

Palavras-Chave: Resiliência; Criatividade; Flexibilidade; Educador Resiliente

Círculo Restaurativo: um novo espaço de pacificação para adolescentes em conflito com a lei de prevenção da violência

Andrea Tourinho Pacheco de Miranda

Faculdade de Direito Rui Barbosa

andreatourinho@gmail.com

Nilton de Oliveira

Secretaria Estadual de Educação

niltonde@uol.com.br

O presente trabalho tem como escopo demonstrar a importância do Círculo Restaurativo, uma das práticas utilizadas no procedimento de Justiça Restaurativa, aplicadas a adolescentes em conflito com a lei, bem como sua utilização como mecanismo de prevenção em escolas com alto índice de violência. O Círculo Restaurativo é um espaço dialógico de resolução não violenta de conflitos, tendo como participação o adolescente em conflito com a lei, além da vítima, ou ainda quem tenha ligação direta com o ato praticado, permitindo, assim, que todos os envolvidos possam expressar seus sentimentos e refletirem sobre as consequências que suas ações provocaram na comunidade. No âmbito da prevenção, o Círculo Restaurativo, pode também ser aplicado em escolas com índice de violência elevado, com incidência de bullying, atitudes agressivas adotadas muitas vezes entre jovens dentro do ambiente escolar. Nosso estudo consiste em investigar a efetivação dos círculos restaurativos como estratégia de intervenção e prevenção em diferentes esferas, mas tendo um público-alvo em comum, qual seja, o adolescente em conflito. Analisando os mecanismos e práticas restaurativas, pode-se reponsabilizar o adolescente em conflito com a lei e identificar as causas que geraram o ato infracional, evitando a reincidência ou a aplicação de uma medida sócio-educativa mais rigorosa. Por outro lado, no âmbito da prevenção da violência nas escolas, permite-se que o jovem em conflito, juntamente com educadores e a família, possam enfrentar o fenômeno do bullying, evitar situações que geram violência e encarar o problema com maior profundidade. Nesse passo, pode-se com maior precisão, se demonstrar como os Círculos Restaurativos contribuem para o desenvolvimento positivo do adolescente em conflito com a lei, além de se poder alcançar um melhoria do clima escolar e ambiente familiar. Com os acordos realizados e consequente restauração das relações pós-círculo, permite-se consagrar a medida como meio alternativo de pacificação de conflitos e reconhecer sua importância para o estudo da alteridade e do processo de resiliência entre jovens. Por fim, a prática do Círculo Restaurativo, permite apontar diversos fatores que contribuem para a violência, como a falta de inclusão do adolescente no mercado de trabalho, da deficiência de políticas públicas voltadas para jovens em conflito com a lei, dificuldades por parte das escolas e da família em lidar com a realidade, sendo os Círculos Restaurativos e a educação em valores humanos uma das estratégias de enfrentamento e prevenção da violência urbana.

Palavras-Chave: Círculo Restaurativo; Justiça Restaurativa; Adolescente em conflito com a lei; Prevenção da violência; Bulling

Caminhos e trilhas do método científico: a resiliência na perspectiva do materialismo histórico e dialético

Cláudia Elizabete da Costa Moraes Mondini

Secretaria Municipal de Educação de Ladário – MS

claudia.modnini@uol.com.br

Este trabalho objetiva desnaturalizar os processos de resiliência e lhe atribuir materialidade por meio de uma classificação teórica. O método utilizado foi o materialismo histórico e dialético e a estratégia de pesquisa a revisão de literatura. A maioria dos estudos disponíveis são assistemáticos e divergem na interpretação do fenômeno, contudo as pesquisas sobre o tema tem se mostrado crescentes no Brasil, embora venham pautando-se basicamente na literatura internacional. Sob a perspectiva materialista histórica e dialética, para alcançar a essência do fenômeno é necessário ultrapassar a pseudoconcreticidade, que concebe a resiliência de forma naturalizada e descontextualizada aproximando-a do individualismo neoliberal. O estudo dos fatores de risco e de proteção precisa considerar sua relação dialética e as contradições da sociedade capitalista, o que influencia na apreensão da realidade concreta, na construção da subjetividade e na promoção da resiliência. Para evitar uma visão estanque e levar em consideração o caráter histórico e dialético destes fatores, neste estudo eles serão compreendidos como mecanismos mediadores de risco e de proteção. Com o objetivo de contribuir para os avanços dos estudos sobre o construto da resiliência e permitir um corte epistemológico, foi realizada uma sistematização de alguns estudos através de uma separação teórica em três caracterizações bem distintas: a) abstratas e acrílicas; b) interacionistas e c) críticas e materialistas históricas. Para as tendências abstratas e acrílicas a resiliência é compreendida como traços herdados, o foco está no indivíduo. Para as interacionistas há uma evolução e a resiliência é concebida como um processo que envolve características do indivíduo e sua relação com o meio. As tendências críticas consideram questões sociais e questionam a naturalização e os determinismos presentes em alguns estudos. As tendências materialistas históricas compreendem a resiliência como um processo de construção social, mediado por mecanismos de risco e de proteção, o que ocorre de forma dialética durante toda a vida dos sujeitos e que está diretamente relacionado às condições vivenciadas na sua realidade concreta. Nesta perspectiva a resiliência pode ser compreendida na sua materialidade como síntese dialética de múltiplas determinações, percebendo-se uma relação entre os processos de resiliência e o conceito de práxis. Estima-se que mais estudos embasados pela terceira classificação poderão fortalecer o materialismo histórico e dialético no campo da resiliência e também o conceito ao lhe atribuir concreticidade, o que somado às demais tendências teóricas apresentadas deve contribuir significativamente para a construção do conceito de resiliência e para o quadro atual das pesquisas.

Palavras-Chave: Resiliência; classificação teórica; materialismo histórico e dialético; mecanismos mediadores de risco e de proteção

Reduzindo agravos através da inclusão escolar em Ladário – MS

Elis Regina Leite Sarath

Secretaria Municipal de Educação de Ladário – MS

elis_sarath@hotmail.com

Cláudia Elizabete da Costa Moraes Mondini

Secretaria Municipal de Educação de Ladário – MS

claudia.modnini@uol.com.br

A escola é um locus privilegiado de vivências significativas que interferem diretamente na formação da subjetividade dos alunos, podendo ser sentida como um ambiente acolhedor e protetor ou ameaçador e adverso; o apoio social pode auxiliar no enfrentamento e na ressignificação das adversidades. Para concretizar tal realidade as políticas educacionais devem priorizar ações inclusivas que enfatizem a defesa dos direitos humanos, a emancipação humana e a redução da vulnerabilidade a que os alunos estão expostos, rompendo com o olhar dominante que naturaliza o fracasso e a exclusão escolar. As boas práticas desenvolvidas nesse sentido precisam ser incentivadas e difundidas e com esse objetivo nos propomos a socializar por meio deste trabalho as ações realizadas pelo Núcleo de Apoio à Educação Inclusiva da Secretaria Municipal de Educação de Ladário – MS para reduzir os agravos dos mecanismos mediadores de risco presentes no contexto escolar ou que nele se manifestem devido a situações de risco social e vulnerabilidade. Problematizaremos a inclusão escolar a partir do aspecto da promoção da resiliência, comparando tais práticas com a literatura específica da área, por meio do materialismo histórico e dialético. A equipe que compõe este Núcleo é formada por uma psicóloga, uma pedagoga, uma fonoaudióloga e uma professora de Libras. A interface de diferentes abordagens teórico-metodológicas permite uma intervenção interdisciplinar preventiva, crítica e pautada na práxis transformadora da realidade. Entre suas ações destacamos: avaliação e acompanhamento dos alunos com necessidades educacionais especiais e capacitação de seus docentes, acompanhamento dos alunos em situação de exclusão e vulnerabilidade social e encaminhamentos para a rede de proteção, desenvolvimento de projetos e oficinas que priorizam a educação em direitos humanos, a elaboração de projetos de vida e o enfrentamento de adversidades e que utilizam a arte como fio condutor (teatro, literatura e cinema); orientação a professores e responsáveis sobre direitos das crianças e dos adolescentes e os riscos da medicalização da educação, auxílio na implementação das Salas de Recursos Multifuncionais. Para concluir enfatizamos que todas as ações têm embasamento legal e procuram garantir o acesso e a permanência dos alunos na escola, considerando-se os problemas sociais enfrentados pela localização do município em região de fronteira seca com a Bolívia, especialmente o uso de drogas. Tais iniciativas visam oferecer mecanismos mediadores de proteção, tornando o ambiente escolar acolhedor e promotor de auto-estima, protagonismo, responsabilidade social, elaboração de projeto de vida, autonomia, entre outros facilitadores dos processos de resiliência.

Palavras-Chave: Resiliência; educação inclusiva; vulnerabilidade; políticas públicas

Situações de insucesso escolar como contexto para a construção de fatores protetivos

Francismara Neves de Oliveira

Universidade Estadual de Londrina – UEL

francis.uel@gmail.com

Laila Deller Rodrigues

Universidade Estadual de Londrina – UEL

lailadrodrigues@hotmail.com

Julise Franciele de Carvalho Freire

Universidade Estadual de Londrina – UEL

julise_freire@hotmail.com

Luciana Ramos Rodrigues de Carvalho

Universidade Estadual de Londrina – UEL

lucianarr@sercomtel.com.br

A temática da resiliência é tratada nesta pesquisa no contexto de um programa oficial do governo do Paraná, denominado Sala de Apoio à Aprendizagem que trabalha com as dificuldades de aprendizagem de alunos do 6º e 8º anos do Ensino Fundamental. A relação entre resiliência e aprendizagem sustentou-se teórico-metodologicamente nas interfaces entre a perspectiva piagetiana e a psicologia positiva. Duas escolas estaduais paranaenses no município de Londrina foram lócus do estudo que objetivou identificar fatores protetivos em situações de aprendizagem em 30 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental que frequentam as salas de apoio. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, na modalidade de estudo de casos múltiplos. Adotando o princípio de que fatores protetivos não são generalizáveis formulamos o problema: que fatores protetivos podem ser identificados no contexto das salas apoio à aprendizagem? Para a realização do estudo, adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica, pesquisa documental, observação da realidade e dois instrumentos indicadores de resiliência construídos com a finalidade de identificar e não de mensurar fatores protetivos, que foram respondidos pelos professores que atuam nesse espaço educativo. O período de coleta de dados foi de 2 meses, com 8 horas semanais, 4 horas em cada escola. Os resultados encontrados apresentam fatores protetivos cognitivos, afetivos e sociais relacionados à aprendizagem. Como aspectos cognitivos, foram identificados: rendimento escolar, capacidade de elaborar estratégias de resolução de problemas, condição de analisar a própria ação e a capacidade de planejar ações. Como indicadores sociais, foram identificados: o modo de lidar com questões conflituosas na interação entre pares, capacidade de enfrentamento diante de um desafio, condição de tomar iniciativa de aproximação dos colegas, capacidade de reconhecer a perspectiva do outro e condição de cooperar quando em situação de interação com pares. Os aspectos afetivos identificados foram: emoção envolvida na tarefa, tanto no enfrentamento quanto na realização e finalização da tarefa. Fuga ou dispersão e fabulação - conduta evitativa, persistência, desistência diante de uma possibilidade de fracasso, perda do interesse pela atividade, desprezo pelo próprio investimento, abandono da tarefa e preocupação excessiva com o resultado da produção. A autonomia do aluno na resolução dos conflitos

em suas interações também foi identificada como fator protetivo. Espera-se que os resultados desse estudo possam ser utilizados por órgãos públicos gestores e executores de políticas públicas educacionais que tenham como preocupação a incorporação de ações preventivas e interventivas, relacionadas à promoção de resiliência no cotidiano escolar.

Palavras-Chave: Resiliência; sala de apoio à aprendizagem; políticas públicas educacionais; dificuldades de aprendizagem

Políticas educacionais de cunho neoliberal e trabalho docente no contexto das classes multisseriadas: entre a regulação e a inventividade

Manuela Santos Almeida

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

manuelapedagoga@hotmail.com

Fabio Josué Souza dos Santos

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO

fabio13789@yahoo.com.br

A comunicação pretende apresentar dados de uma investigação que estudou o trabalho de professoras de classes multisseriadas das escolas do campo em um município do interior do estado da Bahia, Brasil, visando analisar as especificidades desse tipo de trabalho, bem como os desafios enfrentados por estas professoras no desenvolvimento de seu ofício. A pesquisa tomou como base teórica os estudos sobre a categoria trabalho (MARX, 2006; OLIVEIRA, 2005; TARDIF & LESSARD, 2008), sobre trabalho docente (HYPOLITO, 2009; OLIVEIRA, 2010; TARDIF, 2010; TARDIF & LESSARD, 2008), classe multisseriada (ARROYO, 2010; HAGE, 2006; 2008; SANTOS & MOURA, 2010), Educação do Campo (ANTONI & LUCINI, 2007; AZEVEDO, 2007; LEITE, 1999; MENEZES NETO, 2009), dentre outros. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa e foram empregados, entre outros, os seguintes instrumentos de pesquisa: observações em eventos sobre a temática Educação do Campo promovidos pela Secretaria Municipal de Educação do referido município, aplicação de questionário a vinte e quatro docentes de classes multisseriadas, e realização de seis entrevistas semi-estruturadas. Os dados levantados revelam que apesar de graduandos, graduados e pós-graduados, estes docentes ainda possuem dificuldades para atuar em classes multisseriadas. Os docentes com mais tempo de serviço recorrem aos “saberes da experiência” que foram construídos ao longo de sua trajetória profissional e os demais desenvolvem outras estratégias. Entretanto, em geral os docentes sentem dificuldade em gerir a heterogeneidade presente nas classes multisseriadas, o que vem se agravando em decorrência das práticas de controle e regulação pedagógica implementadas no município, por influência das políticas neoliberais contemporâneas (IDEB, Prova Brasil, Escola Ativa, Índice Guia), que afetam seu ofício “forçando-os” a dominar novas práticas, novas “competências” e “habilidades”, que muitas vezes não correspondem àquelas requeridas para o contexto da multissérie. Mesmo assim, em um

contexto desfavorável, alguns docentes recorrem a estratégias diversas para driblar as práticas de controle e forjar inovações e inventividades no seu trabalho

Palavras-Chave: Políticas Neoliberais– Trabalho Docente– Classes Multisseriadas

Resiliência & vulnerabilidade: o papel dos fatores de risco e de proteção na infância e a culminância em políticas públicas

Silvia Regina da Silva Costa

Universidade Federal do Tocantins – UFT

silviarscosta@gmail.com

O presente trabalho é oriundo da pesquisa realizada durante a elaboração da dissertação de mestrado intitulada “Saberes e práticas do profissional de educação sobre os maus-tratos contra crianças”, sendo este um dos capítulos em que se esboçou a discussão sobre “Resiliência & vulnerabilidade: o papel dos fatores de risco e proteção na infância” com o objetivo de trazer à tona a discussão sobre resiliência. Ressaltamos que a palavra resiliência vem sendo utilizada e pesquisada há poucos anos no Brasil pelos profissionais das áreas de Ciências Sociais e Humanas, por se tratar de um termo utilizado bastante comumente nas áreas de Exatas, como significado de resistência de materiais. Conforme ressaltam autores brasileiros que desenvolvem pesquisas na temática, a palavra resiliência é uma “ilustre desconhecida” para a maioria das pessoas. O objetivo do presente trabalho é o de fomentar e propiciar a discussão sobre a importância dos fatores de risco e de proteção na infância e sua culminância em situações de vulnerabilidade e de resiliência. Explicitamos o papel da família e escola nesta contextualização dos fatores de risco e proteção na infância para crianças vitimizadas. Foram destacados os significados das terminologias utilizadas para que haja compreensão dos leitores sobre a temática da resiliência, vulnerabilidade, fatores de risco e proteção. Descrições necessárias para que a questão da resiliência não seja entendida como um constructo individual, mas sim que os futuros pesquisadores se atentem para suas particularidades, não fazendo uma análise equivocada. Não podemos, ainda, esquecer que vivemos numa sociedade em que permeia o medo, incertezas e inseguranças, na qual a segurança pública, a saúde, a educação, a assistência social e outros direitos dos brasileiros que deveriam ser garantidos por políticas públicas não vem sendo garantidos na sua amplitude, gerando instabilidade nos mais diversos níveis, seja no indivíduo como no coletivo. Fatores que vem a contribuir com a exposição aos mais intricados modos e faces de uma vulnerabilidade socioeconômica explícita e presentes na vida da maioria dos brasileiros, gerando cidadãos amedrontados e acuados numa instabilidade familiar que ecoa por todos os níveis relacionais, seja no âmbito escolar, profissional, familiar, entre outros. Situação essa que poderá, ainda, um entendimento equivocado da terminologia, acabar voltando-se contra as vítimas, culpabilizando-as pelo seu sucesso ou fracasso. O debate deve ser qualificado e inteligível para que desta forma, as pesquisas possam ser revertidas em ações concretas corroborando com a promoção das políticas públicas em nossa sociedade.

Palavras-chave: Resiliência; vulnerabilidade; fatores de risco e proteção; políticas públicas; infância.

Eixo II. Resiliência, Cultura e Arte

Reflexões teóricas sobre o constructo resiliência associado a processos de resiliência

Alex Sandro Gomes Pessoa

Universidade Estadual Paulista – UNESP/Presidente Prudente/Programa de Pós-Graduação em Educação

alexpeessoa2@gmail.com

Marcos Vinicius Francisco

Universidade Estadual Paulista – UNESP/Presidente Prudente/Programa de Pós-Graduação em Educação

marcos_educa01@yahoo.com.br

Ao analisar a produção científica dos estudos sobre resiliência nas bases de dados mais usuais, percebemos que, majoritariamente, as pesquisas estão voltadas a crianças e adolescentes submetidos a condições adversas ao seu desenvolvimento. Em contrapartida, as discussões sobre resiliência associada a pessoas da terceira idade e em processos de envelhecimento ainda é bastante tímida, de modo que pouco se produz e/ou discute a temática dentro desse recorte populacional. Uma das hipóteses levantadas reside na não associação desse constructo aos idosos, de modo que os estudos os focalizam, hegemonicamente, pelo prisma patológico ou com ênfase em limitações de diversas naturezas. Dessa forma, delimitamos como objetivo central desse trabalho apresentar reflexões teóricas que se articulam com os pressupostos da resiliência, tendo como base a produção intelectual do pesquisador canadense Michael Ungar, que enfatiza elementos culturais e contextuais significativos para os sujeitos, e dessa forma, buscaremos elaborar um escopo teórico alusivo ao desenvolvimento saudável e positivo de idosos no Brasil. No primeiro momento, para apresentarmos conceitualmente resiliência e envelhecimento, traremos uma revisão da literatura sobre a temática, sobretudo com base nos artigos publicados na 39ª Conferência Anual da Associação Australiana de Gerontologia. Em seguida, apontaremos alguns elementos que, sob nosso entendimento, são fundamentais para pautar ações condizentes com as abordagens da resiliência associadas a envelhecimento, entre elas: 1) Acesso a recursos básicos; 2) Participação Social dos idosos em diversas esferas e segmentos; 3) Comprometimento com uma Sociedade Intergeracional; 4) Projetos de Vida; 5) e, por fim, pensando o macrossistema, as Políticas Públicas voltadas a essa população e sua repercussão no desenvolvimento dos sujeitos envolvidos. Para finalizar, apresentaremos o Trabalho Social com Idosos desenvolvido pelo Serviço Social do Comércio (SESC) no estado de São Paulo. De forma sucinta, descreveremos suas diretrizes, assim como uma experiência exitosa desenvolvida numa Unidade Operacional da instituição e que abarca um projeto que contempla cinco eixos temáticos de ações com idosos, objetivando o fortalecimento identitário e conduzindo-os para processos de resiliência. De antemão, afirmamos que o idoso deve ser entendido como sujeito dotado de potencialidades, capaz de desenvolver novas habilidades e adquirir novos conhecimentos, independentemente dos indicadores de risco presentes em seu contexto. Esperamos que esse trabalho possa suscitar debates pertinentes e relevantes para a área, mas acima de tudo, pleiteamos que as provocações aqui elaboradas possam

evocar novos recortes investigativos que colaborem efetivamente com a população em questão.

Palavras-Chave: Resiliência; terceira idade; projetos de intervenção

A música e as lutas por inclusão dos negros na Bahia: Os Brazilians Boys

Debora Carla Pereira Guimarães

Centro Universitário Jorge Amado

debora@cstnacional.com.br

O estudo de uma orquestra de negros na Bahia, a Brazilian Boys, revelou aspectos da vida de alguns músicos, da importância da música enquanto profissão e, para futuros aprofundamentos, a sua constituição como um possível nicho profissional de negros na cidade de Salvador e na Bahia. A análise dos depoimentos de dois músicos integrantes desta orquestra – em especial de mestre Cacau do Pandeiro – foi um estímulo, pois acompanhando a sua trajetória de formação, compreende-se como ele chegou a tocar em grupos musicais diversos, permitindo aos nossos protagonistas ajustes e reajustes nas suas práticas, ampliando e aperfeiçoando seus conhecimentos. A escolha dos Brazilian Boys surgiu no desenrolar de uma pesquisa de mestrado sobre os aspectos educativos das orquestras que se apresentavam no rádio na cidade de Salvador nas décadas de 1940 e 1950, pela presença e possibilidade de acesso a alguns integrantes seus. Os depoimentos colhidos inicialmente para falar de orquestras em geral na década estudada abriram a possibilidade de aprofundar a natureza das aprendizagens realizadas na prática musical deste grupo em especial, sendo apresentadas algumas de suas vivências e experiências que contribuíram para a construção do seu conhecimento da vida e da música. Mestre Cacau do Pandeiro atribui aos seus irmãos Belmiro Cruz e João Cruz a fundação da orquestra Brazilian Boys. Porém antes de se formar a “Brazilian Boys”, uma orquestra de músicos negros de Salvador, Belmiro e João iniciaram seus trabalhos como músicos desde jovens, quando se apresentavam nas festas da família e de amigos e nas comemorações e eventos da Vila Matos, bairro de Salvador, sendo assim, a família e questões como a religiosidade e as lutas cotidianas tiveram papel importante na trajetória desta orquestra.

Palavras-Chave: Práticas Musicais; Memória

Desigualdades e resistências nos meios midiáticos

Ednei Otávio da Purificação Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/PROCAD/CAPES

Grupo de Pesquisa Memória da Educação na Bahia, financiado pelo e UNEB.

djnno@hotmail.com

Sabemos que o cidadão está rodeado pelas propagandas nos *out-doors*, nos comerciais de TV e mais recentemente, na internet, veículos esses que inferem concepções aos campos simbólicos de jovens e estudantes. No Brasil, as produções televisivas, em sua maioria, são voltadas para determinados segmentos da

população, porém são acessíveis a todos, com o objetivo exclusivo de alavancar vendas e de audiência (IBOPE), visando o lucro e a alienação. A escola é uma das estruturas da contemporaneidade que tem sua função perpassada por este processo (des)educativo, vindo de fora das paredes da escola, e de dentro dos meios midiáticos. Não raro o professor, além de estar focado no desenvolvimento das atividades de classe, ainda precisa estar “antenado” com o que passa nos meios televisivos e na internet, pois cedo ou tarde será indagado pelo aluno por alguma coisa que veiculou por esses canais. Bourdieu afirma que “A TV precisa de um contrapoder” (2000), que a “*televisão é um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica*”, o que concordo plenamente e extrapolo ao abranger a internet: são locais de “exibição narcísica”, onde o poder da mídia abrange a todos. As novelas, foco deste trabalho, dividem com os comerciais de bens de consumo a maior parcela do tempo da televisão, e a maior atenção da população brasileira. As novelas brasileiras já foram tema de estudo de Joel Zito Araújo, em seu documentário “A Negação do Brasil”, que demonstrou os estereótipos negativos atribuídos a minorias presente nos folhetins nacionais. O objetivo deste trabalho é relatar exemplos de novelas brasileiras da década de 70 que inseriram cenas que representam a pluriculturalidade do país, com a presença de frases estética e socialmente mal aplicadas e analisar comparativamente com exemplos do movimento “Blaxploitation” afroamericano do mesmo período, sempre se baseando no Art. 221 da Constituição Federal Brasileira, que trata da produção e da programação visual nos rádios e televisão, principalmente no que tange à finalidade educativa, artística, cultural e informativa e a promoção da cultura nacional e regional dentro de suas peças publicitárias.

Palavras-chave: Preconceito; Escola; Design; Mídia; Novelas

Representações de violência e de resiliência: implicações pedagógico-sociais para o fortalecimento da rede de proteção à criança e ao adolescente

Eliane Cleonice Alves Precoma

Universidade Federal do Paraná – UFPR

Laboratório de Psicologia Genética da Faculdade de Educação da Unicamp

elianeaprecoma@hotmail.com

Orly Zucatto Mantovani de Assis

Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

orly.zma@gmail.com

Este trabalho apresenta parte da análise dos dados obtidos na pesquisa de doutorado, intitulada: “Representações de violência reveladas por crianças, adolescentes e suas famílias em situação de risco social: histórias e caminhos de resiliência”. A investigação foi realizada com crianças e adolescentes abrigados na Chácara Meninos de 4 Pinheiros, organização não-governamental, localizada em Mandirituba, região metropolitana de Curitiba – Paraná – Brasil, e que abriga oitenta meninos que viveram situações de vulnerabilidade social. O protocolo de pesquisa é composto por sete histórias sobre violência, com vistas a caracterizar o ciclo de violências sofrido por crianças e adolescentes

em situação de risco e de vulnerabilidade social. As histórias são compostas por enredos de violência na família – violência psicológica, abuso físico e sexual; de violência na rua – violência policial, consumo de drogas e violência cometida por turista; violência na escola e do ato infracional cometido por adolescente. Para a coleta de dados foi utilizado o protocolo, aplicado de acordo com as orientações do método clínico crítico proposto por Jean Piaget e por pesquisadores piagetianos contemporâneos. As histórias foram apresentadas para crianças, adolescentes e membros de suas famílias, visando compreender “o quê e como” eles pensam sobre as histórias de violência, investigando os porquês de suas respostas. No presente trabalho são apresentados e analisados trechos das entrevistas clínicas realizadas com um adolescente abrigado e com uma mãe de três adolescentes abrigados na instituição, caracterizando as representações associadas aos fatores de risco e aos fatores de proteção, revelando indicadores de resiliência. O processo de análise das representações de violência e de resiliência possibilitou inferir nove implicações pedagógico-sociais, que denotam suas perspectivas educativa e preventiva, relacionadas ao planejamento, desenvolvimento e avaliação de ações, projetos, programas e políticas públicas de prevenção da violência, visando potencializar a resiliência de crianças, adolescentes e suas famílias. Dentre elas, destacamos a criação e manutenção de espaços protetivos, por meio de projetos que oportunizem para crianças, adolescentes e suas famílias atividades de orientação multidisciplinar, atividades de leitura, que envolvam a arte e a cultura locais, assim como esporte, lazer, cinema, teatro. A necessidade do fortalecimento da rede de proteção à criança e ao adolescente nos exige avaliar em cada município quais são os agentes protetivos, como instituições sociais e profissionais que atuam na rede, identificando os fatores protetores, e diagnosticando quais são os fatores de risco de cada região, com o objetivo de subsidiar ações locais articuladas às ações estaduais e nacionais.

Palavras-chave: Violência; Resiliência; Rede de Proteção; Cultura; Arte

CorpOrigami: dança, educação e transcrição da vida

Juliana Pereira Penna

Grupo VIOLAR – Faculdade de Educação – UNICAMP e Conservatório de Música de Patrocínio-MG

julianapenna2@hotmail.com

O intuito deste estudo é fazer um recorte poético e filosófico sobre a dança contemporânea e suas potências na educação dos sentidos e do sensível através do corpo, a partir de uma narrativa de vida de uma educadora de dança. Todo este recorte é feito a partir do método de história de vida oral e temática de uma educadora e bailarina de Uberlândia-Belo Horizonte-MG. A transcrição foi a principal ferramenta metodológica para discutir e mobilizar o corpo através da escrita e assim, criar as possíveis relações entre corpo, vida, dança, educação e sociabilidades a fim de ampliar e identificar potencialidades da dança contemporânea na educação e sua potência política nos processos de subjetivação, ação e resistência na contemporaneidade. Por essa transcrição foi possível colocar o pensamento em movimento como uma dança de sentidos, significados, afetos e sensações trançados por uma vida e suas forças que contaminam outras vidas. Conceitos

como o de “amor fati” em Nietzsche, bem como a memória pela via de pensamento de Bergson e o conceito de “dobra” em Deleuze estão presentes na discussão do corpo que dança e afirma a vida. Por esses conceitos desenvolve-se uma imagem/conceito de um CorpOrigami o qual discute os processos de subjetivação que possuem no corpo sua centralidade de pensamento e ação na contemporaneidade através da arte da dança. Junto à dissertação, uma Vídeo Dança foi produzida pela autora e por Ricardo Alvarenga (performer, vídeomaker e educador) onde se reuniram os jovens integrantes de um projeto realizado há 6 anos pela educadora entrevistada. A Vídeo Dança teve como conceito e ponto de partida o mesmo método de história oral presente na dissertação porém de forma coletiva e temática enfatizando as memórias do Projeto CidaDança por seus jovens componentes, transcriadas por uma linguagem visual e imagética, no intuito de acessar e acionar a memória presente do “vivido” construindo pontes, imagens e metáforas através de uma poética do reencontro desses jovens, através da dança, da cidade, da palavra, do tempo e de suas memórias.

Palavras-chave: Dança contemporânea; transcrição; educação; corpo; filosofia

Altas habilidades/superdotação e resiliência: investigando aproximações

Karina Ines Paludo

Universidade Federal do Paraná – UFPR

karina_paludo@hotmail.com

Será possível a relação entre os conceitos de altas habilidades/superdotação e resiliência? A partir da análise do estado da arte do conceito de resiliência, averigua-se que, ao fazer referência aos fatores de proteção, determinadas características da pessoa resiliente são sempre mencionadas: elevada capacidade intelectual, criatividade, autonomia, autoestima positiva e senso de humor. Igualmente, conforme a literatura disponível, estas mesmas características frequentemente estão presentes nas pessoas com altas habilidades/superdotação. Diante deste cenário, o presente estudo tem como objetivo investigar a potencial ligação entre altas habilidades/superdotação e resiliência. Tal iniciativa advém, sobretudo, da constatação de que ambas as temáticas têm sido debatidas no meio acadêmico com pouca (ou nenhuma) atenção dispensada no que tange à análise da possível interrelação entre os referidos constructos. As implicações acerca da presumível correlação anunciada podem ser pertinentes, o que demandaria uma reversão no quadro atual de carência de pesquisas. Assim, este estudo apresenta-se como uma investigação exploratória inicial, buscando uma exposição das ideias para discussão com a comunidade científica. No que diz respeito à relevância da verificação da interconexão entre as duas categorias apresentadas, faz-se oportuno destacar que isso poderá aperfeiçoar o entendimento da relação entre aprendizagem e desenvolvimento dos indivíduos superdotados, contribuindo para encaminhamentos pedagógicos mais adequados para este público. Nesta perspectiva correlacional, outros matizes intrínsecos merecem atenção. Citam-se a alteridade – porque comprovadamente as interações qualitativas desde a mais tenra idade são fundamentais, pela presença de pessoas significativas, encontradas tanto na instituição familiar como nas redes de apoio – e a afetividade – ampliada para além das emoções e/ou sentimentos das paixões humanas, na

“qualidade de afetar e ser afetado”, pois toda e qualquer relação “afeta”, deixa “marcas” nos sujeitos. Destarte, altas habilidades/superdotação e resiliência tornam-se conceitualmente fenômenos sistêmicos e ecológicos: multidimensionais. Portanto, devem abarcar tanto as características cognitivas quanto afetivas, já que as particularidades que envolvem estas duas categorias, aqui assumidas como correlacionadas, percorrem tanto a inteligência quanto a sensibilidade: por exemplo, a criatividade e o senso de humor. Igualmente, porque se entendem os sujeitos com altas habilidades/superdotação como aqueles que possuem potencial superior quando comparados em sua faixa etária, a alteridade adquire relevância sistêmica na aproximação com a resiliência porque pode auxiliar no desenvolvimento do sujeito no uso de suas habilidades principais: capacidade cognitiva elevada, criatividade e envolvimento com as tarefas. Tais habilidades, por sua vez, são instrumentos de busca de melhora das interações, o que pressupõe conhecer com quem ou o que se interrelaciona.

Palavras-Chave: Altas habilidades/superdotação; resiliência; afetividade; alteridade; interação sistêmica

Por uma noção expandida da “escrita”: a reinvenção do real

Lia Baron

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ

liabaron@gmail.com

Os anos 60 e 70 produziram abordagens teóricas nas quais a noção de “escrita” extravasa saberes sobre linguagem, literatura e comunicação, deflagrando sua articulação com a criação e com a vida. A tentativa deste trabalho será indicar, em linhas gerais, de que maneira tal noção se manifesta em textos de autores como Jacques Derrida (“A escritura e a diferença”), Roland Barthes (“Aula”) e Gilles Deleuze (“Crítica e Clínica”) para depois aproximá-la da ideia de “resiliência”, tal qual definida por Boris Cyrulnik – a saber: a possibilidade de reinvenção de si e do real. A perspectiva de Derrida, Barthes e Deleuze descarta, já de saída, qualquer tentativa de ver a escrita como o processo de registro, de representação ou de reprodução de uma verdade previamente dada. A escrita já não é uma questão de reproduzir, por meio de sinais gráficos, a identidade ou a origem de uma ideia. Ela é vista um processo através do qual algo pode ser inventado. De uma maneira geral, pode-se dizer que os autores aqui mencionados enfrentam a noção de escrita a partir da perspectiva do *jogo*, da *diferença*, do *deslocamento* e do *dever*. Para Derrida, o significado só pode advir a partir de um jogo entre diferentes significantes (ou rastros) – jogo este que engendra resultados imprevistos e improváveis. Em Barthes, é preciso jogar com a língua para combater o seu fascismo, deslocá-la de sua relação com os estereótipos para enfrentar o jogo de poder que a linguagem traz consigo. Deleuze vê a literatura como aquilo que permite o movimento do *dever*, do *vir a ser*, da “passagem de Vida”, do trânsito de intensidades criadoras. A partir de tais perspectivas, a escrita revela-se uma estratégia de desvio ou de mobilidade em relação a uma configuração que corre o risco do congelamento ou da despotencialização. Escrever é aproximar-se da arte no sentido da instauração daquilo que não há ou da resistência ao estabelecimento forçoso do mesmo. Escrever-se é inscrever-se no campo da diferença, do inclassificado, do novo.

É abrir-se para rotas de fuga ou disponibilizar-se para inventar novas formas de vida. Também na escrita, “a sua história não é o seu destino” (Boris Cyrulnik).

Palavras-chave: escrita, arte, reinvenção de si.

Experiência somática: uma intervenção psicofísica para o tratamento da ansiedade, estresse e trauma

Liana Rodrigues Netto

Associação Brasileira do Trauma

lianetto@uol.com.br

A Experiência Somática (SE) é uma técnica voltada para a prevenção e o tratamento do Transtorno de Estresse Pós-Traumático e outros desfechos clínicos decorrentes da exposição ao trauma. Fundamenta-se em uma tradição de educação somática e psicoterapias de orientação corporal, em estudos da neurofisiologia, e na etologia (estudo do comportamento dos animais selvagens em seu habitat natural), que nos fornece pistas sobre o comportamento instintivo diante das ameaças inevitáveis da vida. O conceito de estresse traumático postulado pelo criador da SE, Peter Levine, compreende qualquer experiência acontecida rápida, intensa ou precoce demais, que venha a sobrepujar a capacidade do indivíduo para o enfrentamento ativo da situação. O que acontece nestas situações é uma sobrecarga no sistema nervoso, sistema responsável pela defesa instintiva diante das ameaças, que colapsa em sua possibilidade de lutar ou fugir, e entra automaticamente numa terceira resposta de sobrevivência, passiva, denominada de imobilidade tônica ou dissociação. A revolução desta definição está em focar não no evento traumático em si - que pode ser grandioso, e gerar trauma em uns e não em outros, ou pode ser aparentemente insignificante, mas deixar marcas disfuncionais por toda uma vida; ela foca na resiliência ou não do organismo, termo importado da física que significa a capacidade de um corpo suportar pressão sem se desorganizar. A principal ferramenta da técnica é a SENSOPERCEPÇÃO, que é a atenção dirigida adequadamente para determinadas respostas corporais, a fim de permitir que o processo auto-regulatório do sistema autonômico possa atuar. Serão apresentados conceitos básicos sobre a técnica, bem como exercícios coletivos de sensibilização e desenvolvimento de respostas resilientes, com posterior discussão sobre suas aplicações clínicas.

Palavras-Chave: Psicotraumatologia; terapia somática; resiliência

As marcas de uma tradição oral nas vidas rurais de Mucambeiros: resiliência, religiosidade e resistência

Rogério Lima Vidal

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC

pessoa_vidal@yahoo.com.br

O artigo tem a intenção de socializar, através das narrativas de vida dos *Mucambeiros*, experiências votivas as Tradições Orais Afro-brasileiras vivenciadas por eles na

Comunidade Negra Rural do Mucambo, localizada no oeste baiano. Trata-se de um recorte de pesquisa resultante de inquietações que venho desenvolvendo no âmbito de minha pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc/UNEB. A designação pelo termo *Mucambeiro* é advinda de uma autoafirmação instituída pelos mais velhos moradores da Comunidade que mantém oxigenada as marcas de suas tradições. Este trabalho apresenta e analisa narrativas e memórias advindas das entrevistas feitas com os velhos *Mucambeiros*. Essas narrativas carregam marcas de resiliências presente nos processos de lutas e enfrentamentos materializados na resistência de um patrimônio civilizatório local, caracterizado pela tradição de suas festas religiosas- Festa de Reis, Festa do Divino e os Festejos de São Sebastião. Estas festas, resistentes ao tempo, são passadas de geração em geração e fazem dos *Mucambeiros* um povo de tradição. Assim, aliadas aos movimentos contemporâneos, essas festas, são portadoras de sentidos, significados e fazem parte da existência, da vida e da identidade de quem pertence ao Mucambo. O texto organiza-se a partir da discussão sobre as tradições orais afro-brasileiras em tempos de contemporaneidades (MATOS, 2003); (SODRÉ, 1998); e se desdobra na compreensão das dinâmicas territoriais apresentadas nas civilizações Negras Africanas e suas reelaborações no Brasil. As discussões são entrelaçadas pelas narrativas de vida cunhadas pelos mais velhos mantenedores dessas tradições, a saber: *Sr. Dielo, Dona Maria Preta e Sr. Luciano* que, a partir de suas memórias falam dessa tradição e da importância das mesmas na manutenção de suas histórias. Estes mucambeiros relatam modos de enfrentamentos, rompendo preconceitos, superando a desvalorização da tradição e mantendo viva a história da comunidade do Mucambo. Para eles, suas tradições é que dão vida e singularidade a esta comunidade, portanto mantê-las, é muito mais que ser forte diante do silenciamento dessas tradições orais, mais que isso, em seus processos de resiliência buscam manter a tradição, prolongar a existência, a vida. Ademais, este texto encontra-se amparado metodologicamente nos princípios da pesquisa qualitativa (LUDKE e ANDRÉ, 1986) especificamente na história oral, tendo como instrumento de recolha de informação a entrevista narrativa (SOUZA, 2010); (MEIRELES, 2011). Tal metodologia contribuiu para aproximação sensível e autorizada das vidas rurais de homens e mulheres que fazem do *chão* de seus quintais, lugares de religiosidade, resistência e resiliência.

Palavras-chave: Tradições Orais Afro-brasileiras; Religiosidade; Resistência; Resiliência

Resiliência e arte: superação ou transformação ou uma forma de desdizer a dor?

Samanta Brock

Faculdade de Enfermagem da UFF – Niterói; pesquisadora do Grupo de Pesquisa Rede Resiliência

samanta_brock@hotmail.com

Jéssica Leite

Faculdade de Enfermagem da UFF – Niterói; pesquisadora do Grupo de Pesquisa Rede Resiliência

jessica.karioca@gmail.com

Desenvolvida no campo da física, a noção de resiliência é utilizada para pensar a resistência dos materiais ao choque e sua possibilidade de retorno, após o impacto, ao estado inicial. Transportada para o campo das ciências humanas como metáfora, fundamenta os estudos que procuram identificar as condições sob as quais sujeitos em situação de extrema privação ou adversidade obtêm êxito em retomar ou dar continuidade a uma existência de criação, produtividade e desenvolvimento. O objetivo deste trabalho consiste em colocar em evidência quais são as práticas sociais que favorecem a expressão das estratégias de resistência e resiliência ao traumatismo cotidiano provocado pelo contexto de nossas políticas públicas. As estratégias metodológicas da pesquisa trabalho incluem entrevistas e observação participativa, especialmente no campo de pesquisa escolhido para as ações de parceria - a Comunidade da Grota do Surucucu em Niterói. O produto da pesquisa em exposição nesta comunicação consiste num pequeno documentário editado a partir do registro da fase exploratória da pesquisa do Grupo de Pesquisa Rede Resiliência, da Universidade Federal Fluminense, que acompanhou três projetos culturais realizados com crianças em situação de risco - que abrange iniciativas oficiais e não oficiais (Projeto aprendiz, Oficinas Culturais e Orquestra de Cordas as Grota do Surucucu) na cidade de Niterói, disponibilizado no portal www.rederesiliencia.com.

Palavras-chave: Resiliência; Subjetividade; Projetos Socioculturais

Arte, cultura e educação patrimonial: estética da vida, memória da morte na obra de Clarival do Prado Valladares

Wani Fernandes Pereira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

wanipereira@ufrnet.br

O texto apresenta um fragmento da vida e obra do historiador, crítico de arte e educador patrimonialista Clarival Valladares. Filho de pais professores (música e medicina) da cidade de Santo Amaro/BA, inicia no Recife, sua reorganização mestiça, genético-estética. Aluno de medicina Clarival reconhece quatro ‘universidades’ na sua formação intelectual: o psiquiatra Ulisses Pernambucano; o poeta e engenheiro, Joaquim Cardozo, o sociólogo Gilberto Freyre, o pintor e paisagista, Burle Marx. Sua trajetória pessoal e intelectual é marcada pela morte na família: os pais e quatro irmãos. Quiçá essa ruptura traumática tenha acionado a construção de uma narrativa sob a forma do estudo e crítica

da arte enquanto superação da morte, atualizando uma ontologia bioantropológica, na emergência da imagem, o nascimento da estética e da arte impressas nas cavernas, túmulos, cemitérios, templos. Formado em medicina patológica, Clarival pesquisa como tema de sua tese os ex-votos da Bahia, analisando-os do ponto de vista médico e estético. Recusado pela intelligentsia médica baiana esses objetos - até então sem um tratamento estético adequado -, transformam-se num recorte matricial de sua produção de historiador da arte, nos dois volumes *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Dai advém uma releitura da arte brasileira, onde o uso da fotografia e documentação imagética (iconografia), torna-se recurso complementar da narrativa e crítica escrita (iconologia). Tal leitura sugere a reinstauração das reservas antropológicas, ao estudo de uma estilística do arcaico, do diálogo entre sagrado e profano, da marca no mundo do homem imaginário e imaginante. Enfim as artes plásticas entendidas como forma de domesticação do terror, da negação do nada, do prolongamento da vida. A passagem de Valladares para o mundo das artes se dá aos 42 anos, quando se sente com 'a ordenação de conhecimentos necessários para exercer publicamente, e sob responsabilidade de autoria, a avaliação cultural da obra alheia'. Com sua primeira coletânea de textos de crítica de arte assume-se como um educador patrimonialista 'a contemporaneidade das artes não carece de intérpretes ou tradutores, porém de verdadeiros educadores. Essa é a principal finalidade do crítico moderno — educar o seu público'. Ao morrer em 13 de maio de 1988, Clarival contribui com uma produção monumental para a história e cultura brasileiras. Sua publicação *Nordeste Histórico e Monumental*, contempla também o Rio G. do Norte. Numa cartografia estética ampliada, imprime um desejo e uma de suas obsessões cognitivas: contar a história do país através da história da arte.

Palavras-chave: Educação patrimonial no Brasil; Clarival do Prado Valladares; Estética do arcaico; Arte cemiterial

Eixo III. Vulnerabilidade e Produção de Saúde

Vulnerabilidade e coping na gestação de risco: análise de uma proposta de pesquisa-intervenção em Psicologia Pediátrica

Ana Cristina Barros da Cunha

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

acbcunha@yahoo.com.br

Claudia Borges da Silveira de Araujo

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

kkupsi@yahoo.com.br

Solange Frid Patricio

Maternidade-Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

solange.frid@gmail.com

Diversos podem ser os fatores de risco durante a gestação e que constituem condição de vulnerabilidade para díade mãe-bebê e sua família. Dentre esses, destaca-se a diabetes mellitus gestacional (DMG), já que gestantes nessas condições são mais vulneráveis a

problemas psíquicos como, estresse, ansiedade e depressão durante a gravidez. Nesse sentido, faz-se importante a adoção de medidas preventivas como mecanismos de proteção ao desenvolvimento e à saúde da díade, baseadas na avaliação psicológica das variáveis envolvidas no enfrentamento (coping) dessa situação. Tal avaliação deve subsidiar o planejamento de intervenção cuja proposta seja minimizar o impacto dos riscos físicos e psíquicos, que certamente dificultam a elaboração de um vínculo afetivo mãe-bebê-família saudável. Nessa perspectiva, apresenta-se uma proposta de pesquisa-intervenção desenvolvida desde o ano de 2010, cujo objetivo geral é facilitar o enfrentamento (coping) de condições de vulnerabilidade física e psíquica como um aspecto promotor de saúde e resiliência em usuários de uma maternidade pública de referência em gravidez de alto risco na cidade do Rio de Janeiro. Com base em um trabalho multiprofissional junto aos setores de Obstetrícia, Endocrinologia, Enfermagem, Nutrição e Psicologia, a presente proposta segue um enfoque multidisciplinar com os seguintes procedimentos, que são adotados nos períodos do pré-natal, do parto e do puerpério: 1) avaliação psicodiagnóstica, através de consulta conjunta com a Obstetrícia e Endocrinologia no atendimento pré-natal, com uso de instrumentos de avaliação psicológica, como observação, entrevistas, escalas e protocolos, para identificação e análise das variáveis psicossociais e das estratégias de enfrentamento dos usuários; 2) planejamento de intervenção psicológica, com base na análise dos resultados do psicodiagnóstico, objetivando minimizar os impactos dos riscos e promover condições de saúde e estratégias de enfrentamento mais resilientes; 3) acompanhamento dos atendimentos realizados com objetivo de manter um suporte psicológico que favoreça a adesão e o engajamento ao tratamento médico-hospitalar; 4) uso de metodologia de estudo de caso para discussão em reuniões de supervisão em equipe. Até o presente obtiveram-se resultados em termos de conhecimentos técnico-científicos que subsidiaram o planejamento e a adoção de uma prática de atenção multidisciplinar em Saúde Materno-Infantil com ênfase na promoção de saúde e do desenvolvimento de estratégias de enfrentamento (coping) mais resilientes para essa população.

Palavras-chave: Gestação de risco; coping

Grupo de mães na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal como estratégia de promoção do coping e da resiliência

Fabiana Pinheiro Ramos

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
ramosfabiana@bol.com.br

Ana Cristina Barros da Cunha

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
acbcunha@yahoo.com.br

Claudia Borges da Silveira de Araujo

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
kkupsi@yahoo.com.br

Kely Maria Pereira de Paula

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
kelymppaula@gmail.com

Sônia Regina Fiorim Enumo

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

sonia.enumo@pq.cnpq.br

A capacidade de superar eventos adversos que implicam em riscos ao desenvolvimento - a resiliência - é uma competência construída, produto das relações entre o indivíduo e seu contexto, de forma que pode ser promovida. O suporte social é um desses fatores promotores, auxiliando no enfrentamento de situações potencialmente estressoras, como ter um bebê prematuro e com baixo peso (PT-BP) internado em Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN). Tal situação é um fator de vulnerabilidade, implicando em riscos físicos e psíquicos para a mãe, como estresse, depressão e ansiedade; assim, é importante facilitar o enfrentamento (coping) dessa população a fim de minimizar tais riscos. Nesse sentido, foram realizados grupos de mães de bebês PT-BP internados em UTIN de 2 maternidades públicas que atendem gravidez de alto risco: Hospital Dr. Dório Silva, na Serra, ES (n= 23) e Maternidade-Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro (n= 23). As 46 mães foram convidadas a participar de grupos de intervenção, com 5 pessoas em média, realizados em 2 sessões (40min cada), em dias consecutivos, sendo também avaliadas pela Escala Modos de Enfrentamento de Problemas (EMEP). Com a mediação de psicólogas, realizou-se uma intervenção psicológica especialmente elaborada, com recursos audiovisuais e livreto, contendo informações sobre as características desse bebê, do ambiente da UTIN e do Método Canguru, os estados neurocomportamentais do bebê, as formas de interação e estimulação do bebê na UTIN, também fornecendo suporte emocional às mães, que foram estimuladas a compartilhar seus sentimentos e vivências desde a notícia da condição do bebê até seu enfrentamento atual. Ao final de cada sessão, estas responderam a um Questionário de Avaliação de Intervenção (QUAI). Na EMEP as mães utilizaram preferencialmente coping centrado em “práticas religiosas” (M= 4), com menor uso de “focalização na emoção” (M= 2,3). Na Sessão 1 (S1), das 46 participantes, apenas uma considerou que o grupo “não ajudou” no enfrentamento da situação; os relatos indicaram “conhecimento adquirido no grupo” (74%) e “acolhida/apoio psicológico” (21%) como os aspectos que mais ajudaram no enfrentamento. Os dados do QUA I na Sessão 2 (S2) foram semelhantes, confirmando a importância do grupo no auxílio ao enfrentamento. Ao final de ambas as sessões, todas as mães relataram se sentir “um pouco melhor” (S1-37%; S2-27%) ou “muito melhor do que antes” (S1-63%; S2-73%). Conclui-se que este tipo de intervenção psicológica grupal pode fornecer suporte social e instrumental, facilitando o enfrentamento e, conseqüentemente, a promoção da resiliência dessas mães.

Palavras-Chave: Enfrentamento; Coping; Grupo de Mães; Unidade de Terapia Intensiva Neonatal.

Juventude e Resiliência: relação entre violência e fatores protetivos pessoais em jovens da escola pública de Fortaleza

Joyce Hilario Maranhão

Universidade Federal do Ceará – UFC

joyce_hilario@hotmail.com

Veriana de Fátima Rodrigues Colaço

Universidade Federal do Ceará – UFC

verianac@uol.com.br

A história da sociedade brasileira tem sido perpassada por diferentes formas de violência. Tê-la como um dos aspectos que interferem nas relações intersubjetivas dos indivíduos requer que a compreendamos como um fator relevante na construção da subjetividade. A violência presente no cotidiano dos jovens pode tornar-se um fator de risco por trazer consequências tanto físicas quanto psicológicas, que prejudicam ou interferem de forma negativa em sua constituição. Ela deve ser analisada inserida em um contexto complexo que integra à história de vida do indivíduo, aspectos que contribuem para a sua proteção e criação de formas de enfrentamento a circunstâncias adversas. Por conseguinte, o intuito deste trabalho é analisar como os adolescentes e jovens do município de Fortaleza significam a vivência da violência no ambiente familiar e comunitário. Participaram do estudo 529 estudantes na faixa etária entre 14 a 24 anos de idade, de ambos os sexos, nível socioeconômico baixo que frequentavam, à época, o ensino fundamental, médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) em escolas públicas. Foram selecionados por terem respondido afirmativamente a pelo menos um dos itens de um questionário, o qual indicava violência na família e na comunidade. Ainda, foram analisadas as respostas dos jovens nos itens sobre fatores protetores sociais e pessoais. A aplicação do instrumento de pesquisa realizou-se de janeiro a julho de 2010 e a análise dos dados foi realizada mediante cálculos estatísticos nos meses de agosto e setembro de 2011. Entre três tipos de violência indicados pelo questionário, a saber, ameaça ou humilhação, soco ou surra e agressão com objeto, a ocorrência de soco ou surra foi a mais frequente na família, 35,5%, enquanto que na comunidade a violência que mais se repete é a ameaça ou humilhação, 22,5%. Quanto à percepção negativa dos jovens sobre esses tipos de abusos em relação ao ambiente onde ocorreu a situação, observou-se que em todos os itens foi mais significativo sofrer a violência no ambiente familiar do que na comunidade. Ao mesmo tempo, os resultados referentes à autoestima e autoeficácia mostraram-se positivos revelando aspectos protetivos de ordem pessoal. Desta forma, a discussão da percepção da violência como um fator de risco precisa ser entendida a partir de um contexto sócio-histórico em que o jovem participa, bem como é indispensável estender nossos olhares aos acontecimentos em sua história de vida que o permitirão significar de diversas formas a violência a qual foi exposto e posteriormente conseguir superá-la.

Palavras-chave: Juventude; resiliência; violência; risco e proteção

Negociando resiliência: processos protetivos de adolescentes em contextos potenciais de risco residentes na cidade de Palmas-TO

Leila Rute Oliveira Gurgel do Amaral

Universidade Federal do Tocantins – UFT

leila.gurgel@uft.edu.br

A história da Psicologia revela o intenso apego à psicopatologia, ao desvio, aos transtornos e aos resultados negativos. Com ramos do modelo biomédico, a Psicologia

ainda apresenta como tendência um olhar especialista sobre o “anormal” e o “patológico”. Em se tratando da violência intrafamiliar, faz-se mister compreender tal fenômeno, não de forma isolada, como doença do agressor, mas dentro de um contexto que envolva aspectos históricos, culturais e sociais, proporcionando assim não apenas maior visibilidade ao fenômeno, mas também a possibilidade de novas construções que visem diferentes formas de superação. O presente estudo propõe-se a extrapolar a esfera do impacto negativo causado pela violência e dos fatores de riscos, buscando alternativas de superação e enfrentamento, identificando aspectos responsáveis para promoção do desenvolvimento psicológico saudável. Num ambiente familiar violento, o adolescente não recebe apenas influências negativas, já que estão inseridos em diferentes ambientes recebendo tanto influências positivas como negativas. Conforme pondera Brito (1999), o desenvolvimento pode ter direções diferentes e este adolescente pode torna-se vulnerável ou resiliente. A presente investigação baseia-se na pesquisa coordenada pela Dra. Renata Maria Coimbra Liborio, financiada pela FAPESP. Foi gestada a partir do diálogo entre três instituições de ensino superior no Brasil: UNESP-Assis- grupo de pesquisa NEVIRG; UNESP- Presidente Prudente, através da orientação da Profa. Dra. Renata Maria Coimbra Libório e UFT-TO, através da proponente Profa. Dra Leila Rute Oliveira Gurgel do Amaral. Está sendo realizada com quatro adolescentes com idades entre 13 e 15 anos, sendo 02 garotos e 02 garotas. A opção pela seleção de adolescentes com idades entre 13 e 15 anos se deu em razão de pesquisa anteriormente realizada por Ungar e cols (International Resilience Project- 2005) na qual foi observada que nessas idades muitos jovens vivenciam importantes impasses desenvolvimentais em sua interação com a comunidade. A presente pesquisa é financiada pela Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Tocantins, em parceria com CNPQ. Para enfrentar algumas limitações presentes em estudos sobre resiliência, o estudo desenvolvido por Ungar e cols (2007a), bem como a presente pesquisa, busca investigar a natureza e a definição dos processos protetivos funcionando nas vidas de adolescentes em situação de violência intrafamiliar, de acordo com a sua própria compreensão. Nessa pesquisa, visamos entender os caminhos percorridos para acessar processos de bem-estar associados à resiliência, do ponto de vista dos adolescentes, inseridos dentro de sua cultura e contexto próprios.

Palavras-Chave: Resiliência; adolescente; violência intra-familiar

Narrativas de si: um dispositivo de resiliência para crianças em tratamento de saúde?

Simone Maria da Rocha

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
siufrn@gmail.com

O presente estudo tem por objetivo refletir sobre as narrativas de si, produzidas por 05 (cinco) crianças, entre 06 e 12 anos, em tratamento de doenças crônicas, no Hospital Infantil Varela Santiago – Natal/RN, focalizando aspectos que nos permitem considerar essas narrativas como um dispositivo propulsor de resiliência. Na perspectiva de Cyrulnik (2004, 2005, e 2006), alguns indivíduos manifestam uma inaudita capacidade de retomar e manter seu desenvolvimento psíquico e social após golpes que estilhaçaram o seu

universo sensorial e simbólico. Quando, apesar do sofrimento, um desejo é murmurado, basta que outro nos ouça para que a brasa da resiliência torne a se acender (CYRULNIK, 2005). Vivenciar parte da infância, cerceada de possibilidades de desenvolvimento social, emocional e cognitivo, pode se configurar como um evento traumático na vida de crianças hospitalizadas. Para compreender as implicações do adoecimento e da hospitalização, ancoramos nosso estudo na pesquisa (auto)biográfica, pela postura epistemológica que assumimos: a criança como um ser sócio-histórico ativo na produção de cultura e de subjetividades. Partimos dos estudos de Ferrarotti (2010) e Passeggi (2010; 2011), e utilizamos como técnica de coleta das fontes a entrevista narrativa, tal como é sugerida por Jovchelovitch e Bauer (2002). As análises revelaram que as crianças entrevistadas desejavam falar de suas experiências no hospital e, na interação com a pesquisadora, atribuíam novos sentidos aos acontecimentos experienciados no tratamento de saúde. O hospital surge em suas representações como um espaço de busca pela cura e por cuidados, apesar de a dor e o sofrimento serem recorrentes em suas falas. As professoras da classe hospitalar constituem-se, para elas, em tutores de resiliência, pois lhes permitem construir estratégias de enfrentamento ao adoecimento e a hospitalização, graças aos estabelecem vínculos afetivos que estabelecem entre si, ao vivenciarem experiências cognitivas, emocionais e lúdicas. Em conclusão, as entrevistas das crianças permitem afirmar que tanto a presença de profissionais dispostos a construir vínculos afetivos com elas, como também a possibilidade de expressar suas experiências pelas narrativas de si contribuem para a (re)construção de identidades e subjetividades resilientes.

Palavras-Chave: Narrativas de si; Infância hospitalizada; Resiliência

Do bebê ideal ao bebê real: trilhando um novo caminho com o filho deficiente

Solange Frid Patricio

Maternidade-Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ

solange.frid@gmail.com

O nascimento de um filho, por si só, é um evento na vida do casal que implica a necessidade de reorganização e adaptação (Boss, 2002; Canavarro, 2001; C. P. Cowan & Cowan, 1995; Oliveira, Canavarro & Pedrosa, 2005), podendo até constituir uma situação perturbadora e indutora de elevados níveis de stress (Miller & Sollie, 1980). Quando a criança nasce com algum tipo de deficiência (cegueira, surdez, entre outras), os pais experimentam a perda das expectativas e dos sonhos que haviam construído em relação ao futuro descendente (MacCollum, 1984) de maneira radical. Entretanto, apesar da situação adversa que se impõe, a família acaba procurando meios de se adequar à nova realidade. Segundo Miller (1995), os pais desenvolvem duas maneiras de lidar com a informação: enfrentando e reagindo. Ao enfrentar lidam com o problema e avançam, reagindo, lidam com emoções como confusão e até medo da incompetência. Nesse momento, o acompanhamento psicológico pode ofertar um outro significado a condição atual, que não o negativo. Figueiredo (?) nos conta, em sua pesquisa sobre o psicólogo no acolhimento de mães de crianças especiais, que o impacto da notícia da deficiência do filho provocou em cada mãe entrevistada, uma mistura de sentimentos. Segundo Amaral (1995), esses sentimentos e processos pelos quais passam os pais vão interferir diretamente na aceitação da criança. Os pais ao perderem o filho desejado podem, imersos

em seu sofrimento e não elaborando o luto, estarem impedidos de estabelecer um vínculo com o bebê real. Podem fazê-lo, por exemplo, com o bebê desejado e perdido, ficando, assim, prisioneiros da melancolia. Ou podem, paradoxalmente, estabelecer o vínculo com a deficiência e não com o filho deficiente, ou seja, suas relações estarão baseadas no fenômeno e não na criança, nas práticas terapêuticas e não nas necessidades humanas. Isso significa dizer que conforme vão superando e sobrevivendo à deficiência, começam a criar expectativas que vão de positivas à negativas. Esperam desde o desenvolvimento da criança até a completa incredibilidade em relação a situação do filho (Omote, 1980). Para Petean (1995), independente da explicação que essas mães possuem, esperam que o desenvolvimento do filho melhore ou seja normal. O desejo de cura é uma constante. Nessa direção o acompanhamento psicológico pode favorecer a visão de aspectos potenciais do filho ao mostrar as suas competências e a sua disponibilidade interativa.

Palavras-chave: Bebê idealizado; bebê real; filho deficiente

Desencanto, angústia e resiliência: (des)enlaces no saber fazer do professor na cena social contemporânea

Telma Lima Cortizo

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC

telmalcortizo@uol.com.br

Este estudo, de vertente teórica, foi constituído a partir do recorte de uma pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia/UNEB. Tem como propósito discutir como o (des)encanto, a angústia e a resiliência estão enlaçadas com o saber fazer do professor e favorecem aproximações ou distanciamentos com o aprender e ensinar. O significante (des)encanto no âmbito da filosofia está alicerçado como código da modernidade para assumir a visão racional, onde a ciência é priorizada em oposição a uma visão mais fantasiosa do universo. Com relação a angústia Freud (1925-1926) afirma como um estado afetivo que gera expectativa e com isso, desenvolve sintoma como um mecanismo de defesa. Desta forma, para não angustiar-se o sujeito faz sintoma no corpo. Na contemporaneidade, o cenário delineado é inóspito e conturbado, no qual os acontecimentos da realidade cotidiana invadem a sala de aula e as relações ali tecidas. Desse modo, a falta de recursos materiais, a ausência de uma política de valorização ao trabalho do professor, a precária formação inicial, o desamparo frente ao fracasso na formação de sujeitos pensantes e a fragilidade da imagem social são alguns dos fatores que contribuem para que o professor seja afetado por um estado de desencanto e desenvolva afetos de angústia. Diante desse cenário, nota-se, cada vez mais, o professor que se debruça num limbo, no qual os dias letivos se repetem como marcas no calendário, em que os programas e os conteúdos são repassados de forma precária, desvelando um desinvestimento do desejo de ensinar e aprender. Do outro lado, o professor atuante, que faz da sala de aula um acontecimento diferenciado, reagindo com flexibilidade diante das circunstâncias desfavoráveis, assumindo uma postura resiliente, capaz de resistir aos tropeços, superar obstáculos para sair das cinzas. Além disso, a resiliência é empreendida aqui como um valor que ajudará ao sujeito a lidar com a ambivalência da profissão professor. O marco teórico desse estudo conta com autores

como: Freud (1925-1926), Lacan (1960-1964), Esteve (1994), Ornellas (2008), Lessard, Tardif (2008), Cyrulnik (2003), Fajardo, Minayo e Moreira (2010), dentre outros.

Palavras-chave: Desencanto; angústia; resiliência; saber fazer

Estresse e resiliência de residentes multiprofissionais de um hospital universitário no centro-oeste brasileiro

Valéria Moraes Katopodis

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO

vamk@terra.com.br

Sebastião Benício da Costa Neto

Universidade Federal de Goiás - UFG e Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO

sebastiaobenicio@gmail.com

Este estudo objetiva avaliar o estresse e o processo de resiliência de residentes multiprofissionais de saúde, de um hospital universitário, no centro-oeste brasileiro. Em novembro de 2005, a portaria interministerial do Ministério da Educação e Cultura e Ministério da Saúde, n. 2.117, instituiu a Residência Multiprofissional em Saúde (RMS), que tem, também, por objetivo desenvolver estratégias para a construção da multidisciplinaridade, visando atender o preceito constitucional da integralidade na assistência à saúde. Assim, na cidade de Goiânia – Goiás – Brasil, foram criados, no ano de 2010, três programas de RMS nas áreas de Urgências e Emergências, Unidade de Terapia Intensiva e Saúde Materno-Infantil. Os residentes, incluindo os de Psicologia, recebem uma bolsa de estudos de 24 meses, correspondente a R\$ 2.300,00, tendo que cumprir uma jornada de 60 horas de atividades semanais. O conjunto de atividades tem sido considerado pelos residentes como excessivo e gerador de desconforto físico e emocional. Assim, oito residentes do sexo feminino, do primeiro ano (R1), de diversas profissões de saúde, foram avaliadas, individualmente e em local previamente preparado, por meio do Questionário de Saúde Geral de Goldberg e do Questionário de Estresse de Lipp (ambos validados para a população brasileira), durante o segundo semestre de 2011. Verificou-se que seis entre oito residentes apresentavam escores de resistência ao estresse limítrofes à fase de quase-exaustão e duas residentes já encontravam-se em fase de quase-exaustão. Discute-se a inserção dos participantes em um programa de enfrentamento ao estresse e “empoderamento” do processo de resiliência, orientado pelas técnicas de psicoterapia corporal. O trabalho corporal busca aliviar as tensões crônicas geradas por estados de contração, fazendo com que o indivíduo recupere a vitalidade e bem-estar emocional. A consciência corporal, por meio da auto-observação, proporciona um senso de identidade que é construído a partir dos conteúdos que vão emergindo dessa nova consciência. As condutas que auxiliam o indivíduo a passar por situações de estresse e ainda aprender com as mesmas são denominadas de condutas resilientes as quais resultam de uma interação dinâmica entre os fatores proteção e os de risco. Para isso o trabalho de Movimentação Consciente do Corpo se propõe a criar um espaço interno no indivíduo onde ele possa sair do automatismo das defesas de caráter e passar para outro onde irá conscientemente aprender a enfrentar as situações estressantes.

Palavras-chave: Estresse; residência multiprofissional; psicologia da saúde; resiliência

Validação, confiabilidade e adaptação transcultural da Escala de Resiliência

Vanessa Barbosa Romera Leme

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

vanessaromera@gmail.com

Susana Coimbra

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto – FPCE

susana@fpce.up.pt

O objetivo deste estudo foi realizar a adaptação transcultural e avaliar a validade de construto e a confiabilidade da versão portuguesa da Escala de Resiliência (ER, Coimbra, 2008). Para isso, realizou-se a validação de construto em seus três componentes: fatorial, convergente e discriminante, e avaliou-se a confiabilidade da escala por meio do Alfa de Chronbach. A escala foi aplicada em uma amostra de 477 adolescentes (53,7% do sexo feminino, idade compreendida entre 13 e 17 anos - $M = 15,33$, $DP = 0,83$), provenientes do primeiro e do segundo ano do ensino fundamental de escolas públicas de Uberlândia, Minas Gerais. A ER é um instrumento construído por Coimbra (2008) a partir da seleção de itens de outras três escalas frequentemente usadas para avaliar a resiliência (Block & Kremmen, 1996; Green & Kroger, 1999; Wagnild & Young, 1993), da revisão de literatura e da análise de conteúdo de entrevistas a 54 jovens. Foi validada para a população portuguesa junto a uma amostra de 700 adolescentes e adultos com idades compreendidas entre os 15 e 27 anos de idade. O instrumento avalia a resiliência como traço de personalidade, um mecanismo de proteção que parece desempenhar um papel importante nas situações de exposição ao risco derivado de experiências de vida negativas. Possui 13 itens e uma estrutura bifatorial. Na análise fatorial confirmatória realizada no contexto português foram encontrados bons índices de ajustamento e confirmada sua estrutura bi-fatorial: a) Resiliência (reflete características tais como, otimismo, extroversão e proatividade); b) Vulnerabilidade (indica características de pessoas vulneráveis, por exemplo, pessimismo e susceptibilidade para ser influenciado por pessoas, situações ou emoções negativas). Nesse mesmo estudo foram encontrados valores razoáveis de consistência interna de 0,69 para o primeiro fator e 0,70 para o segundo. Para a amostra brasileira, em relação à validade fatorial, a análise fatorial confirmatória apresentou um ajustamento global e local satisfatório ($\chi^2/gl = 2,942$; $CFI = 0,923$; $RMSEA = 0,064$; $SRMR = 0,056$), confirmando a estrutura bi-fatorial da ER. Quanto à validade convergente, encontrou-se correlação significativa e positiva entre o fator resiliência e bem-estar psicológico e habilidades sociais, e uma correlação significativa e inversa com o fator Vulnerabilidade. Para a validade discriminante, os fatores Resiliência e Vulnerabilidade apresentaram correlação forte e negativa entre os mesmos (-0,60). Valores razoáveis de consistência interna foram verificados para os fatores da escala (Resiliência = 0,77; Vulnerabilidade = 0,76). Os resultados sugerem boas qualidades psicométricas do ER para a amostra brasileira.

Palavras-chave: Resiliência; adolescência; Adaptação Transcultural

Eixo IV - Culturas Periféricas e Movimentos de Resistência Coletiva

Cantar para empoderar: narrativas ancestrais e resilientes de mulheres negras em Itapuã

Jackeline Pinto Amor Divino

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

jackelinedivino@gmail.com

O presente trabalho é parte da dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB, intitulado “Itapuã: tecendo redes de alianças comunitárias através da ACRA”. Aqui, busca-se, através da “escuta sensível”, conhecer o acervo cultural milenar africano-brasileiro na territorialidade de Itapuã. As protagonistas dessas narrativas ancestrais e de pertencimento são mulheres negras que tem Itapuã como “Solo de Origem” e contam tais histórias através dos cantos (em coro ou individualmente) das ganhadeiras, mercavam e garantiam “o pão de cada dia”; das rezadeiras que afastavam os males e quebrantos de crianças, jovens, adultos e idosos; e das lavadeiras que, intercalavam as batidas das peças de roupa nas pedras, o barulho das águas escorrendo das bacias e latas que encharcavam o chão, fertilizando-o, dando-lhe vida. Essas narrativas de encantamento auxiliaram, sobremaneira, na difícil existencialidade de tais “personagens” com seus parcos orçamentos, e acabaram, também, por dignificar o percurso formativo dessas mulheres, à medida que garantiram a perpetuação de suas histórias de vida e do lugar, concomitantemente. Era a partir de tais ocupações que elas procuravam fazer do labor, também lazer e, realização de Si. As narrativas buscam contar essas histórias de forma lúdica, estética e mítica. A oralidade, traço marcadamente africano, revela, encanta e protagoniza este trabalho demonstrando a força desta civilização, valorizando e assegurando noções que contribuem significativamente para o legado milenar africano-brasileiro na história baiana e brasileira, marcadamente, etnocêntrica. A base filosófica desse texto é a “Pedra que ronca” e o Quilombo do Buraco do Tatu, referências míticas das civilizações africanas que contemporaneamente atravessam os séculos influenciando de modo significativo o cotidiano dessa territorialidade. Todo esse trabalho é expresso e representado, ainda, pelo universo Odara, vocábulo iorubá que equivale ao sentimento de satisfação/realização e que surge, no contexto até então narrado, objetivando se contrapor a tristeza (outrora banzo), vivenciada por tais mulheres e que poderá ajudar no processo, desejado, de resiliência, que poderá culminar, em alguns casos, em empoderamento. Superar adversidades é a tônica de tais narrativas e tem a música, como “aliada” no processo de (re) elaborar a tristeza e as dificuldades existentes nos percursos dessas mulheres negras.

Palavras-chave: Odara; oralidade; narrativas; resiliência

Negras memórias: uma história de resiliência e empoderamento no quilombo do Caonge

Júlio César da Silva Barbosa

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC

jczares@gmail.com

O processo de educação no Brasil tem sido marcado pelo paradigma eurocêntrico, excluindo, assim, parte de sua população com suas riquezas de linguagens, culturas e religiosidades. A escola, como instituição legal de ensino, deveria, como estabelece a lei 9.475/97, ser laica. Contudo, na prática, isso não acontece, pelo contrário, constatamos o silenciamento e a deturpação dos acervos culturais e linguísticos dos povos ameríndios e africano-brasileiros. A partir da conquista da lei 10.639/03, a escola é obrigada a inserir e tratar da história, cultura e linguagens dos povos africano-brasileiros objetivando, sobretudo, a reeducação das relações etnicorraciais. Tomando esse emblemático contexto e ancorado em uma metodologia de cunho etnográfico, este trabalho consiste em apresentar negras memórias educacionais da comunidade quilombola do Caonge, situado no Recôncavo Baiano. Nesta comunidade, lutando contra a investida dos fazendeiros, do poder dominante, da mídia etc., uma das anciãs, a maior responsável pela educação em tal território, se organiza e propõe uma educação libertadora para manutenção do acervo identitário e cultural negro. Essa história de resiliência se inicia quando esta negra mulher corta a frondosa árvore secular e ancestral, com machado e facão, reinventando posições e reescrevendo, assim uma nova história. Dos troncos, ela constrói bancos e mesas, surge, então, sem paredes e telhados, a céu aberto, a sala de aula para letrar e alfabetizar crianças e os demais sujeitos da comunidade e de seu entorno. Visionária, a matriarca pleiteia, junto aos órgãos públicos, fundos e constrói a escola pública com paredes e telhados. Nasce, assim, a Escola Municipal do Caonge oferecendo Ensino Fundamental I para as crianças negras da comunidade, uma educação pautada em africanidades e negritude, muito diferente da até então existente, que busca silenciar e/ou deturpar outros continua civilizatórios, que não seja o europeu. Esta matriarca sabe que, logo ali, na comunidade vizinha do Iguape, sem tal investimento, torna-se muito mais fácil a cooptação pelos fazendeiros, dos seus irmãos quilombolas, fazendo os mesmos se afastarem dessa condição e perderem o direito garantido em lei das suas terras seculares. Tal realidade nos move, nos inquieta e nos conduz a publicizar essas negras memórias impregnadas de adversidades e enfrentamentos, repletas de resiliências, superações e empoderamentos que ultrapassam a história dessa comunidade e se refaz na história resiliente de sua referida matriarca, que, mais do que uma conquista de territórios, luta pela efetivação de uma proposta de (re)educação das relações etnicorraciais em sua comunidade.

Palavras-chave: Memórias; resiliência; quilombo; reeducação etnicorracial

Da “chegada dos sem nome” à saída dos com nome: negras histórias de resiliência e empoderamento

Magnaldo Oliveira dos Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC

magno.ssa.ba@gmail.com

O presente artigo é parte da pesquisa de mestrado intitulada OJÓ ORÚKO: um reencontro com a ancestralidade negro-africana, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e procura compartilhar histórias que tiveram início com o processo de escravização e a chegada forçada de povos negro-africanos em solo brasileiro, momento esse em que os mesmos eram obrigados a se converterem às religiões cristãs tendo seus nomes de origem anulados, recebendo, conseqüentemente, novos nomes que nada diziam sobre si mesmos e suas histórias, tais ações objetivavam reforçar e garantir a eficácia do processo de coisificação que buscava transforma-los em peças e mercadorias. A princípio, eles eram identificados por números e posteriormente por nomes do devocionário católico. Tudo isso lhes impunha condições adversas de sobrevivência, existência e visibilidade sócio-político-cultural. Diante de histórias com tamanho sofrimento físico-psíquico, ocasionando episódios ininterruptos de estresse, o autor propõe apresentar aqui narrativas pertencentes a contextos iniciáticos na religião de tradição de Òrìsà, tendo como recorte, mais especificamente aqui, o momento intitulado O Dia do Nome (Ojó Orúko) no qual, o iniciado, através do rito de passagem, recebe um nome africano (Orúko) que se configura como possibilidade não apenas de sair do banzo (extrema tristeza e desistência da vida), mas de recuperar a sua ancestralidade negro-africana culminando em processo de empoderamento e implicando, conseqüentemente, no reaver da dignidade e respeito, outrora, usurpados pelas perversas ações perpetradas pelo branco colonizador. Quanto à metodologia, optou-se pela História Oral Temática tendo como técnica a entrevista narrativa. O lócus foi a Comunalidade Ilé Àse Òpó Àfònjá, situado no bairro do Cabula em Salvador, Bahia. Os participantes foram os iniciados na tradição nàgó/kétu, dessa comunalidade. Os resultados apontaram para a importância do Ojó Orúko (O Dia do Nome) na afirmação da alteridade negro-africana que tem sido tão denegada pelos processos de escravização/desumanização desses povos, pois, viabiliza a reconstrução da imagem positiva e a percepção de si mesmo (as), em crianças, adolescentes e adultos negros. O Ojó Orúko proporciona, também, um “elo” entre passado, presente e futuro, dinâmicos e intercambiáveis, na história do povo negro no Brasil, possibilitando sua (res)significação e (re)atualização através dos tempos. Enfim, a pesquisa colaborou para (re)elaboração das histórias contadas a partir da “Chegada dos Sem Nomes” que passaram a ser recontadas e refeitas com o Ojó Orúko buscando valorizar as histórias da “Saída dos Com Nomes”, culminando em narrativas resilientes e de empoderamento.

Palavras-chave: Orúko; identidade; ancestralidade; resiliência; empoderamento

Resiliência e estudos em Psicologia Histórico-Cultural

Marcos Vinicius Francisco

*Universidade Estadual Paulista – UNESP/Programa de Pós-Graduação em Educação
marcos_educa01@yahoo.com.br*

Renata Maria Coimbra Libório

*Universidade Estadual Paulista – UNESP/Programa de Pós-Graduação em Educação
coimbralibor@uol.com.br*

O presente trabalho é fruto das discussões contidas na elaboração da Tese de Doutorado em Educação pela FCT/UNESP, campus de Presidente Prudente-SP e, no Laboratório de Desenvolvimento Humano. Dessa forma, problematizaremos um dos temas mais polêmicos na atualidade, ou seja, os estudos sobre resiliência, além de elencar alguns pontos presentes na Teoria Histórico-Cultural e que podem trazer contribuições valiosas a temática em questão, por acreditarmos que os sujeitos quando expostos aos diferentes fatores de risco acionam processos de resiliência que podem estar associados a emancipação, por meio da participação em movimentos de resistência coletiva. Dessa forma esse trabalho será subdividido da seguinte forma, num primeiro momento conceituaremos o surgimento do conceito de resiliência, além de explicitar algumas evoluções do mesmo, bem como ilustraremos sua entrada na área de Psicologia e apresentaremos alguns estudos que tentaram romper com visões neoliberais de resiliência. Em seu início, o conceito foi fortemente utilizado numa perspectiva de adaptação dos sujeitos à realidade vivida, e talvez esse seja um dos maiores imbróglios a serem superados, ainda hoje. Nesse sentido, em momento posterior ilustraremos pesquisas com um enfoque histórico-cultural em resiliência que tentaram romper com as conceituações neoliberais. E por último, com o aporte da Psicologia Histórico-Cultural de base epistemológica e filosófica marxista, apontaremos alguns elementos que consideramos ser necessários de serem aprofundados no desvelamento das contradições instaladas histórica e culturalmente nos estudos sobre resiliência. Destarte, devemos investigar o fenômeno da resiliência para além do que está posto, ou seja, analisar em que contexto foi gerado, qual a lógica que se encontra por trás das conceituações amplamente divulgadas no meio acadêmico/meios de comunicação. Ao voltarmos nossa atenção para os processos de resiliência, percebemos uma grande contradição nesse conceito, por mais que ele tenha sido criado a partir de uma visão neoliberal de mundo, com o intuito de propor um pseudo-enfretamento das situações/adversidades vividas, os sujeitos sempre acabariam “presos” a realidade capitalista. Contudo, acreditamos na contraditoriedade desse conceito é que possamos incorporar uma nova interpretação por meio da síntese de suas múltiplas determinações e, assim nos emanciparmos frente aos problemas vividos, por meio de um posicionamento teórico-filosófico que nos garanta a consciência de que é a partir da mobilização e participação nas esferas da coletividade que produziremos uma transformação social.

Palavras-chave: Resiliência; psicologia histórico-cultural; emancipação

Marcas de resiliência no quilombo de Boitaraca: narrativas de vida e resistência coletiva

Mille Caroline Rodrigues Fernandes

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC

millecaroline@hotmail.com

Este artigo é um recorte de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado em Educação e Contemporaneidade/PPGEduC–UNEB, a qual busca refletir, a partir das narrativas de vida dos boitaraquenses, processos de resiliência, articulando-os com as tradições culturais da comunidade de Boitaraca, localizada no baixo sul baiano. O trabalho está envolto nas falas, nas memórias e nas experiências vividas pela comunidade, em especial nas narrativas dos mais velhos, denominados como “porta-voz” das histórias da comunidade. Estes “porta-vozes” são descendentes de africanos, e ao longo de suas histórias, experimentaram perversamente diversos tipos de pressão, exclusão e perseguições de caráter religioso e étnico, o que tem influenciado no desenvolvimento de um processo de resiliência coletiva em Boitaraca. O trabalho organiza-se a partir das discussões sobre as Tradições Orais e Culturais elaboradas pela comunidade, concebendo a resiliência como uma capacidade humana de superar dificuldades frente às adversidades da vida. Tomando esse contexto, situamos a Dança da Velhinha, o Pau-de-sebo, a Armação e Queima do Presépio de Natal, Histórias e Rituais de trabalho como manifestações híbridas e processos de enfrentamentos, que envolvem concepções, ideias e valores comportamentais diferenciados, marcados pelas cicatrizes da memória da escravidão. Portanto, essas tradições de resistência, trabalho e festa, configuram-se como uma capacidade redentora, onde as populações provenientes de diásporas conseguem transformar o sofrimento em alegria (GILROY, 2001); (HALL, 2000); (LUZ, 2000), tornando-se então, resilientes. Nesse sentido, o texto identifica relações entre os processos de resiliência, nos quais estão imbricadas as idiosincrasias de memória, narrativa, identidade, interpretação e subjetividade, considerando as histórias de vida construídas através das múltiplas interpretações dos indivíduos boitaraquenses, num processo ativo de resistência, auto recuperação e crescimento frente ao desafio de suportar e reagir às provocações da vida (LANDAU, 2001); (SAUL, 2002); (TAVARES, 2001). Esta pesquisa foi desenvolvida mediante uma metodologia de cunho etnográfico, baseada no nível macro na perspectiva de um enquadre descritivo-analítico (GEERTZ, 1989), que contribuiu para compreender de maneira qualitativa, o universo de Boitaraca e no nível micro baseado no enquadre analítico das interações face a face (ERICKSON, 1971). Estes níveis analíticos estão ancorados nos pressupostos da história oral, tendo como instrumento metodológico a entrevista narrativa (THOMPSON, 1998). Sendo assim, o cotidiano vivido pela comunidade e revelado através das narrativas se constitui como um modo de resistência de um continuum civilizatório africano-brasileiro, que cria estratégias para manter viva a sua existência diante do contexto colonialista e imperialista euro-americano que vem tentando sobrepor-se às culturas milenares e tradicionais em todo o mundo.

Palavras-chave: Comunidade de Boitaraca; Memória; Resistência; Resiliência

Eixo V - Histórias de Vida, Narrativas e Formação

“Dize-me como ensinas e te direi quem és”: história de vida, narrativas docentes e formação

Ana Cristina Silva de Oliveira Pereira

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/DUFOP

ana.crish@uol.com.br

Fulvia de Aquino Rocha

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO/CNPq

fulviarocha@yahoo.com.br

Mariana Martins de Meireles

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO/CAPES

marianabahiana@hotmail.com

As reflexões tecidas nessa escrita, são um recorte da pesquisa desenvolvida na disciplina Formação do Educador, no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC/UNEB, que traz à tona questões referentes à formação docente, centrada nos preceitos da (auto)biografia, a qual articula vida e profissão, professor e sua pessoa na constituição identitária do educador. O desejo norteador da pesquisa foi compreender as implicações entre o eu pessoal e o profissional do ser professor, a partir das narrativas das colaboradas, constituindo-se num importante eixo para pensar questões em torno da profissão, da formação e da vida dos professores. Para contemplar tais anseios, a sustentação teórico-metodológica ancorou-se na abordagem (auto)biográfica, tendo como dispositivo de coleta de informações a entrevista narrativa, a qual provoca o sujeito a revelar sentimentos, concepções, percursos formativos e suas projeções, além de ser um espaço de reflexão sobre si, seus desejos e perspectivas (BAUER, 2002; GOLDENBERG, 1999). As narrativas foram analisadas num diálogo com teóricos referendados na temática, a exemplo de Nóvoa (2002; 2009); Cunha (2006); Jossó (2010); Nóvoa e Finger (2010); Garcia (1999); Dominicé(1993); Macedo (2010). Nesse diálogo, ficaram explícitos aspectos latentes da tríade vida-profissão-formação, revelando que ao pensar a profissão as professoras pensam na vida e pensando a vida pensam a profissão (NÓVOA, 2002). São pessoas-profissionais implicadas na docência, nos processos formativos dos professores, ultrapassando em suas práticas os conhecimentos sistematizados pela academia e adentrando o território da vida dos licenciandos, para assim, possibilitar uma formação mais humana e colada com as urgências do ser professor nessa contemporaneidade. Entretanto, esse “caminhar para si” (JOSSO, 2010) e para seus percursos, não tem sido tarefa fácil, pois gera nos professores em formação medo, constrangimentos, insegurança, angústia, sentimentos de uma memória carregada de lembranças dolorosas sobre a vida e a formação, constituindo-se num processo de resiliência marcado por enfrentamentos diversos frente ao que lhes aconteceu, conduzindo-os a projeções prospectivas em torno da vida e da profissão. Nessa direção, as narrativas docentes revelam que é impossível separar o eu pessoal do eu profissional e que ensinamos aquilo que somos e o que somos está impregnado daquilo que ensinamos. Esse imbricamento mais que um pressuposto epistemológico, torna-se

ontológico, contribuindo para que os futuros professores compreendam as implicações de suas histórias vida na escolha e desenvolvimento de sua profissão e ampliem seus hábitos de reflexão e de auto-reflexão, de crítica e intercrítica essenciais ao ser e estar na docência.

Palavras-Chave: História de vida; narrativas; formação de professores; profissão docente

Memórias de uma educadora em formação: história de vida de uma ex-normalista que se recusou ser vítima das adversidades

Cíntia Maria Luz Pinho de Souza

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/Grupo de Pesquisa Memória da Educação na Bahia
cintialux@gmail.com

O presente artigo objetiva apresentar a história de vida de uma ex-aluna da Escola Normal de Nazaré-BA que, ao deparar-se com as adversidades de sua vida se recusa a aceitá-las e indigna-se com as rejeições encontradas ao longo de sua trajetória estudantil e de auto-formação. Ao estudar durante as primeiras décadas do século passado em uma Escola Normal do Recôncavo baiano, situada em Nazaré, onde se constituiu em um ambiente elitista, depara-se no interior dessa Escola com gestos, falas e preconceitos de diversas ordens e origens, resiste aos impactos negativos e consegue superá-los através de uma vida acadêmica de sofrimento, esforço, dedicação, reparação e vitória. Ao criar mecanismos internos de defesa e ressignificação, transforma a sua vida-formação em uma busca incessante por ajuda, possibilidades de apoio social e familiar desencadeando na construção do amor-próprio e o encontro com seu objetivo maior. Através da utilização da história oral e embasamento teórico, o artigo apresenta a memória de uma ex-normalista que, apesar da aquisição de marcas indeléveis, supera-se e consegue realizar o seu grande sonho em ser “professora formada”. Seu exemplo de vida revela que a resiliência fez da ex-aluna, aqui identificada por Maria Laura dos Santos, uma pessoa forte, persistente, destemida e vitoriosa. Sua contribuição para a educação foi a sua trajetória como educadora durante 30 anos em escolas públicas do Município de Nazaré e capital baiana, onde pode demonstrar através de seu exemplo de vida que é possível transformar um impacto gerador de sofrimento em algo positivo, para o que é preciso basta saber o que fazer com cada experiência traumática.

Palavras - chave: História de vida; Narrativa; Formação docente; Resiliência

Trabalho e desenvolvimento humano: determinação e confiança nas conquistas cotidianas

Cléssia Lobo de Moraes

Universidade Federal da Bahia – UFBA

clessialobo@hotmail.com

Nilton de Oliveira

Secretaria Estadual de Educação

niltonde@uol.com.br

O presente texto tem como escopo associar trabalho, a ocupação humana como fator que contribui positivamente no desenvolvimento e promoção humana na contemporaneidade. Interessa-nos especificamente a experiência de vida de um integrante do projeto Levanta te e anda, projeto que é desenvolvido no bairro Água de Meninos na cidade de Salvador-Ba, tendo como público alvo homens e mulheres em situação de rua; a vida do jornalista José, foi marcada por situações adversas, desde os primeiros anos de sua existência se viu obrigado a lutar com determinação nas brigas que envolviam seus pais, o alcoolismo, foi determinante no desfecho de separação da família, José viveu e continua nos dias de hoje em situação de rua, concluiu o ensino médio, foi aprovado num vestibular, abandonou o curso mas se considera um jornalista empreendedor, apesar de não possuir um endereço fixo ou uma conta bancária em seu nome, seu endereço é a rua, mais especificamente o bairro de Água de Meninos em Salvador; o Projeto levanta te e anda é uma referência na vida desse jornalista que defende com determinação que o trabalho é a ponte mais eficiente para o desenvolvimento e integração da pessoa em situação de rua à sociedade onde se encontram. Nos últimos anos, José coordena um grupo de aproximadamente cinquenta trabalhadores e trabalhadoras que desempenham diferentes atividades em bairros distintos de Salvador, muitos destes trabalham atualmente na construção da nova arena esportiva da Fonte Nova, a maioria dessas pessoas em situação de rua; a capacidade de se relacionar, os propósitos de iniciativas e a auto-estima, considerados por muitos pesquisadores como pilares de resiliência permeiam a rotina cotidiana do jornalista José que visita com frequência cada trabalhador em seus ambientes de trabalho, estabelece um diálogo franco com os empregadores e empregados, articula oportunidades que favoreçam o desenvolvimento individual e do grupo por meio de palestras, encontro, exposições etc. Observando-se as atitudes desse jornalista, bem como nas entrevistas que ele tem nos concedido, é possível afirmar-se um exemplo de resiliência. **Palavras-Chave:** Trabalho; desenvolvimento humano; auto-estima; resiliência

A (in)visibilidade do sofrimento psíquico do estudante nas biopolíticas de educação inclusiva e saúde mental

Édina Mayer Vergara

Universidade Federal do Paraná – UFPR/Setor Litoral

edina1308@gmail.com

Esta pesquisa olha para como os professores destacam, nomeiam e posicionam alunos em sofrimento psíquico e desses dizeres problematiza a tríade Educação Inclusiva – Saúde Mental – sofrimento psíquico, em seus múltiplos enredamentos. Tem como eixos a narrativa da experiência da autora com a subjetivação do sofrimento psíquico e a educação; a política pública de Educação Inclusiva e de Saúde Mental e falas docentes

que permitem olhar o sofrimento psíquico e a inclusão escolar. Sua fundamentação teórica é embasada pelas teorias pós-estruturalistas, com especial atenção aos estudos de Michel Foucault. A questão das biopolíticas e da loucura, são caminhos para olhar para o sofrimento psíquico na perspectiva da in/exclusão escolar. Os estudos permitiram entender que o aluno em sofrimento psíquico, quando destacado, é compreendido como aluno-problema a partir de indicadores materiais relacionados às doenças ou deficiências mentais ou à inadequação da conduta. Os professores têm uma compreensão naturalizada e reducionista de que este aluno é alguém que demanda necessariamente diagnóstico e tratamento pelo saber médico. Deste tratamento esperam resultados de estabilização-normalização, compreendidos como preponderantes para sua normalização e desempenho na escola comum. Quanto ao sofrimento psíquico e a inclusão os professores não visibilizam o estudante nesta condição; ele não existe como ente-sujeito. Não sendo visível, não há modos de provocar, destacar e movimentar saberes na direção dessa demanda de in/exclusão; assim sendo, não induz a dilatação de direitos de inclusão nas biopolíticas de Inclusão Escolar e Saúde Mental. Em suma, a pesquisa defende que a in/visibilidade do sofrimento psíquico discente nos movimentos ainda paralelos das bio/políticas de Educação Inclusiva e de Saúde Mental não permite movimentar saberes e ações frente aos direitos educacionais inclusivos desses alunos.

Palavras-Chave: Sofrimento Psíquico; Biopolíticas Públicas; Educação Inclusiva; Saúde Mental

Narrativas de si: experiências e trajetórias docentes

Elenice de Brito Teixeira Silva

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

elenteixeira@yahoo.com.br

Este trabalho é parte da pesquisa desenvolvida no âmbito do mestrado e que priorizou trajetórias profissionais de cinco professoras e um professor em exercício na educação infantil no município de Ilhéus/BA, buscando interpretar as representações da prática educativa expressas nas narrativas desses sujeitos. Nessa perspectiva, buscou-se a possibilidade de reconstituição das expressões, palavras, silêncios, atitudes, sentimentos e conhecimentos que perpassam as narrativas docentes e que traduzem concepções e sensibilidades docentes. Parte-se do pressuposto de que existe um conjunto de discursos que, de alguma maneira, ajuda a construir as representações sobre a prática educativa desenvolvida com crianças pequenas. São discursos sobre a mulher, a divisão do trabalho, a criança e o magistério, muitas vezes respaldados em concepções naturalísticas, religiosas e políticas que integram as práticas sociais e ajudam a construir, manter e também superar as identidades docentes. O diálogo com autores que têm dedicado à questão da condição docente na educação infantil, como Kramer (2003; 2008), Rocha (2001), Cerisara (2002), Silva (2008), e outros, bem como a análise de questionários e a interpretação das entrevistas narrativas (FLICK, 2004; BOLÍVAR, 2002), conduziram à conclusão de que as professoras e o professor da educação infantil, se consideradas suas origens familiares, experimentaram um movimento de ascensão em suas trajetórias sociais quando da inserção no magistério. Hoje, entretanto, os sujeitos consideram estar

vivendo um momento cada vez mais desprestigiado, tanto do ponto de vista econômico, quanto social. Algumas representações sociais existentes sobre a prática educativa na educação infantil e que dizem dessa prática como naturalmente feminina, pouco profissional e voltada para a proteção e suprimento das necessidades das crianças, de algum modo sustentam algumas passagens narrativas dos sujeitos entrevistados. No entanto, essas representações são contextualizadas e ganham elementos de práticas emergentes que ocorrem em instituições desprovidas de condições objetivas; de práticas de cuidado voltadas para crianças de meios populares; como também, de discursos pedagógicos que enfatizam o desenvolvimento infantil e os direitos da criança.

Palavras-Chave: Narrativas; Professoras; Educação Infantil

É preciso ter personagens para narrar uma história: a construção de personagens nas narrativas de ficção e de histórias de vida

Elica Luiza Paiva

Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – UFBA

elicaluiza@yahoo.com.br

Para se contar uma história é preciso primeiro lembrar-se dela ou inventá-la. Ao narrar uma experiência vivida, talvez a limitação da linguagem também coopere para um reinventar da própria lembrança, ou, o tempo e a experiência de vida deste narrador o leve, através da narrativa, a um resignificar destas suas ações/descrições do passado, com o olhar do presente. A narrativa torna-se assim, a forma mais coerente de ordenar estes acontecimentos passados, de reconstituir a sua diacronia e estabelecer uma ordem cronológica capaz de se fazer entender, posteriormente, pela leitura. E como propõe Walter Benjamin, a narrativa só existe quando nela se encontra os elementos que a estruturam e quando a experiência de vida do narrador, ou, a experiência de um outro alguém, contada pelo narrador, aparece no texto e se mostra de tal forma e força capaz de interferir na visão de mundo do leitor. Nesta perspectiva, pode se pensar que tanto a narrativa de história de vida, quanto a de ficção possuem os mesmos elementos estruturais. Sendo assim, o propósito deste trabalho a princípio é verificar como se dá a construção das personagens na narrativa de ficção, uma vez que é através da construção das personagens que se dá o processo de desencadeamento do enredo, uma vez que são as causas decorrentes das ações destes personagens, descritas pela narração, que caracterizam o enredo. Entende-se enredo também como uma narrativa em que a causalidade é posta em evidência. E, posteriormente tentar-se-á estabelecer um paralelo entre a construção das personagens de ficção e a construção das personagens na narrativa de história de vida, especificamente no Memorial de Formação. Acredita-se que este estudo é pertinente por ser o Memorial de Formação um gênero textual predominantemente narrativo, circunstanciado e analítico em que o autor torna-se narrador e também personagem do seu processo de formação, de num determinado período.

Palavras-Chave: Narrativa de história de vida; Narrativas de ficção; Construção das personagens; Memorial de Formação

Os bacharelados interdisciplinares na UFBA: concepções e novas tecituras sobre

formação superior, aprendizagem e vida discente

Eliete Nunes dos Santos

Universidade Federal da Bahia – UFBA

eununess@hotmail.com

No presente trabalho faz-se uma reflexão sobre concepções de ensino superior, formação universitária, ensino-aprendizagem e protagonismo discente, face às conceituações sobre formação geral e interdisciplinar propostos pelos cursos de Bacharelados Interdisciplinares (BIs) da Universidade Federal da Bahia. O objeto desse trabalho originou-se das aprendizagens desenvolvidas no mestrado, percepções, estudos, pesquisas, leituras teóricas, debates e as discussões da contemporaneidade em torno das demandas e necessidades de mudanças nos modelos de formação vigentes. A UFBA em consonância com as discussões mundiais em prol da reforma da educação superior e ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), criado pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, para assegurar a ampliação do acesso e permanência na educação superior, a partir de 2009, passou a ofertar os Bacharelados Interdisciplinares (BIs), cursos superiores de formação geral com duração média de 03 anos, como uma nova opção de graduação nas seguintes áreas do conhecimento: Humanidades, Saúde, Artes e Ciências e Tecnologia. Embora, essa formação geral seja realidade para diversos graduandos no mundo, e que já tenha sido idealizada de certo modo pelo educador Anísio Teixeira (1988), constata-se que no Brasil, seu processo de implementação ainda é incipiente. Diferente do que ocorre nos Estados Unidos (College), na Europa (bacharelado) e em Bolonha, desde 1998. Entretanto, essa nova arquitetura curricular do ensino superior põe em xeque as formas tradicionais de ensino do século XX, ainda presentes nas universidades latino-americanas com seus modelos de currículos não flexíveis, disciplinar, sem articulação entre saberes gerais e saberes técnicos os quais silenciam subjetividades e histórias de vida discentes. Portanto, ao discorrer sobre educação, currículo/formação, ensino superior e vida discente os teóricos: Abrahão (2007), Almeida Filho (2007), Boaventura Santos e Almeida Filho (2008), Coulon (2008), Guindani ;Sopelsa (2008), Josso (1995), Nóvoa (2005), Macedo (2007, 2010), Morin (2006), Souza e Abrahão (2006) e Teixeira (1988; 1995) apontam para uma nova arquitetura de formação superior que seja capaz de preparar os estudantes para atuarem como autores de sua história, cidadãos aptos para resolver os problemas multifacetados de um mundo global.

Palavras-chave: Bacharelados Interdisciplinares; Formação Superior; Aprendizagem; Vida Discente.

Narrativas de professores da Educação de Jovens e Adultos: marcas de uma prática pedagógica resiliente

Elisângela Silva Lopes

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC

lopes_75@hotmail.com

Rogério Lima Vidal

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC

pessoa_vidal@yahoo.com.br

O texto busca socializar estratégias pedagógicas desenvolvidas por professores dos municípios de Dias d'Ávila, Camaçari e Candeias, localizados no estado da Bahia. Apresenta mediante narrativas, o trabalho que estes professores desenvolvem em escolas municipais com alunos da modalidade de ensino - Educação de Jovens e Adultos (EJA). O caminho desta investigação teve como sustentação metodológica a pesquisa qualitativa em educação (LUDKE e ANDRÉ, 1986); (MINAYO, 2003); e o uso da técnica do grupo focal (GATTI, 2005) para a recolha das narrativas. O uso dessa metodologia proporcionou aproximações com os professores desta investigação, que ao falarem sobre si e sobre seus cotidianos escolares, revelaram angustias, representações e marcas de resiliência presente no enfretamento diário (noturno) de exercer a docência nesta modalidade específica de ensino, com um grupo específico de alunos, que pela vida que tiveram e tem, enquanto trabalhadores e estudantes, revelam-se também como sujeitos resilientes. Nesse sentido, os dilemas, as tensões e as dificuldades narradas por estes professores no devir da profissão e no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas constituiu-se como foco central desta pesquisa. O trabalho, portanto, objetiva evidenciar, através das narrativas desses professores suas experiências pedagógicas e as dificuldades que enfrentam para desenvolver um trabalho com qualidade, buscando considerar as especificidades dessa modalidade de educação e dos reais anseios de seus alunos. Este tem sido um trabalho de resiliência, de buscar modos de fazer educação, enfrentando o currículo homogêneo, a insuficiência de material pedagógico, as péssimas condições da estrutura escolar e as dificuldades dos alunos, situações que lhe são impostas, mas que não são determinantes. Frente a tudo isso, estes professores buscam cotidianamente em suas práticas pedagógicas realizar um trabalho que contemple a realidade e a vida dos sujeitos envolvidos nos processos de ensinar e aprender, provendo uma educação para e na vida. A ancoragem teórica que forneceu voz e corpo ao estudo esteve apoiada nas contribuições de (FREIRE, 1975); (GADOTTI, 2008); (SOUZA, 2005); (ROMÃO, 2008); aventando como proposta uma articulação entre a teoria e as vivências/experiências profissionais dos sujeitos dessa pesquisa. Através das suas narrativas e proposições, esses professores anunciaram seus desafios, suas tensões, seus desejos e escolhas, revelando modos de superação e criando estratégias metodológicas significativas para promover a aprendizagem de seus alunos, minimizando as tantas dificuldades que esse grupo enfrenta, deixando assim, em seu fazer docente marcas de uma prática pedagógica resiliente.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Resiliência; Práticas Pedagógicas

Cairu nas comunidades: uma articulação entre família, formação e escola

Geisa Arlete do Carmo Santos

Fundação Visconde de Cairu

geisaarlete@hotmail.com

Ivonete Barreto de Amorim

Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea – UCSaL

ivoneteeducadora@hotmail.com

Silvia Cristina Passos

Fundação Visconde de Cairu

sil.passos@ig.com.br

O presente estudo discute a importância da ludicidade na vida do sujeito que aprende, tendo como foco a articulação entre família e escola, destacando o papel do pai nessa relação para a construção de saberes ressignificados a partir da história de vida. Neste sentido, é importante ressaltar que este artigo encontra-se ancorado no projeto intitulado “Cairu nas comunidades”, o qual é desenvolvido por professores e estudantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Fundação Visconde de Cairu (FVC) e voluntários das Comunidades de Nordeste de Amaralina, Federação, Engenho Velho de Brotas, frente às comunidades e escolas dos bairros citados da cidade de Salvador. Esse projeto teve início após a análise do filme “Surpresa”, de autoria de José Augusto da Silva Lima, o qual explicita no seu bojo a trajetória de um pai que encontra no diálogo lúdico um campo fecundo de validação de uma forma significativa sobre o ato de ensinar e aprender. Para compreender este processo buscamos conhecer a história de vida do autor do vídeo, bem como sua relação com os filhos na década 70. Através desta trajetória de vida, fora experienciado junto aos estudantes do curso de Pedagogia um diálogo de proximidade entre família e escola com objetivo de potencializar uma relação estreita entre formação e construção do conhecimento. Para tanto, optamos como metodologia a pesquisa qualitativa vinculada nas histórias de vida, a qual teve como instrumento da coleta de dados a entrevista narrativa com o autor do vídeo e seus filhos. Esses dados foram analisados a luz dos sentidos e significados explicitados pelos sujeitos colaboradores da pesquisa. Neste cenário tivemos como base teórica Kishimoto (2002); Freire (2000); Souza (2006); Josso (2004); Petrini (2000), entre outros autores que subsidiaram as discussões e as formações que passaram a ser efetivadas por professoras e estudantes da FVC que participam do projeto junto aos pais envolvidos no processo.

Palavras-chave: Trajetória de vida; Ludicidade; Educação; Família

Resistindo quando é fácil ceder: mulheres do MSTB e suas lutas cotidianas

Helaine Pereira de Souza

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Universidade Católica do Salvador – UCSaL

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

helainep.souza@hotmail.com

O Movimento dos Sem Tetos de Salvador (MSTS), que mais tarde adotará a sigla MSTB (Movimento dos Sem Tetos da Bahia), surge na capital baiana em 2003. Desde a sua formação, salta aos olhos a expressiva maioria composta por mulheres. Elas somam quase 70% dos integrantes do Movimento. Essas mulheres do conhecem de perto as adversidades da vida nas metrópoles. Sofrem as nuances do sexismo, vivem as faces das segregações sociais e experimentam de muito perto o racismo. Estão inseridas em cotidiano de luta e reinventam suas trajetórias por meio da resistência diária, negando cruzar os braços ou endossar as fileiras do comodismo, mesmo que a opção pela militância não faça parte da vida de todas elas. Algumas são ocupantes, mas não militantes. O que não esvazia suas trajetórias de contestação, coragem e esperança. Ouvimos dez jovens que foram mães na adolescência, nos valendo da História de vida como técnica. E por meio da memória que parte do Tempo presente, de preocupações e visões atuais pretendemos alcançar as conexões entre o vivido e o narrado, resignificando suas próprias existências e experiências. Propomo-nos a ir mais além do que a descrição narrativa, tendo como objetivo a aproximação com realidades concretas, inseridas em um cenário no qual, múltiplas vulnerabilidades se encontram, permitindo que elas falem por si. Na medida em que, elas são convidadas a falar de si, por si e sobre si, esperamos não cair em noções fatalistas, que negam opções a mulher pobre. Todavia, sem mistificá-las, afirmando sua condição humana.

Palavras-chave: Memória; gênero; movimentos sociais

O lugar da pesquisa: o memorial-formação como possibilidade

Isis Ceuta Pinto Alves

Universidade Federal da Bahia – UFBA

iceuta@yahoo.com

Este texto trata da escolha da narrativa (auto)biográfica, de forma mais específica a escrita de um memorial-formação, como o lugar do acontecer e do registro da pesquisa que venho desenvolvendo como aluna do mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, uma tentativa de compreender como o professor envolvido na escrita do memorial-formação localiza e (des)articula durante a construção da narrativa os diferentes saberes que permeiam a sua formação. Sendo o memorial-formação objeto articulador do trabalho, a narrativa enquanto gênero se coloca também como possibilidade para a construção da própria pesquisa, assumindo o memorial-formação da pesquisadora o lugar de dissertação. Deste modo, é sobre as formulações conceituais que envolvem a escolha da (auto)biografia como dispositivo

formativo-avaliativo para a produção desta pesquisa que versa este texto. Para esse recorte, são apresentadas as construções conceituais que levam aos três fios condutores por mim tomados como referência para a escrita do memorial, a saber: narrativa, experiência e saber. Sobre experiência, são situadas as contribuições de Josso, Larossa e Dewey para a construção do entendimento da experiência como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca (LAROSSA, 2002, p. 4, grifos do autor), uma aventura que só existe quando o sujeito se permite um “trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido” (JOSSO, 2010, p. 48) e que é uma marcha de força para outras experiências (DEWEY, 2010); Ao tratar do segundo fio, a narrativa, a localização da singularidade do gênero discursivo memorial-formação (SARTORI, 2007) é ponto de partida para uma discussão sobre a postura de narrador do pesquisador, entendendo-o como alguém que é, ao mesmo tempo, autor, narrador e personagem (SIBILIA, 2008), uma entidade complexa e vacilante dotada da capacidade de (re)colocar em circulação as suas próprias representações sobre a sua formação e as referências que a apóiam (PASSEGI, 2000); Por fim, como os fios da narrativa são eleitos para tecer, ao falar sobre saber retorno aos dois outros fios e, tendo como referências os trabalhos de Lyotard (1991), Moreira (2007) e Veiga-Neto e Nogueira(2010), discuto o saber narrativo, considerando que se a narrativa produz um saber próprio, dadas as referências que são mobilizadas/mobilizadoras e resignificadas na/da escrita do texto.

Palavras-Chave: Memorial; formação; narrativa; saber; experiência

Preconceitos e resiliência nas trajetórias de estudantes com deficiência “incluídos” na universidade

Jaciete Barbosa dos Santos

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC

jaciete@bol.com.br

O presente trabalho objetiva tecer uma reflexão de dados recolhidos na pesquisa empírica desenvolvida no Doutorado em Educação, realizada numa instituição pública de Ensino Superior Baiano, durante o primeiro semestre de 2011. A investigação procurou analisar trajetórias de estudantes com deficiência ‘incluídos’ na universidade, à luz da Teoria Crítica da Sociedade, visando identificar possíveis marcas de preconceito traduzidas por atitudes de discriminação social sob a forma de marginalização e/ou segregação no âmbito acadêmico. Ao caracterizar a instituição universitária no Brasil, deparamo-nos com a realidade de um espaço de formação acadêmica contraditório, desde seu nascedouro, que sempre abrigou elites economicamente favorecidas e, por conta da luta por reparação social, teve que acolher no início desse século – até por força da legislação – minorias que foram impedidas de acessar a universidade ao longo da história. O sentimento de pertença dos estudantes que vivem a condição de diferença/deficiência no contexto acadêmico precisa ser legitimado, pois fazer parte da universidade, ter pertencimento nessa instituição, é uma luta travada por minorias, marcadas pela discriminação social, que precisam refletir e ressignificar suas experiências no contexto da própria formação. A chegada deste “novo alunado” que compõe grande parte da diversidade humana, sócio-culturalmente excluída, exige das instituições uma revisão urgente em suas práticas e

em seus espaços estruturados para atender, apenas, aos privilegiados economicamente, culturalmente, fisicamente, sensorialmente e intelectualmente. A presença de estudantes que vivem a condição de diferença/deficiência implica em mudanças na cultura acadêmica que sempre se manteve distante dos problemas que acometem a vida das consideradas minorias, embora estatisticamente, conforme dados do Censo realizado em 2010, as pessoas com deficiência representem aproximadamente 24% da população brasileira, ávida por ter seu lugar – de direito – numa instituição universitária pública. A trajetória dos referidos estudantes na universidade, em geral, apresenta marcas de preconceitos, suportadas e/ou enfrentadas por processos de resiliência, constituídos pela formação que consegue articular a experiência e a auto-reflexão crítica no âmbito acadêmico.

Palavras-chave: Preconceito; universidade; inclusão; deficiência; resiliência

Resiliência e ação docente na promoção do desenvolvimento escolar exitoso: um estudo de caso com afrodescendente

Jair Fortunato Borges Junior

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

jayrpro@gmail.com

Carmen Campoy Scriptori

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e Centro Universitário Moura Lacerda

carmen.scriptori@gmail.com

A Escola, enquanto instituição, por não levar a efeito a inclusão de conteúdo étnico-racial, acaba por não promover o desenvolvimento escolar exitoso da população negra, conforme recente pesquisa do IPEA (2010). Por outro lado, a necessidade de se estabelecer mecanismos que gerem e fortalecem fatores de resiliência no processo educacional se faz cada vez mais urgente. Com objetivo de estabelecer possíveis relações entre promoção de resiliência, ação docente e sucesso escolar, dentro de um sistema educacional que reproduz o preconceito racial do alunado negro, historicamente estigmatizado na sociedade brasileira, foi desenvolvido um estudo de caso com um sujeito afrodescendente egresso do ensino público, com características de extrema adversidade em sua infância. A metodologia foi a da pesquisa exploratória de tipo ex-post-facto. A coleta de dados se deu por meio de entrevista aberta (tipo história de vida), com base no Método Clínico-crítico Piagetiano. Também foi utilizada pesquisa bibliográfica sobre preconceito racial e resiliência no sistema público de ensino, por meio da qual se pode constatar que a literatura sobre resiliência aplicada à educação no Brasil ainda é escassa. No momento da realização da pesquisa não foi encontrado nenhum outro trabalho relacionado especificamente à resiliência com recorte étnico-racial afrodescendente. O estudo mostra que o sujeito da pesquisa, quando acolhido e ajudado por alguns de seus professores, pode superar os fatores de adversidade aos quais foi submetido durante sua infância e adolescência e encontrar o sucesso. A análise de seus relatos permitiu inferir que tais adversidades tornaram-se uma alavanca para sua ascensão pessoal e desenvolvimento de uma adaptação resiliente, desde que devidamente suportada por uma ação docente

efetiva. Os docentes envolvidos no processo de formação do sujeito da pesquisa em questão não conheciam estudos sobre resiliência nem a tinham como objeto de estudo em sua trajetória acadêmica. Esta pesquisa permitiu inferir que fatores de resiliência podem ser promovidos pelos docentes, constituindo-se como uma ferramenta para o desenvolvimento escolar exitoso de alunos expostos a altos fatores de risco. Daí a proposta da resiliência como objeto de estudo na composição do currículo de formação inicial ou continuada de professores.

Palavras-chave: Afrodescendente; Preconceito Racial; Promoção de Resiliência

Educadores baianos: histórias de vida, formação e atuação docente

Joselito Brito de Almeida

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO

jba200@ig.com.br

Elizeu Clementino de Souza

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO/CNPq

esclementino@uol.com.br

Esta comunicação toma como objeto de análise e compreensão as histórias de vida, as trajetórias de formação e atuação de educadores baianos e, vincula-se às investigações que vêm sendo realizadas no Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral – GRAFHO, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduC da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, no âmbito da pesquisa sobre histórias de vida de educadores baianos e suas interfaces com a educação da Bahia. Essa investigação busca ampliar a compreensão do processo educativo visando focalizar o cenário educacional do período compreendido entre os anos 50 a 80 do último século, entrecruzando os percursos de vida, as trajetórias de formação e atuação dos educadores para o alargamento da compreensão da educação baiana e dos processos socioculturais, político-ideológicos e educacionais postos à/na sua formação e atuação pela dinâmica da sociedade contemporânea, marcadamente desigual, seletiva e patriarcal, assim, para nós, importa problematizar e compreender a relação que se estabelece entre a formação e atuação de educadores baianos na construção das histórias de vida a partir de suas narrativas autobiográficas. De certo que as narrativas (auto)biográficas e os processos memorialísticos desses/as educadores/as, advindos da/na reconstrução de suas trajetórias individuais e/ou coletivas, através de entrevistas narrativas, redimensionam e potencializam a análise e reflexão dos processos formativos e da constituição das diferentes alternativas de formação e escolarização empreendidas no fazer cotidiano nos espaços educativos e escolares em que atuam ou atuaram, vivem ou vivenciaram como estudantes ou profissionais da educação. E, neste sentido, podemos afirmar que as memórias que os professores têm do trabalho didático-pedagógico que realizam, dentro e fora da sala de aula, estão marcadas por diferentes formas de subjetivação às quais, historicamente, vêm sendo submetidos por meio dos discursos veiculados na sociedade e que definem como devem ser, agir e atuar no interior das escolas e no contexto social mais amplo; bem como das resistências aos discursos instituídos e instituintes e das

lutas empreendidas na construção de uma identidade profissional docente pautada pela autonomia, solidariedade, resistência, resiliência e ética.

Palavras-Chave: Histórias de Vida; Trajetórias de Formação; Trabalho Docente

“Vivendo uma outra história”: estudo sobre os significados atribuídos ao abuso sexual intrafamiliar para adolescentes que foram vitimizadas

Juliana Hilario Maranhão

Universidade Federal do Ceará

juliana-maranhao@hotmail.com

O abuso sexual intrafamiliar contra adolescentes é uma das tipologias da violência de maior complexidade. Envolve tanto a agressão física quanto a psicológica, anulando a vontade do outro de exercer sua sexualidade de forma livre e desconsiderando os adolescentes como sujeitos em condição peculiar de desenvolvimento. A violência sexual contra adolescentes tem sido debatida como problemática social de violação dos direitos humanos, envolvendo aspectos de gênero e geração devendo ser analisado a partir de um olhar histórico, social, cultural e econômico. Este trabalho baseia-se no estudo Resiliência e Violência Sexual: um estudo sobre adolescentes vitimizadas por abuso sexual intrafamiliar (MARANHÃO, 2011), desenvolvido sob a forma de monografia onde se investigou o processo de construção de resiliência em adolescentes vitimizadas por abuso sexual intrafamiliar. A resiliência é caracterizada como superação de situações adversas, configurando-se como algo processual, promovida pela interação de fatores de proteção pessoais e coletivos, em determinado contexto de risco ou vulnerabilidade social. Para tanto, fizemos o recorte sobre os significados e sentidos da vitimização sexual intrafamiliar para as adolescentes a partir da percepção das mesmas. A pesquisa é de caráter qualitativo tendo como referencial teórico-metodológico a Teoria Histórico-Cultural. Foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada e foram realizadas 4 entrevistas com adolescentes entre 12 e 16 anos de idade atendidos no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS Regional de Fortaleza). Percebemos pela análise dos resultados que o perfil dos vitimizados tem a primazia do gênero feminino no período da infância e pré- adolescência. Nesta pesquisa, os agressores constituíram-se em padrasto, pai e tio. Em relação ao que conheciam sobre a violência sexual, as adolescentes pouco ou nada sabiam da situação vivenciada. Apesar de se perceberem em uma situação desconfortável, as adolescentes não conseguiram sozinhas romper com o ciclo de violência. Os amigos apareceram como um dos meios para a saída da relação abusiva e na construção de um vínculo de confiança. No entanto, as ameaças e o medo em relação ao agressor e a não credibilidade na fala das adolescentes pelos adultos de sua convivência, impossibilitaram a denúncia do abuso em seu início, necessitando de um ambiente de segurança e confiabilidade para que as adolescentes percebessem a saída da situação abusiva, espaço este encontrado na família ampliada. Por fim, faz-se necessário uma rede de apoio composta pela família ampliada, comunidade e instituições sociais com atendimento qualificado para pessoas que sofreram violência sexual contribuindo para a resiliência.

Palavras-Chave: Adolescência; violência sexual; resiliência

Da lavoura do sisal à sala de aula: histórias de um professor resiliente

Jussara Fraga Portugal

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO/FAPESB

jfragaportugal@yahoo.com.br

Elizeu Clementino de Souza

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO/CNPq

esclementino@uol.com.br

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa que versa sobre as histórias de vida e itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia que exercem a docência em escolas rurais no sertão da Bahia. Na referida pesquisa, intencionamos compreender as interfaces entre as experiências das histórias de vida advindas das vivências cotidianas no meio rural e as itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia que nasceram, vivem e exercem a docência em escolas de educação básica situadas em territórios rurais e como os mesmos transformam as situações vivenciadas nos cotidianos da vida nas comunidades rurais e as experiências de formação acadêmica no curso de Licenciatura em Geografia, em conhecimentos geográficos na sala de aula. Neste texto contemplaremos apenas as histórias narradas por um professor cuja infância foi vivida na lavoura do sisal e que após ingressar tardiamente na escola e ter vivido diferentes experiências como trabalhador rural, nutriu o desejo de seguir em frente, de mudar a sua história e de ser professor. Essas narrativas foram produzidas no âmbito do “Projeto Traduzindo-me: narrar histórias, geografar trajetórias”, cujo principal objetivo é conhecer, analisar e interpretar, através da escrita de memoriais, as histórias de vida e as itinerâncias de escolarização e formação dos professores de Geografia em formação na Universidade do Estado da Bahia – UNEB / Campus XI, no Território de Identidade do Sisal. A vida do professor Antônio, no contexto rural, foi marcada por adversidades, desafios e enfrentamentos. As marcas de resiliência presentes na história de vida desse professor são inscritas no corpo, pelas cicatrizes advindas das severas condições de trabalhos impostas na lavoura do sisal. Outras marcas subjetivas também são retratadas na escrita de suas memórias, desvelando em suas histórias, as suas trajetórias e as estratégias de enfrentamento criadas para mudar a sua vida, reescrever a sua história. Sua inserção no espaço escolar, paralelo à labuta diária na lavoura e, mais tarde, a sua inclusão na universidade proporcionaram a este professor diferentes modos de romper com o que estava predeterminado e, assim, percorrer outros caminhos, tornando-se um resiliente professor.

Palavras-chave: História de vida; memórias; narrativas; professor resiliente

Entrelaçamentos: desde a discência, as tramas da professoralidade

Jussara Almeida Midlej Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

jumidlej@hotmail.com

Este trabalho descreve uma investigação educacional baseada nas histórias de vida como método de investigação qualitativa e como prática de formação. Ocorreu no num Curso de Pedagogia presencial integrado ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), implantado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em regime de colaboração com a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Envolveu 24 docentes, em exercício, da rede pública da educação básica de Jequié e seu entorno, que não possuíam formação superior. Processou-se em regime de cooperação acadêmica, entre 2010 e 2011, integrado a duas disciplinas (Teoria e Método; Educação Infantil) e encontra-se na fase de análise de dados. Seus objetivos conectam-se à averiguação de narrativas autobiográficas como um processo de reconstituição da gênese de ser professor e, nesse sentido, verificar de que modo os fenômenos e as experiências vividas no percurso escolar, como discentes, se expressam nos quefazeres docentes; e ainda, investigar se a agregação de conhecimentos produzidos pelos atos de narrar-se e às práticas cotidianas tendem a ocasionar, nas pessoas, a ampliação das percepções de si e a aguçarem seus entendimentos acerca das situações nas quais elas estão inseridas, ajudando-as a transformarem-se e aos contextos de atuação profissional. As primeiras análises dão indícios de que os modelos de docência que lhes foram proporcionados são explicitados nas tramas constitutivas da professoralidade, demonstrando que, de variados modos, a composição de formações históricas individuais criam tramas (in)visíveis que vão constituindo os saberes pessoais e as crenças que fundamentam suas vidas. De suas bases teórico-epistemológicas estão a emergir experiências intersubjetivas procedentes dos princípios norteadores das histórias socioprofissionais de cada uma. As produções escritas, como memórias coletivas do passado, consciências críticas do presente e premissas operatórias para o futuro, estão a demonstrar que a processualidade da condição humana e não a cristalização ou a estabilidade reconstrói saberes profissionais corroborando potencialidades de transformação: os desvelamentos de cenas virtuais do estar sendo o que são, apresentam indícios de serem capazes de criar possibilidades de acionamento de novas composições de professoralidade.

Palavras-Chave: Narrativas autobiográficas; percursos escolares; professoralidade

A formação de docente em exercício, história de vida e “escrita de si”: há resiliência

Mácio Nunes Machado

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC

macio_machado@yahoo.com.br

Este artigo se constitui em uma reflexão e análise a partir da realização do Curso de Extensão em Formação Docente na perspectiva da “Escrita de si”; o qual foi apresentado ao Colegiado de Pedagogia e ao Núcleo de Pesquisa e Extensão do DCHT- Campus

XVI – UNEB – Irecê e a Secretaria Municipal de Educação de Presidente Dutra e desenvolvido com estudantes – professores em exercício - do Curso de Pedagogia na modalidade presencial semestral, no referido município. A metodologia parte de um estudo bibliográfico, no qual objetivou o levantamento de referências que fundamentaram a realização do curso a partir da história de vida das / dos docentes em formação e como o rememoração pode ajudar na sua formação docente, ao tempo em que revela a capacidade intrínseca desses professores, que na sua maioria, já estão em exercício há pelo menos 10 anos, de superar os desafios de uma jornada de trabalho de 40 horas semanais e ainda se encontram motivados a estudarem no turno noturno e aos sábados com um entusiasmo bem característico. Para a elaboração do estado da arte da temática discutida no artigo contou-se com as contribuições de pesquisadores nacionais e internacionais sobre as temáticas em questão. O presente artigo está dividido em duas partes, a primeira compreende a apresentação e discussão sobre a história de vida e a “escrita de si”, enquanto elaboração teórica a partir das experiências no curso de extensão e de uma pesquisa bibliográfica e na segunda parte trás uma reflexão sobre a resiliência, ou seja, a capacidade de professores em exercício de superarem as adversidades de dois turnos de trabalho em sala de aula e ainda estudarem no noturno, numa visão que extrapola a condição de apenas adequação ao que já está posto, mas que supere as dificuldades e estresses, e sejam propositivos. As reflexões compiladas no artigo, a partir da história de vida e “escrita de si” e da resiliência na formação de professores em exercício se inscreve na perspectiva de fortalecimento e enriquecimento dos sujeitos aprendentes-ensinantes para além da ordem social vigente, mas em vista da sua emancipação humana; uma vez que a necessidade da formação inicial concomitante ao exercício da profissão é um condicionante da ordem social, econômica e política vigentes.

Palavras-Chave: Formação docente; escrita de si; história de vida; resiliência

As itinerâncias formativas e as narrativas de vida de normalistas no sertão da Bahia: memória, identidade e profissionalização de mulheres

Mácio Nunes Machado

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC

macio_machado@yahoo.com.br

Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO

rubialapa@hotmail.com

Este artigo discorre sobre a abordagem pedagógica e as itinerâncias formativas de dez ex-normalistas do Instituto Senhor do Bonfim de Jacobina, a partir da constituição e construção histórica de suas caminhadas em suas “cadeiras” no sertão baiano e as possíveis implicações de um fazer pedagógico autorizado. Tal espaço educacional produziu aquele modelo de professor cujas representações e juízo de valor eram de “senhoras” de conhecimentos, consideradas hábeis educadoras. Pretende-se, assim, observar a influência das reflexões deflagradas, as reelaborações das narrativas de professores sobre seus percursos enquanto sujeitos, fortalecendo a imagem do sujeito formado, bem como, eram constituídos os saberes. Focalizaremos as práticas de Letramento dos docentes da década 40/60, elencando as contribuições dos trabalhos rememorativos frente à formação

identitária do sujeito. Ao tratar da profissão docente com foco para a construção da identidade e para os movimentos de valorização do magistério, considerando a relação entre sujeito e objeto na construção da realidade, caracterizando-a como qualitativa (MINAYO,1994). O trabalho metodológico é autobiográfico com a temática oral a partir do diálogo realizado junto às depoentes (PÁDUA, 2004). Com base na discussão sobre a profissão docente (CUNHA, 1999; IMBÉRNON, 2006), abordamos a construção da identidade dos/as professores/as (PIMENTA, 2008) e os movimentos de valorização da categoria (BATISTA NETO, 2006). No decorrer da investigação, chegamos à compreensão de que o trabalho docente articula-se aos interesses sociais mais amplos e sua profissionalização é um movimento complexo e multifacetado, porque envolve sujeitos e condições de trabalho diferentes; além disso, identificamos que há políticas públicas de valorização do trabalho docente que necessitam ser levadas adiante, sobretudo com o envolvimento da categoria. No entanto, após a leitura dos textos executados na disciplina Pesquisa em Educação, vimos que as discussões acerca da profissionalização, mesmo divergentes, provocam um movimento que se articula em prol da valorização do magistério desde o surgimento da Escola Nova com Anísio Teixeira e que fora reforçado juntamente com os ideais de um espaço de “garantia” de formação específica.

Palavras-chave: Memória; Profissionalização; Categoria de formação; Narrativas

Sujeitos, histórias de vida e bullying na escola: narrativas que desvelam marcas de resiliência

Marta Martins Meireles

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

marta.linci@hotmail.com

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida no Curso de Especialização em Educação Especial/UEFS. Neste texto nosso objetivo é refletir sobre as histórias de vida de sujeitos que vivenciam situações de bullying na escola e que desvelam em suas narrativas trajetórias marcadas pela resiliência. O bullying compreende todo tipo de agressões, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação aparente, adotado por um ou mais estudantes contra outro(s) [...] dentro de uma relação desigual de poder. Bullying se constitui um fenômeno cruel, sutil e perverso, capaz de deixar marcas profundas de sofrimento naqueles que o vivenciam. A pesquisa fundamentou-se em uma investigação de cunho qualitativo, contemplando uma discussão pautada na abordagem das narrativas de vida como perspectiva metodológica e a entrevista narrativa como instrumento de coleta de dados. As narrativas apresentadas são de três jovens/adultos com Síndrome de Down que estão inseridos em escolas regulares. Na sua maneira de ser e estar no mundo, cada um expressa suas lutas em se manter firme na vida e na escola. As narrativas nos permite afirmar que a constituição do sujeito se dá na relação com o outro, e mesmo que essas relações sejam marcadas pelas situações de bullying, pelos preconceitos e discriminações, esses sujeitos criam expectativas de futuros, de sonhos, buscam oportunidades, constituem-se como sujeitos autônomos, desafiando os prognósticos; o que os torna, de algum modo, sujeitos resilientes. As histórias aqui contadas revelam sujeitos que apesar de vivenciarem situações que interferem negativamente em seus

processos identitários trazem, nas entrelinhas, um desejo enorme de rupturas, de ir em busca de sonhos e aspirações, de crescer academicamente, profissionalmente, enfim, de serem felizes. Dessa maneira, narram suas histórias mostrando que é possível a superação de questões que a sociedade insiste em considerar intransponíveis, desvelando, portanto, histórias marcadas por resistências, superações e rupturas, por diferentes modos de se fazer resiliente.

Palavras-Chave: Jovem; Síndrome de Down; Bullying; Narrativas; Identidade; Resiliência

Quando o sujeito (se) diz e se faz resiliente

Maximiano Martins de Meireles

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

maxymuus@hotmail.com

O presente texto, fruto de uma pesquisa realizada no Curso de Especialização em Educação Especial/UEFS, trata das narrativas de vida de um sujeito que constrói imagens de si, que se “diz” e que, ao dizer-se, desvela e inscreve em suas trajetórias marcas de resiliência. A pesquisa assume uma perspectiva de natureza qualitativa, tomando as narrativas de vida como opção metodológica e a entrevista narrativa como instrumento de recolha de dados. Quem é e como foi se tornando sujeito (com deficiência mental)? Que marcas de resiliência emergem em suas narrativas? São essas as questões que movem nosso trabalho. O sujeito de nossa pesquisa é um jovem de 16 anos, estudante, uma pessoa. Um sujeito e não uma deficiência. Ele tem nome, tem história(s), dificuldades, potencialidades, sonhos e desejos. É assim que ele se vê: como sujeito do discurso, que fala; como sujeito autônomo e aprendiz, que estuda, trabalha, namora e que prega a palavra de Deus. Como sujeito que traz em seu percurso de vida marcas de resiliência, ao olhar para si, ele nos faz ver a existência de um sujeito vivo, desejante, forte, esperançoso, que ameaça e se impõe frente aos prognósticos negativos; um sujeito que desafia o discurso preconceituoso, a ideologia médica, as pragas sociais. Um sujeito que significa sua experiência recusando os conceitos e as imagens negativas difundidas socialmente em relação à pessoa com deficiência mental. Assim, contrariando todos os processos de exclusão por quais passam as pessoas com deficiência mental, Carlos (nome fictício) vive e participa, autorizado ou não, de muitas práticas sociais. Nas suas experiências cotidianas, nas relações sociais, ele vai criando uma resistência em relação aos rótulos que as pessoas tentam lhe impor. É uma história de vida marcada, de algum modo, por rupturas, conflitos, resistências e superações, reafirmando que a constituição do ser humano em humano, ainda que em condições de desvantagem, se dá sempre na relação com os demais (CARNEIRO, 2007), num processo de resiliência. Sendo assim, quanto mais ele se distancia dos estereótipos “do ser deficiente mental” mais possibilidades constrói na escola e na sociedade. E apesar das inúmeras impossibilidades, das marcas das inúmeras reprovações, das trajetórias escolares longas, de seus medos e frustrações, ele não construiu uma condição cristalizada de impossibilidades. Ele se diz e, ao dizer-se, demarca em sua história marcas de resiliência.

Palavras-chave: Deficiência mental; Dizer-se; Marcas de Resiliência; Narrativas; Sujeito

Práticas interdisciplinares a partir das abordagens auto-biográficas

Najó Glória dos Santos

Universidade Federal de Sergipe – UFS

najo_gloria@yahoo.com.br

O presente artigo parte de uma pesquisa que se pretende analisar as contribuições das histórias de vida na formação interdisciplinar e no fazer profissional dos egressos do curso de mestrado no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (1997 a 2010) da Universidade Federal de Sergipe. Trata-se de um estudo sobre a prática profissional interdisciplinar em ciências ambientais, através da análise das possíveis mudanças ocorridas a partir da formação acadêmica do aluno no Programa e sua aplicabilidade no mundo do trabalho. Pretende-se utilizar os relatos autobiográficos de vida/trabalho, identificar os elementos que contribuíram, determinaram, construíram e alicerçaram o fazer profissional em distintos campos de trabalho. Faz-se recorrência às abordagens (auto) biográficas, à Sociologia do Trabalho, à biografia educativa e às práticas interdisciplinares em ciências ambientais e no mundo do trabalho. Os principais instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa foram: questionário fechado, entrevistas semidirigidas, fontes documentais, relatos autobiográficos. Como resultado pretende-se destacar a relevância da formação interdisciplinar em ciências ambientais, através da qual as implicações sociais e científicas estão presentes em diferentes campos de trabalho. No entanto, este estudo propiciará as discussões sobre a importância das trajetórias de vida profissional no desenvolvimento interdisciplinar para a definição de políticas públicas de formação nas diversas áreas do conhecimento, sociologicamente situada.

Palavras-chave: Histórias de Vida; Desenvolvimento Profissional Interdisciplinar; Egressos

A mulher que inquieta, cala e emociona a população encarcerada: resiliência e história de vida

Nilton de Oliveira

Secretaria Estadual de Educação

niltonde@uol.com.br

Andrea Tourinho Pacheco de Miranda

Faculdade de Direito Rui Barbosa

andreatourinho@gmail.com

O presente texto, tem por finalidade associar ao termo resiliência, à luz da ciência, a história de vida de uma mulher egressa do sistema prisional da Bahia nas últimas décadas do século XX. Uma vida pautada em realidades adversas: crimes, prisão, abandono, condenação; no entanto, confiança e determinação marcaram essa história a partir do momento em que esta mulher decidiu recomeçar uma nova etapa em sua vida, a começar na própria penitenciária apoderando-se das poucas oportunidades que lhes eram oferecidas naquela época. Por meio de observações diretas em palestras que

ela tem proferido em diferentes encontros a exemplo das aulas do projeto Liberdade e Cidadania, da Secretaria de Justiça Cidadania e Direitos Humanos da Bahia, bem como na entrevista semi estruturada que ela nos concedeu recentemente, se identificou claramente quatro pilares da resiliência em sua história de vida: 1) capacidade de se relacionar, na medida do possível, ela sempre esteve disposta a contribuir com as demais condenadas, partilhava dificuldades e vitórias com as companheiras de cárcere sempre que tinha oportunidade; 2) iniciativa, ter a coragem de tomar decisão, contribuir na construção de um ambiente de convívio entre as demais condenadas, não perder as oportunidades que lhes ofereciam, quer fossem estas oferecidas pelo próprio sistema a exemplo de cursos ou oficinas, quer fossem oportunidades proporcionadas por pessoas externas a exemplo de padres, pastores, etc; 3) humor, reconhecer a situação de condenada e administrar a realidade com confiança e determinação diante das circunstâncias do ambiente e do sistema, sem nunca se deixar ser vencida pela fraqueza; 4) auto-estima, reconhecer-se capaz de cumprir sua pena e, sair daquela circunstância com vitória, reconstruir a família e buscar novas oportunidades, como ela sempre afirmou e afirma em suas palestras: “levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima”. É por considerarmos essa história um típico exemplo de resiliência que se decidiu por apresentá-la nessa oportunidade.

Palavras-Chave: Resiliência; iniciativa; humor; auto-estima

De lavrador a doutor: itinerâncias de um resiliente

Patrícia Queiroz Pires

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO

ppqgeo@yahoo.com.br

Elizeu Clementino de Souza

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO/CNPq

esclementino@uol.com.br

Neste trabalho, apresento a história de vida e a superação de um menino lavrador que atualmente é professor adjunto da UNEB/Campus V. Suas experiências formativas são permeadas por marcas de preconceitos na infância, oriundas de colegas, professores e direção da escola. Este artigo, é um recorte dos resultados da pesquisa, em nível de mestrado, desenvolvida no âmbito do Programa em Educação e Contemporaneidade da PPGEduC – UNEB que teve como objetivo principal investigar o lugar da Prática de Ensino e do Estágio Supervisionado em Geografia no curso de Licenciatura na/para a formação do (a) licenciado (a) em Geografia da UNEB/Campus V. Como pressuposto metodológico, esta investigação esteve sustentada na abordagem (auto)biográfica (SOUZA, 2006), tendo como principal fonte de recolha de informações entrevistas narrativas (BAUER, 2002) expressas pelos docentes. Estas entrevistas narrativas possibilitaram conhecer a trajetória de vida-formação dos professores colaboradores dessa investigação. Para tanto, buscando um olhar minucioso sobre a vida e a profissão, delimito para este texto o trabalho com a história de vida de um destes profissionais que pela sua resiliência vence os prognósticos e chega a docência universitária. No passado, não muito distante era um simples lavrador, sem perspectivas de adentrar a academia nem mesmo enquanto discente, pois dificuldades diversas, inclusive financeiras impossibilitariam até mesmo o pagamento

de sua inscrição no vestibular. Somado a isso, este pequeno lavrador, com pais sem escolaridade completa, não tendo nenhum parente próximo ou distante com diploma nem mesmo em nível médio, sofreu “bullying” dos colegas, professores e direção da escola. Contudo, as marcas que poderiam paralisá-lo ou fazê-lo abandonar os estudos nas primeiras séries do Ensino Fundamental, estão presentes apenas como cicatrizes e estímulos para que outras vidas também estejam em busca de realizações de sonhos e superação dos estigmas que a sua história de vida tenha lhe proporcionado. Atualmente o lavrador com o título de doutor em Arquitetura e Urbanismo, é professor universitário e portador de uma história incrível de superação e orgulha-se de suas itinerâncias, marcas que fizeram dele uma pessoa/professor resiliente.

Palavras-chave: Histórias de Vida; Narrativas; Formação; Resiliência

“Porque eu sou do tamanho do que sonho, e não do tamanho do que vejo”: A resiliência como possibilidade de (re)criação da história do sujeito

Poliana Marina Mascarenhas de Santana Magalhães

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC

polianamms@gmail.com

Este estudo, intitulado “Porque eu sou do tamanho do que sonho, e não do tamanho do que vejo: A resiliência como possibilidade de (re)criação da história do sujeito”, discute a resiliência como instrumento de (re)criação de práticas cotidianas. A escolha do tema e do sujeito deste estudo se deu a partir do objeto de estudo da minha pesquisa de Mestrado, realizado no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduC/UNEB (Universidade do Estado da Bahia), que versou sobre as representações sociais do professor sobre o coordenador pedagógico. O presente trabalho narra a história de vida e a trajetória profissional de uma professora e supervisora escolar, que acometida por uma doença degenerativa na visão, atuou entre os anos de 60 e 70 do século passado na rede pública de ensino, na cidade de Feira de Santana. As descrições memorialísticas de lugares, fatos/acontecimentos e situações vividas, narradas por esta professora nos permitem questionar: o que fazer com as condições impostas pelas adversidades que a vida e/ou a profissão nos impõem? Através de suas memórias, pode-se entender um pouco, como era pensada e praticada a educação, qual a formação necessária, quais funções, relações e sentimentos permeavam o fazer no cotidiano escolar. Além disso, é possível perceber como a busca da superação das adversidades pode ser uma condição inerente ao sujeito, sendo desenvolvida pelas suas experiências de vida. A história dessa Professora, obtida através da realização de entrevistas narrativas, revela uma dedicação e uma determinação que lhe fizeram vencer as limitações impostas pela deficiência, pela falta de recursos, que desde o seu tempo, assolava as nossas escolas públicas e pela pouca formação subsidiada pelo Estado. Mesmo exercendo uma função de controle, buscava atender às necessidades das professoras que exerciam a docência na escola sob a sua coordenação/supervisão, principalmente com a formação continuada, principal demanda do coordenador pedagógico na contemporaneidade. Ao escutar as memórias dessa professora e supervisora, pude conhecer um período da educação de Feira

de Santana e da Bahia que jamais encontraria nos referenciais teóricos, porque, suas lembranças, suas histórias, embora reveladoras no sentido histórico, estavam carregadas de subjetividades, sentidos e significados pessoais e profissionais que me permitiram entender um pouco mais sobre a escola e o exercício da supervisão nesse espaço, bem como a invenção e (re)invenção cotidiana da coordenação pedagógica.

Palavras-chave: Memórias; Resiliência; Adversidade; Supervisão Escolar; Coordenação Pedagógica

Relatos de adolescentes em situação de violência sexual: caminhos para resiliência

Renata Maria Coimbra Libório

Universidade Estadual Paulista – UNESP

coimbralibor@uol.com.br

Alex Sandro Gomes Pessoa

Universidade Estadual Paulista – UNESP/Presidente Prudente/Programa de Pós-Graduação em Educação

alexpessoa2@gmail.com

As pesquisas e intervenções com populações em situação de risco no Brasil, articulados com o tema da resiliência, tiveram nos últimos anos um aumento considerável. Majoritariamente, esses estudos focalizam populações infanto-juvenis, e se caracterizam como produções científicas bastante rigorosas. Contudo, sabemos que a violação do direito de crianças e adolescentes ainda é bastante recorrente e que diversas formas de maus tratos demarcam a realidade desses sujeitos. Nesse sentido, uma compreensão mais fidedigna das expectativas desses sujeitos colaboraria na elaboração de práticas mais eficazes para o favorecimento de identidades fortalecidas. Diante do exposto, e com uma visão cultural de resiliência, proposta por Michael Ungar, delimitamos como objetivo desse trabalho analisar algumas variáveis a partir da produção textual de adolescentes que tiveram seus direitos violados. Participaram da atividade 11 (onze) sujeitos, na faixa etária de 12 a 17 anos, sendo 8 (oito) do sexo feminino e 3 (três) do sexo masculino. Os participantes frequentavam um projeto social de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. Os temas suscitados buscaram compreender os projetos de vida a partir das seguintes variáveis: família, escola, amigos, emprego e namoro. A partir dos textos produzidos, individualmente e em pequenos grupos, foram realizadas análises de conteúdo e posteriormente criadas categorias analíticas que foram confrontadas com os apontamentos da literatura em questão, comparando inclusive com pesquisas que avaliaram projetos de vida em adolescentes não categorizados como vitimizados. Os resultados apontam situações bastante conflituosas com a família, mas, ao mesmo tempo, sinalizam um anseio de melhoria das relações por parte dos adolescentes. A escola se configura como uma instituição que visibiliza boas possibilidades no futuro dos participantes, embora surgiram alguns relatos de repúdio e mau estar neste espaço. O emprego apareceu sempre com uma perspectiva futura e articulado com o ingresso no ensino superior. As relações entre pares foram, indiscutivelmente, os fatores menos benéficos para os adolescentes, sendo que em alguns casos as amizades são apontadas como prejudiciais. Já com relação ao item namoro, constatamos posicionamentos

bastante discrepantes, sobretudo com relação as variáveis idade e gênero. O trabalho realizado com base nos relatos de vida dos participantes colaborou no desvelamento de algumas situações vivenciadas pelos participantes. Atividades dessa natureza colaboram para intervenções e investimentos pedagógicos mais assertivos, sobretudo porque são revelados as nuances e problemáticas que muitas vezes inviabilizam o acionamento de processos de resiliência.

Palavras-chave: Violência Sexual; Resiliência; Adolescentes

As implicações curriculares de uma escola normalista rural no sertão baiano

Rúbia Mara de Sousa Lapa Cunha

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO

rubialapa@hotmail.com

Este artigo tem por objetivo apresentar e elencar algumas das relações existentes entre o Currículo, trabalho docente e a formação dos professores, considerando as histórias de vida, a heterogeneidade, a identidade e a construção do saber fazer das Normalistas da microrregião de Jacobina, cidade do interior da Bahia. Assim, na tentativa de promover uma discussão sobre os desafios contemporâneos do Currículo frente aos Programas e processos de formação de professores e os múltiplos Institutos de Educação criados e fundados no período de 1940 a 1970, além de fazer referências ao processo de incampação pelo Estado da Bahia. Nesta perspectiva, assume não só a impossibilidade de separar o Currículo em compartimentos e também de se mostrar a validade de ressignificar o Normalista enquanto profissional em contexto histórico-cultural, político-econômico e sociocultural mais amplo em que se inserem os educadores e desenvolvem cotidianamente o trabalho docente. A partir das histórias de vida de professoras normalistas do sertão baiano, busca-se compreender os aspectos sócio-históricos que ganham uma relevância fundamental para a (re)construção das trajetórias singulares e plurais, na medida em que desvela identidades e subjetividades, através das representações e interpretações individuais/coletivas do mundo que estão e são inseridas no Currículo enquanto ato coletivo e de dialogicidade de saberes. Tal viés, vem aproximar o cotidiano dos professores normalistas e a possibilidade de inserção de valores de uma época marcada pela ideias republicanas e pelas estratégias de educadores de uma época.

Palavras-chave: Currículo; Formação; Dialogicidade

Narrativas auto (biográficas): a importância da escrita de si, na formação docente

Silvano Sulzart Oliveira Costa

Faculdade Maria Milza

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

sulzarty@hotmail.com

Analisar a importância da formação inicial dos profissionais da educação fundamental, e a relação entre teoria e prática no contexto educacional tonou-se muito significativo para

uma prática docente reflexiva. O trabalho auto (biográfico), tem sido utilizado no campo da formação do educador segundo pesquisadores como: Gaston Pineau (2006), Marie-Cristine Josso (2004), Antonio Nóvoa (1988), Ana Chrystina Mignot (2008), Donald Schon (2000), Pierre Dominicé, (1988), Elizeu Clementino de Souza (2008) dentre outros, que afirmam que o trabalho com os conceitos ligados à reflexão sobre a prática profissional, tornou-se um dos caminhos de construção do conhecimento docente, pois possibilita aos profissionais da educação a (re) significação de saberes e práticas. Compreende-se que na formação continuada o profissional passa por um processo de reflexão da prática, e ao mesmo tempo questiona as teorias, e assume uma postura profissional reflexiva. O presente ensaio, pretende refletir sobre como a escrita de si, influencia o educador, na construção da sua identidade docente, tendo como objetivo principal refletir sobre as narrativas auto (biográficas) no contexto de formação docente, como também discutir perspectivas teóricas sobre a abordagem auto- biográfica no contexto de formação de educadores. Percebe-se que o trabalho biográfico revela-se como importante recurso para a descoberta de si, existindo assim a apropriação de trajetórias pessoais, constituindo um exercício para que as experiências de vida, de profissão, e de formação sejam refletidas no bojo da formação docente.

Palavras-Chave: Formação; narrativas; reflexão

Histórias de resiliências: entre narrativas de vida e de formação, “Um adorável Professor”

Simone Santos de Oliveira

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS/PPGDCI/CAPES

ssoliveira_valentec3@yahoo.com.br

“Adorável professor” é uma das cinco obras cinematográficas analisadas num processo de investigação que versa sobre a imagem e representação da escola e da docência no cinema. Este artigo é resultante de uma pesquisa de mestrado, cujo processo de investigação ocorreu no âmbito do curso de extensão universitária Linguagem Cinematográfica e Formação Docente: Histórias de Vida, Memórias e Narrativas (Auto)Biográficas, do Departamento de Educação da UNEB – Campus XI, Serrinha-BA. O objetivo foi analisar como a escola e a docência são mostradas pelo cinema contemporâneo e quais as implicações que essas imagens fílmicas trazem para o contexto formativo dos professores em processo de formação inicial. A metodologia utilizada fundamentou-se no uso de narrativas, a partir da exibição e reflexão das imagens trazidas pela linguagem cinematográfica, entrelaçando com as histórias de vida de estudantes em processo de formação inicial em Licenciatura em Geografia e Pedagogia, no sentido de compreender as itinerâncias desses sujeitos e sua escolha profissional docente, a partir da exibição, análise fílmica e cruzamento com as suas histórias de vida e de formação. Tal processo investigativo foi ancorado no método (Auto)Biográfico e entre outros pesquisadores que fundamentam a referida pesquisa temos: Arroyo (2003, 2009), Nóvoa (1988, 1995a, 1995b, 2009), Souza (2006a, 2006b, 2006c, 2008a, 2008b), Tardif (2005), entre outros. Entre os achados da investigação, pudemos perceber que as imagens fílmicas que retratam a escolarização

levam ao afloramento de lembranças e leva-nos a refletir sobre as nossas itinerâncias e escolhas profissionais, fazendo-nos rememorar situações vivenciadas no meio familiar e na escola, cujas lembranças são analisadas numa perspectiva de compreendermos melhor quem somos e como a nossa história foi/vai se construindo. Quanto à escolha profissional, a pesquisa evidenciou que alguns dos estudantes escolheram a profissão docente porque falta oportunidade de emprego em outras áreas profissionais nos espaços/lugares onde eles residem. Além disso, para a maioria, a escolha profissional docente se deu por influência de familiares, amigos e, sobretudo, pela lembrança marcante de alguns professores resiliêntes no decurso de seus processos de escolarização, pela forma como tratavam esses estudantes, pelo modo como davam aulas, selecionavam os recursos didáticos, a maneira como os aconselhavam esses estudantes, enfim, pelo modo sensível de educar e de superar as dificuldades decorrentes da profissionalização. Deste modo, “Adorável professor” foi uma das obras cinematográficas exibidas, analisadas e cruzadas com as narrativas dos estudantes, sendo importante para analisarmos as resiliências que ocorrem nos processos de formação e de atuação docente.

Palavras-chave: Filme “Adorável Professor”; Resiliência; Profissão Docente; Narrativas (Auto)Biográficas

A pedagogia das classes multisseriadas como uma possibilidade de resiliência às políticas de regulação do trabalho docente

Terciana Vidal Moura

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

tercianavidal@ufrb.edu.br

Fabio Josué Souza dos Santos

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO

fabio13789@yahoo.com.br

As políticas educacionais na contemporaneidade tem sido fortemente influenciadas pelas determinações dos organismos internacionais que encerram uma perspectiva política e ideológica cuja preocupação central é ajustar a formação humana aos imperativos do mercado e impingir à educação uma perspectiva economicista, produzindo identidades a serviço do modo de produção capitalista no contexto da acumulação flexível do capital. As políticas educacionais implementadas nas últimas décadas tem (re)assumido uma perspectiva (neo)tecnicista e pragmatista e vem sendo orientada por um modelo gerencialista de gestão com foco na apresentação de resultados. Neste contexto, as políticas de formação docente passam a ser orientadas por essa racionalidade que traz modificações para o trabalho educativo em termos de maior controle pedagógico e menor autonomia do professorado sobre o seu fazer e pensar. Esse arcabouço tem incidido fortemente sobre as políticas destinadas para a Educação do Campo, principalmente para o universo das classes multisseriadas. Entretanto, mesmo neste contexto desfavorável onde pesam as políticas de controle, racionalização e regulação do trabalho docente, os professores que atuam em classes multisseriadas conseguem empreender estratégias didáticas,

oriundas de suas experiências, das histórias de vida e dos saberes tácitos construídos no contexto da multisseriada, que se revestem numa perspectiva contra-hegemônica e de resiliência na medida em que desafia e potencializa um fazer pedagógico que “burla” as orientações das políticas oficiais e do planejamento pedagógico hegemônico definidos pelos programas oficiais e pelos técnicos das Secretarias de Educação, colocando assim o professor como autor e sujeito de sua prática. Apontamos que as políticas educacionais devem ser mais sensíveis as histórias de vida, saberes e práticas cotidianas dos professores e devem fortalecer processos de formação que robusteçam a sua capacidade criativa e a autonomia pedagógica. Considerando então este campo de tensão entre as orientações dos órgãos oficiais e as especificidades reclamadas pelo caráter heterogêneo que configura as classes multisseriadas, este trabalho apresenta um recorte dos dados levantados no âmbito da pesquisa realizada no contexto das classes multisseriadas, desde 2008 em um município do interior do Nordeste brasileiro e tem por objetivo problematizar o trabalho docente no contexto das classes multisseriadas, discutindo o impacto que as políticas de racionalização e regulação oriundas do ideário neoliberal exercem sobre o trabalho e a prática dos professores e apontar as estratégias por eles utilizadas para superar os limites dessa regulação e construir práticas mais autônomas.

Palavras-Chave: Classes Multisseriadas – Políticas Neoliberais – Trabalho Docente – Formação - História de Vida

A formação de professoras da educação rural sobre a violência

Thaís Virgínea Borges Marchi

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

this_sm@hotmail.com

Helenise Sangoi Antunes

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

professora@helenise.com.br

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de Mestrado em Educação vinculada a Linha de pesquisa “Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional”(LP1) do PPGE/UFSM. Através de um estudo de caso, buscou-se destacar a história de vida de três professoras, duas delas professoras da Educação Rural, e uma professora que trabalha na Secretaria Municipal de Educação de Santa Maria/RS. Procurou-se ressaltar, nessa pesquisa, se as professoras da Educação Rural sentem-se preparadas para lidar com casos de violência que presenciam diariamente na escola; como elas lidam com essas situações e quais são as estratégias pedagógicas elaboradas para o combate e enfrentamento dos conflitos. Da mesma forma, estabeleceu-se uma discussão sobre a influência das políticas públicas de formação continuada para o combate da violência, a partir das vivências e experiências relatadas pelas professoras colaboradoras. O uso da autobiografia como método de pesquisa possibilitou as colaboradoras da pesquisa repensarem criticamente sobre suas práticas pedagógicas sobre o enfrentamento da violência, bem como possibilita ao leitor/professor em formação inicial ou continuada conhecer a partir da história de vida dessas professoras a realidade escolar no âmbito do enfrentamento da violência. Para fundamentar a escrita dessa dissertação, utilizou-se o

ponto de vista de autores como Antunes (2010), Yin (2005), Souza (2006; 2008), Lima (2005), Jares (2007), Muller (2006), Freire (1987; 1996). O trabalho encontra-se dividido em oito capítulos, dentre elas, três capítulos que abordam as seguintes categorias de análise das informações: Formação continuada para o enfrentamento da violência; Estratégias Pedagógicas realizadas para o enfrentamento da violência; Vivências e experiências sobre a violência na escola. O trabalho que buscou elucidar sobre a formação continuada de professoras rurais sobre o enfrentamento da violência nos apresenta as estratégias pedagógicas elaboradas e executadas por elas como principal fonte de formação pessoal e profissional para o combate da violência e a instauração de uma cultura que preze pelos direitos humanos.

Palavras-chave: Educação Rural; Violência; Formação de Professores; Autobiografia

Eixo VI - (Auto)Biografia, Resiliência e Subjetividade

O estresse e o bem estar docente – uma abordagem no cotidiano escolar

Andreia Cristina Rezende Rodrigues de Paula

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

andreiarezende12@yahoo.com.br

Trata-se de uma pesquisa sobre estresse e bem-estar docente que procurou evidenciar indicadores de bem-estar que motivam os professores a persistirem na profissão e a encontrarem satisfação, gozo e prazer na realização de seu trabalho. Os sujeitos e os cenários da pesquisa foram professoras de uma escola pública municipal da cidade de Uberlândia-MG. Por considerar que o momento atual é marcado por mudanças sociais, políticas e culturais paradoxais e, ainda, levando em conta que muitos professores vivem em meio a situações de mal-estar, provocadoras de estresse cumulativo, esse estudo procurou compreender o bem-estar docente e evidenciar o fato de que, apesar do mal-estar docente e das adversidades que recaem sobre a educação e o ensino, os professores resistem, persistindo na profissão, por vezes, encontrando nela satisfação, gozo e prazer na realização do trabalho. Os sujeitos e os cenários da investigação foram considerados como sistemas vivos, complexos e inacabados, justificando o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa no cotidiano escolar. O acesso aos acontecimentos tornou-se possível, por meio de observações sistemáticas, descrições e notas de campo realizadas no cotidiano escolar e, entrevistas reflexivas, desenvolvidas com professoras que, apesar do mal-estar, não sucumbiram ao desalento. A análise dos dados coletados na convivência no espaço-tempo da escola, junto às professoras e às suas práticas, possibilitaram a compreensão de que os problemas que elas enfrentam e as possibilidades que encontram para o enfrentamento desses não são somente individuais, ainda que muitas professoras não consigam refletir e perceber que suas experiências não se encerram dentro da escola ou da sala de aula. O estresse e o bem-estar docente têm também componentes sociais, éticos e políticos, e seus efeitos corrosivos são minimizados ou superados por modos

muito peculiares de resistência (modos resilientes de ser e viver). Colocam, portanto, em evidência os sujeitos desta pesquisa como construtores de uma história, a um só tempo, coletiva e individual, aptos a fazerem escolhas, criarem sentidos, transformarem e deixarem-se transformar, constituindo-se como professoras.

Palavras-chave: Estresse; Bem-estar docente; Cotidiano escolar

As subjetividades e a cultura de uma época na obra *Confissões de uma Moça Bem Comportada* de Simone de Beauvoir

Arlete Vieira da Silva

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO/CAPES

arletevs@gmail.com

Ao escrever suas memórias o escritor expõe-se e pode influenciar opiniões, suscitar outras subjetividades e até novos paradigmas. Este é o caso da obra aqui escolhida e dos paradoxos de uma época e de uma cultura, a favor do gênero masculino, principalmente, citada e contestada pela autora. A escrita de si apresentada por Simone de Beauvoir na obra *Confissões de uma Moça bem Comportada* (1956) inscreve na história da (auto)biografia a presença de uma mulher revolucionária, uma rebelde, uma iconoclasta, um gênio que em suas memórias resgatou as memórias de mulheres e o modo de vida delas em uma época, história e politicamente falando. A subjetividade posta e imposta pela obra retrata a liberdade, o desejo e a curiosidade pela vida dentre a rebeldia e os limites do proibido que demarcavam uma sociedade excentricamente machista. Identificar e debater as subjetividades que se instituem em escritos memorialísticos traduz na prática as possibilidades de propostas de escritos (auto)biográficos e neles as narrativas, haja vista que a categoria escrita de si atrela-se ao gênero “histórias de vida” como objeto de investigação expressando o momento de um movimento mais amplo que “faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído” (Nóvoa, 1995, p.18). O mérito da obra Simone de Beauvoir trouxe à tona um referencial de mulher e de seu papel na estrutura social da época a partir de sua vivência e de suas concepções, portanto enfatizando os sujeitos e os fatos. Outrossim, a obra transcende o caráter memorialístico de apenas escrever suas memórias. Sua intenção era de usar da escrita para legitimar suas ideologias e críticas frente à realidade política e social em que vivia. Mesmo tendo este papel, a escrita dessa obra, repercutiu em instâncias individuais e coletivas, haja vista a identificação das denúncias postas aos valores da época como as questões políticas vividas na história da humanidade, como a primeira guerra mundial e sua participação como ativista do movimento de libertação da Argélia, por exemplo. Acrescente-se ainda a repercussão, em caráter individual da pessoa e escritora Simone de Beauvoir, consagrado na literatura crítica universal, através de suas concepções acerca de papéis femininos em oposição ao machismo nas relações humanas.

Palavras-Chave: Autobiografia; subjetividades; obra literária; Simone de Beauvoir

Autobiografias narradas por idosos para recordar o passado: abrigo de Caetité – Ba

Aryadna Patrícia Viana Alves

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC

aryvalves@hotmail.com

Este trabalho pretende pesquisar as histórias de vida dos idosos para a construção da memória da terceira idade, a partir de entrevistas e escrita de autobiografias narradas por idosos do Abrigo de Caetité-BA, tendo como ponto de apreciação as histórias orais para mediar a relação entre pesquisador, idosos, literatura e memória. Objetiva-se entender o processo, a partir de relatos autobiográficos de questões concernentes a terceira idade e as representações sobre a velhice. O estudo partirá de várias visitas feitas à entidade e leituras sistemáticas acerca do tema e de reflexões em relação à receptividade das narrativas de vida pela população mais jovem. Serão verificados, a partir de entrevistas, os relatos disponibilizados pelos idosos da “Casa da Caridade”, reconhecida como Abrigo dos Idosos. Faremos um diálogo entre os teóricos e investigaremos se o que a bibliografia diz sobre a história do cotidiano e autobiografias contemplam o objeto de estudo, relacionando-o ao trabalho com o resgate da carga memorial presente nos relatos dos idosos selecionados para a pesquisa; analisaremos de maneira indutiva as representações às quais as narrativas individuais atendem. A ênfase será dada à construção de uma história-memória dos moradores do Abrigo, levando-se em consideração as histórias vivenciadas pelos idosos em outras fases da vida, fora da instituição e a relação das pessoas desta faixa etária com seus familiares. Assim, a discussão da relação entre memória e os contextos aos quais se reportam os textos informados serão contemplados, ainda, na pesquisa a ser realizada.

Palavras-chave: Autobiografias; Idosos; Memória; Literatura; Pesquisa

Mulheres idosas: os desafios do letramento escolar nas aulas noturnas, no contexto escolar rural

Áurea da Silva Pereira

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO

aureauneb@gmail.com

Pretende-se, nesta comunicação, conhecer as memórias de escola do tempo de infância das mulheres idosas do TOPA– Todos pela alfabetização, Programa do Governo do Estado, na comunidade rural de Saquinho, município de Inhambupe, BA. O interesse para estudar mulheres idosas do Programa de Alfabetização surge das visitas que fazia à comunidade para selecionar os sujeitos colaboradores da pesquisa. Neste texto, apresento as memórias de infância de quatro mulheres idosas: D. Amélia Felicidade, D. Maria José conhecida como D. Lili, D. Vitória e D. Celestina. Estas mulheres participam ativamente dos movimentos sociais da comunidade, cuidam de suas casas e estudam no turno noturno. Para construção do corpus, utilizei metodologia da História Oral de vida e como instrumento de pesquisa faço uso de entrevista narrativa. Os dados coletados

trazem um valioso conjunto de textos que contribui para uma reflexão crítica acerca da educação rural na comunidade; além disso, mostra como essas idosas não escolarizadas vivenciam as dificuldades cotidianas no contexto social que exige um nível de letramento para além do que elas possuem.

Palavras-Chave: Mulheres idosas; Letramento; Resiliência

A videobiografia como tutoria verbal de adolescentes abrigados

Cristóvão Pereira Souza

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

crisovaopereirasouza@gmail.com

Maria da Conceição Passeggi

CE-PPGed-UFRN

mariapasseggi@gmail.com

Como acompanhar adolescentes abrigados na formação de sua autonomia? A questão sintetiza os desafios socioeducativos enfrentados por uma população com dificuldades de ordem diversa daquelas enfrentadas por adolescentes que transitam para a vida adulta em realidades mais estáveis e mais afetivas. Os abrigados em instituições públicas, civis ou filantrópicas, trazem em suas histórias de vida as cicatrizes dos maus-tratos, rejeições e relações de desafeto, experienciadas, em primeiro lugar, no interior de suas famílias; e, as marcas dos obstáculos na procura de ajuda, na ausência de sentido para a escola e na falta de perspectivas laborais, vivenciadas fora dela. No âmbito dessa problemática, discutimos a produção de vídeos como gênero narrativo autobiográfico, analisando as potencialidades da narrativa videobiográfica como tutoria verbal de resiliência, ao possibilitar a seu autor, independentemente do seu nível de escolarização, a materialização de sua história para refletir sobre ela. As primeiras análises acenam para a confirmação de um dos pressupostos teóricos da resiliência humana: “na história de uma vida, sempre temos um só problema a resolver, aquele que dá sentido à nossa existência e impõe um estilo às nossas relações” (CYRULNIK, 2005, p. 04). Das narrativas audiovisuais emergem ainda as estratégias utilizadas pelos adolescentes para não sucumbirem ao sofrimento e às adversidades dele decorrentes. Os resultados das análises nos permite avançar que as videobiografias contribuem para a formulação de atendimentos personalizados, ao disponibilizar elementos reveladores da subjetividade dos acolhidos às equipes multidisciplinares, formadas por psicólogos, assistentes sociais e pedagogos, na observação dos Artigos 3º e 94º do Estatuto da Criança e do Adolescente, que instituem o atendimento integral e individualizado aos que, nessas fases da vida, se encontram em situação de acolhimento institucional. Tal pesquisa-ação-formação, em desenvolvimento - “A videobiografia como dispositivo de pesquisa-ação-formação: uma prática educativa com adolescentes abrigados” – insere-se no elenco de estudos desenvolvidos no âmbito do GRIFAR-UFRN|CNPq (Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, (Auto) Biografia e Representações), vinculado à Linha de Pesquisa “História da Educação, Práticas Socioeducativas e Usos da Linguagem”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEd-UFRN).

Palavras-Chave: Adolescência abrigada; Videobiografia; Narrativa; Resiliência.

Clínica Social Mãe Providência: um ano de experiência de ensino, pesquisa e atenção à população carente vítima de trauma

Danuzia Santos Lopes

Associação Brasileira do Trauma

danuzia.lopes@gmail.com

Jeane Dias Braidy

Associação Brasileira do Trauma

jeanebraidy@gmail.com

Com uma população de 160 milhões de habitantes, 35 milhões de brasileiros vivem numa condição abaixo da linha da pobreza (Lovisi ET AL., 2005), e se deparam com um sistema público de saúde insuficiente e muitas vezes ineficiente (Lopes ET AL., 2003). Esta realidade denuncia a importância da criação de serviços médicos, psicológicos e sociais alternativos às iniciativas públicas, para o tratamento e a prevenção de transtornos mentais (Paula ET AL., 2007). Transtornos de Ansiedade são os transtornos psiquiátricos de maior prevalência na população brasileira (Santos ET AL., 2005), bem como representam a categoria diagnóstica que melhor respondem ao tratamento com a Experiência Somática, uma técnica voltada para a prevenção e o tratamento de Distúrbios de Estresse Pós-Traumático e outros desfechos clínicos decorrentes da exposição ao trauma, criada há 30 anos pelo psicólogo americano Peter Levine. Ensinada já nos 5 continentes e largamente utilizada em situações de desastres naturais (na China, Índia, Japão, Estados Unidos e Brasil) com evidentes resultados positivos na restauração da resposta resiliente dos sobreviventes (Selvam, Doctor, Parker, 2008), a técnica entretanto carece ainda de ensaios clínicos que comprovem sua eficácia. A Clínica Social Mãe Providência, iniciada em 2011 como uma clínica voltada para atendimento da população carente de Salvador vítima de trauma e apresentando transtornos ansiosos, além de apresentar relevância clínica, face às taxas de transtornos apresentados no Brasil, demonstrou também, em 1 ano de experiência, ser um campo propício para o aprendizado dos alunos em formação na técnica Experiência Somática, oferecendo resultados positivos aos pacientes atendidos (n=87), desenhando também, nesta experiência piloto, uma população adequada para a comprovação científica da eficácia do SE como técnica terapêutica.

Palavras-Chave: Psicotraumatologia; terapia somática; resiliência

“Escrever para (re) existir”: memórias estético-identitárias de uma educanda negra

Hildalia Fernandes Cunha Cordeiro

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC

hildaliafernandes@hotmail.com

Ser negro tem sido um processo historicamente difícil e pesaroso, sobretudo para as mulheres negras, as quais são marcadas pela imposição de um ideal branco assumido por um estereótipo esteticamente europeu. Assim, numa sociedade como a brasileira, pautada na ideologia da branquidade e na política do branqueamento, há a insistente divulgação e conseqüente imposição de tal ideal, inalcançável para estas mulheres, o que culmina, quase sempre, em situações de extremo estresse e sofrimento psíquico por não conseguirem se aproximar do padrão imposto, considerado como única possibilidade de

existir, com beleza e dignidade. A partir da perspectiva de que o sujeito tem direito ao (re) conhecimento, realização de si e domínio de sua existência (d'ADESKY, 2006), intenta-se, com o presente artigo, refletir sobre o processo de “fabricação” da beleza e do seu oposto, a feiúra, e suas reverberações em corpos e mentes das afro-brasileiras. Para tanto, esse trabalho toma como corpus a metodologia da abordagem (auto)biográfica, a escrita de si (SOUZA, 2006), como dispositivo fértil para compreender o processo resiliente de pensar/ser/tornar-se negra, investigando modos de superar os eventos traumáticos que angustiam os sujeitos. Por isso, o ato de escrever memórias estético-identitárias apresenta-se como uma maneira de mulheres negras (re)inventar-se, (re)elaborar-se, e, quiçá, de empoderar-se, perspectivando assim, outros modos de entender, impor-se e projetar-se no mundo. Nesse sentido, no presente texto, utilizamos o memorial estético-identitário de uma educanda negra de um curso de pedagogia de uma IES soteropolitana. Através das revelações escritas nesse dispositivo, apreendemos significativas memórias marcadas pela angústia, pela não aceitação do que se é e pelo desejo de ser o “outro”. Esse modo de compreensão ocorre mediante a operacionalização de um processo de resiliência. O presente trabalho procura, então, socializar a história de construção identitária de mulheres negras, aqui presentificadas pela história de uma estudante, futura educadora, a partir de suas elaborações estéticas constituídas ao longo de seus percursos existenciais. Resta analisar se a educanda/narradora consegue alcançar uma “autonomia superativa emancipatória” e empoderar-se. Em suma, o trabalho apresenta considerações pertinentes e problematiza, a partir da escrita de um eu resiliente, movimentos identitários que marcam a vida de mulheres negras, revelando angústias e sofrimentos materializados, sobretudo, pelo cabelo e cor da pele, traços étnico-raciais carregados de preconceito, ora definitivos para negar/afastar, ora definitivos para afirmar/confirmar a essas negras mulheres seus reais pertencimentos. Ademais, as reflexões aqui propostas, apontam para a necessidade de construir uma educação menos discriminatória e anti-racista.

Palavras-chave: Memória; Estética; Resiliência; Identidade; Branquidade

Educação e (auto)abiografia como cuidado de si: conhecer, conviver e cuidar

Janine Fontes de Souza

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC

nine_fontes@yahoo.com.br

As Histórias de Vida ganharam destaque por possibilitar o contato com o singular, a individualidade, o sujeito, o vivido, o experiencial, a complexidade dos processos de formação, possibilitando ao sujeito deslocado pelos processos de socialização contemporânea, colocar sua história de vida a favor dos seus projetos, dos seus desejos, convidando-o a desenvolver a capacidade de projeção de si mesmo em direção à autonomia pessoal. Nesse sentido, o desafio que nos é colocado em termos de educação é o de constituir um processo educativo que seja um projeto (auto)formativo vinculado aos sujeitos que o produzem; professores e estudantes, de maneira a possibilitar-lhes a construção de seus projetos de vida considerando suas demandas pessoais, seus desejos, sonhos, limitações, sem perder de vista a prática da ética e da coexistência no sentido de perceber que todos os seus intentos pessoais só os são passíveis de tornarem-se concretos se respeitarem os intentos dos outros sujeitos, pois a formação de um sujeito

ético, passa necessariamente pelo cuidar de si para que em segunda instância esse sujeito possa cuidar do outro, quem cuida de si adequadamente, encontra-se em condições de conduzir-se na relação com o outro. A educação como cuidado de si se caracteriza como uma possibilidade de integrar no sujeito sua formação pessoal e profissional conciliando as suas demandas de diversas ordens: material (relativas à manutenção do corpo biológico), social (relacionadas às relações e vínculos com os semelhantes), mental (ligadas a pensamentos e sentimentos), e espiritual (que expressam a incompletude da pessoa humana, projetada ao infinito). A nova abordagem de formação, que tem por base a reflexão biográfica, valoriza a experiência que o sujeito adquire ao longo de sua vida pessoal e profissional, é um convite à reflexão sobre si, um balanço de seus percursos e de suas competências tornando sua formação ao mesmo tempo num projeto pessoal e profissional especialmente no momento conturbado em que vivemos quando a fragmentação cria no sujeito a eminente sensação de estar “fora de si”, a possibilidade de valorização dos seus saberes, de suas experiências, constitui-se em instrumento capaz de possibilitar a (re)construção de sua própria identidade.

Palavras-Chave: Educação; (Auto)biografia; Cuidado de si

Devir-cidade e o poder comum de agir: pistas – histórias de comunidade

Lúcia Maria Ozório Barroso

Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Fundação Carlos Chagas de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro; Laboratório EXPERICE (Centre de recherche interuniversitaire, Expérience Ressources Culturelles Éducation, Paris 8 – Paris 13. lozorio@gmail.com

Problematizamos o devir - cidade, relevando diferentes mundos de vidas dos moradores da comunidade da Mangueira, no Rio de Janeiro. Caminhamos por regiões fecundas entre história e história oral e história oral de vida, em comum e comunidade e interculturalidade e cidade. Neste hibridismo, experimentamos modalidades narrativas, pessoais, em grupos - as histórias orais de vida em comum - nas quais concepções do comum se ligam a entendimentos de uma comunidade de comunicação. A abordagem hermenêutica, perspectiva problematizadora deste trabalho, releva ato dialógico como condição fronteira da tradução cultural presente no relato em comum das histórias de vida, estabelecendo relações com a memória, comum, que como dizem Ozório e Certeau, se faz, ficção do presente, no ato da narração. Uma composição singular toma por base acontecimentos significativos desta comunidade, das vidas de seus moradores, e prolifera, rizoma. Diferentes modos-mundos de vida se convoquam mutuamente, num jogo sutil de ressonâncias e distâncias, problematizando a vida que se inventa nas histórias narradas em comum. Trata-se da minoritária história, descontínua e em fragmentos, que se faz em lugares não oficiais. Através de suas histórias a comunidade tece na cidade uma rede de múltiplos fios que se disseminam, com seu poder comum de agir, emaranhando vozes, práticas com significações diversas. Uma outra cultura se faz, optando por certas perspectivas estético-culturais das riquezas das fontes da narratividade em comum sem pretensão à perfeições, à estabilidades, à formalidades, ao reinado da razão. Explicitam-se alianças entre vidas precárias e uma certa estética da existência, a estética

do comum, que pode ser compreendida desde a problemática da biopotência, segundo Negri. Ou seja, nas histórias de vida em comum os moradores de Mangueira mostram que não sucumbem ao poder sobre a vida de que falava Foucault, às vidas nuas de que fala Agamben, mas exercitam a biopotência como poder comum de agir, como práxis de comunidade, expansiva, aberta às possibilidades. Ao invés do poder sobre a vida, priorizam o poder da vida, o poder político que esta tem de (se) criticar, de construir, de transformar. Uma cidade disseminada acontece, em constante devir. São debates para se pensar a comunidade pobre na cidade - por que não no mundo? Buscamos nexos entre teorias e práticas, propondo alternativas para demandas contemporâneas de comunidade e para paradigmas teóricos inovadores neste campo.

Palavras-chave: Cidade; comunidade; histórias de vida; biopotência

O palco, a cama e a sala de aula: estudo de caso de uma professora em formação

Lúcio Gomes Dantas

Universidade de Brasília

lucio@marista.edu.br

Érika Stella S. Menezes

Univerdiade Católica de Brasília

menezes_planosaude@yahoo.com.br

Esta comunicação é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso. Apresenta um estudo de caso de uma professora recém-formada em Pedagogia em uma Universidade no Distrito Federal. Teve como intervenção metodológica as narrativas de vida propiciadas à professora colaboradora, a qual no escopo desse estudo identifica-se como 'Alice'. A proposta dessa comunicação é discutir as possibilidades das histórias de vida, na perspectiva da infância, adolescência e vida adulta da colaboradora. Ademais, trata-se de conhecer a formação docente em seus múltiplos aspectos, inclusive o da vida privada, bem como a sua sexualidade; e por fim, refletir sobre a formação docente, pelas narrativas de vida, ao proporcionar à professora a conscientização de sua identidade. A incursão nessa pesquisa fundamentou-se em estudos constitutivos da história oral, autobiográfico, biográfico, depoimentos como relato oral de vida e a narrativa de formação. Ao ouvir as narrativas das histórias que compõem a vida da docente oportunizaram-se momentos de reflexão sobre o vivido, à luz do presente, descortinando alternativas que contribuíram na autoformação pessoal-profissional. Com isso, desvelou-se a vida e a carreira dessa professora, onde a cada entrevista as experiências formadoras e determinantes balizaram os múltiplos papéis que Alice confessou: a de dançarina stripper, de garota de programa e de professora. Consideramos, com isso, uma história atípica, cheia "dolorosos momentos", fatos determinantes que marcam a sua identidade profissional-pessoal. Nesse sentido, a pesquisa apontou para o entendimento de que existe muito a ser estudado em relação à formação docente, sobretudo o de desconstruir a imagem do "modelo" ideal do professor. Consideramos, ainda, de fundamental importância que se compreenda o desenvolvimento integral do professor, as experiências fundantes e as prioridades que esse profissional tem, capaz de produzir conhecimentos, e que sejam capazes de auxiliarem no desenvolvimento e crescimento próprios. Dessa forma, a implicação de Alice no processo de "autobiografização" rompeu a barreira de sua individualização. No tocante a isso, esse

processo se configurou em formação, em conhecimento e em aprendizagem. Tendo em vista a concepção experiencial mediante a narração de histórias de vida, com as quais essa professora aprendeu, a partir de suas escolhas, ao situar seus vínculos e interesses. Por fim, durante as conversas com a professora colaboradora, acentuou-se a importância em lidar com o caráter formador da destruição de fronteiras que se instauram entre a vida privada e a vida pública da docente.

Palavras-chave: Histórias de vida; Sexualidade; Experiências formadoras

Entre a enxada e a caneta: trajetórias escolares de jovens rurais das séries iniciais à universidade

Maiane Santos da Silva Santana

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

maysantana2009@hotmail.com

A resiliência é um fenômeno que procura explicar as adversidades vividas pelos mais diferentes sujeitos, bem como a capacidade desses indivíduos de viverem e serem transformados por essas condições adversas, com destaque para a superação que conseguem empreender nestes contextos desfavoráveis. Este trabalho propõe-se a apresentar dados de uma pesquisa que tem o objetivo de analisar a trajetória de vida de jovens residentes no campo que, após vencer obstáculos de ordem econômica, cultural e social, conseguiram a superação e atualmente encontram-se finalizando o ensino superior em uma universidade federal. A investigação toma como base empírica experiências vivenciadas por três alunas do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, bolsistas vinculadas ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID (MEC/CAPES/UFRB) – Edição 2010-2012, que vivenciaram sua trajetória de escolarização básica residindo na zona rural, onde nasceram. A investigação se baseia em autores que discutem a resiliência, como Yunes (2003), Pinheiro (2004), Fajardo; Minayo; Moreira (2010); e em estudos desenvolvidos por Porto (1994); Santos (2006), Souza, Santos, Araújo e Pinho (2011), dentre outros, que tratam de questões referentes à educação rural/do campo. A pesquisa vem sendo desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, com o emprego do método (auto) biográfico (Delory-Monberger, 2011; Ferraroti, 1998; Passeggi e Barbosa, 2008; Souza, 2008), utilizando como instrumentos para o levantamento de dados a análise documental de escritas autoreferenciadas (memoriais) produzidas pelas alunas-bolsistas ao longo de sua experiência no PIBID. Os dados levantados nos permitem afirmar que mesmo oriundas de contextos familiares analfabetos ou com baixíssima escolarização, estudando as séries iniciais em escolas rurais de baixa qualidade, residindo há quilômetros das instituições educacionais que freqüentaram na cidade, trabalhando na lavoura em turno oposto ao horário de aula, sofrido preconceito quanto à origem geográfica e tendo sua condição rural silenciada pelas escolas urbanas, conseguiram superar essas dificuldades, com o apoio da família, a força de vontade, otimismo e desejo de ascensão social e hoje estão finalizando a graduação em Pedagogia.

Palavras-Chave: (Auto)Biografia; Resiliência; Educação do Campo.

“O sertanejo é antes de tudo um forte”: marcas da docência nas vozes de um eu resiliente

Mariana Martins de Meireles

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/CAPES

marianabahiana@hotmail.com

Elizeu Clementino de Souza

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO/CNPq

esclementino@uol.com.br

Este trabalho é parte integrante de reflexões realizadas no âmbito do Projeto de Pesquisa “Ruralidades diversas – diversas ruralidades: sujeitos, instituições e práticas pedagógicas nas escolas do campo, Bahia/–Brasil” desenvolvido em regime de colaboração entre a Universidade do Estado da Bahia/UNEB, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/UFRB e a Universidade de Paris 13/Nord – Paris8/Vincennes–Saint Denis/França. Tomando como centralidade os estudos devolvidos nessa pesquisa colaborativa, intentamos com esse texto apreender marcas de resiliências presentes em narrativas de professoras de escolas rurais. As narrativas docentes são aqui concebidas como um disposto fértil para revelar as marcas de resiliências que atravessam o inusitado cotidiano de professoras de escolas rurais no semiárido baiano. Tais narrativas, recolhidas mediante entrevistas narrativas (ARFUCH, 1995) e ancoradas metodologicamente na abordagem (auto)biográfica (SOUZA, 2006), desvelam em suas trajetórias modos de ser/estar na profissão (NÓVOA, 1995). Assim, através da autocompreensão e do “conhecimento de si”, as professoras narram suas angústias, tensões, dilemas e histórias de superação, desvelando vozes de um eu resiliente. Essas narrativas ao tempo que revelam modos de superação das condições adversas no exercício da docência, perspectivam outros modos de se posicionar frente à profissão e à vida. Nesse sentido, a comunicação concebe os processos de resiliência como ações que acontecem no movimento da vida, nas marcas resilientes narradas em cada trajetória. São histórias que demonstram a evolução e o poder de enfrentamento no devir da profissão em escolas rurais, num movimento onde cada professora torna-se forte/resiliente diante das adversidades. Nas vozes, territórios existenciais, dessas professoras, ecoam enfrentamentos, denúncias, inquietações, rupturas e modos outros de exercer a docência em espaços adversos, como é o contexto da educação rural brasileira/baiana. Essa realidade de enfrentamentos, aqui metaforizada pela expressão euclidiana “o sertanejo é antes de tudo um forte”, denota que, mesmo diante de trajetórias marcadas por adversidades, essas professoras buscam, no devir da profissão, maneiras outras de viver a docência, posicionando-se prospectivamente frente ao que lhes acontece, revelando assim, um eu resiliente. Ademais, nesse processo de enfrentamento da realidade, as vozes das professoras sinalizam que, para além de experiências de resiliências individuais, é necessário o desenvolvimento de ações coletivas e de políticas públicas capazes de transformar/ modificar as condições de trabalho no âmbito das escolas rurais.

Palavras-chave: Docência; Vozes; Resiliência; Escolas Rurais

Trajетórias de vida, formação e profissão: resiliências de uma professora do campo

Maristela Rocha Lima

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

stellarocha.geo@gmail.com

Jussara Fraga Portugal

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO/FAPESB

jfragaportugal@yahoo.com.br

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a autobiografia de uma professora de Geografia que nasceu, vive e trabalha no campo, contemplando as trajetórias pessoais, formativas e profissionais, evidenciando os percursos marcados por adversidades, desafios e enfrentamentos, no que concerne a realização dos estudos e as dificuldades enfrentadas e superadas para conciliar formação e profissão. Este trabalho apresenta como dimensão central as vivências no espaço campesino e as experiências no exercício da docência em escolas do campo, assim como a luta para conseguir a formação superior no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus XI, na cidade de Serrinha, localizada no Território do Sisal, no semiárido baiano. Intencionamos, também, narrar às experiências vivenciadas no espaço acadêmico, as quais possibilitaram um relevante crescimento pessoal e profissional, principalmente no âmbito da Educação do Campo, cujo principal desdobramento culminou na realização de uma pesquisa monográfica – Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. A sua carreira profissional no magistério iniciou-se em escolas situadas no espaço rural. E hoje, com uma relativa experiência no exercício da docência – 12 anos –, a professora continua lecionando em escolas do campo e vivenciando cotidianamente todos os desafios, dificuldades e limitações que são impostos no devir da docência em escolas situadas no campo. O curso de Licenciatura em Geografia veio como um “divisor d’água” na vida dessa professora, sobretudo no que concerne ao exercício da docência e a aceitação da sua própria história de vida. As vivências formativas experienciadas nas aulas de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado em Geografia favoreceram significativamente a construção da sua identidade enquanto professora de Geografia de escolas do campo, potencializando o seu olhar para essa realidade geográfico-educativa. Aprendeu que para ser educadora é preciso compreender o espaço no qual está inserido, as dinâmicas que nele ocorrem, as relações que são estabelecidas, reafirmando a necessidade de ressignificar através da contextualização os conteúdos curriculares com as histórias de vida e as vivências dos educandos. Como uma professora resiliente, foi afetada por sua condição de vida e trabalho, o que anula a categoria de invulnerabilidade, a colocando como alguém que foi atingido, sentiu, sofreu, mas foi capaz de suportar e superar, (re) criando possibilidades de ultrapassar as barreiras e seguir em frente, (re)inventando a vida, desenvolvendo a profissão. Prova disso, é o modo como retrata a sua prática pedagógica, ao abordar os conhecimentos geográficos na sala de aula, atrelados às suas experiências de vida e formação, conseguindo com isso talvez, interferir na realidade de outros tantos jovens que possuem a mesma condição, e que podem no futuro, ultrapassar e vencer as adversidades.

Palavras-chave: Professora de Geografia do Campo; Autobiografia; Trajetória de vida-formação; Resiliência

Escritas (auto)biográficas e docência: a educação como um caminho de superação

Rony Henrique Souza

Colégio Estadual Edgar Santos - Governador Mangabeira/Bahia

rhsacaminho@hotmail.com

O texto é resultado de reflexões tecidas a partir da análise de memoriais dos discentes da turma de 2011.1 do curso de Licenciatura em Matemática – IFBA/ Campus Valença – BA, solicitado como trabalho/avaliação final da disciplina Filosofia da Educação. A escrita dos memoriais, esteve ancorada na perspectiva de pesquisa da abordagem (auto) biográfica (SOUZA 2006), configurando-se como um dispositivo fértil onde os estudantes pensaram em seus percursos e nos modos de enfrentamentos encontrados frente aos desafios de suas trajetórias de vida-formação-profissão. O registro das experiências dos jovens licenciandos mediante a retrospectiva de suas trajetórias, advindas das mais diversas realidades foram enriquecidos com o cruzamento de novas histórias no espaço da sala de aula, pessoas que mais do que recordar a vida, estão em busca da docência, do tornar-se professor. Desse modo, essas escritas (auto)biográficas, abordam as itinerâncias de superação, apresentando histórias de vidas sofridas, que acreditaram e encontram na escola, na educação, um caminho possível para reescrever novas histórias de vida. Os memoriais sinalizam os percursos de vida-formação, relatos de vidas que aproveitaram cada momento vivido como única possibilidade de superação. Uma vida sem ensaios, mas repleta de lutas, indo de encontro com os prognósticos que o meio muitas vezes o lançava. Nesse sentido, a escola se constitui como o espaço onde vidas foram/são transformadas, responsável para que o indivíduo volte a acreditar em seus sonhos, a fazer projetos, enfim, a crescer, projetando-se. Nestes relatos, o educador não foi simplesmente responsável pela construção de conhecimentos, mas alguém que mediou sonhos, através da arte de cuidar, de plantar sementes e de lançar-se a outros mundos. O discente não é simplesmente alguém passível, que aceita tudo de forma vertical, mas através do entendimento mútuo, elaborado por Habermas (1987), busca fazer de seu espaço um espaço também político, o que foi observado por Paulo Freire (2005). Além destes autores, outros como Heidegger (2006), Rousseau (1999) e Vygotsky (1996) foram imprescindíveis para como que um alente de aumento pudéssemos olhar para estas histórias de vida, observando em seus memoriais não simplesmente exemplos, mas um processo incrível de superação, de resiliência, daqueles que acreditaram e acreditam que a realidade sempre pode ser transformada.

Palavras-Chave: Escritas (auto)biográficas; docência; educação; resiliência

Ateliê biográfico: um lugar para os segredos do coração

Rosvita Kolb Bernardes

Universidade do Estado de Minas Gerais – Escola Guignard

rnf.bhz@terra.com.br

Ana Angélica Albano

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

nanalbano@uol.com.br

Neste artigo, apresentamos a experiência da construção, na escola, de um espaço para o afeto. Em tal espaço, através da atividade artística, torna-se possível trabalhar as perdas e cultivar segredos, sonhos e desejos. Espaço-lugar que permite a construção de um olhar sensível para as histórias de cada um e para a memória coletiva. A dinâmica envolvida nessa proposta expressa uma dimensão do ensino de Arte na atualidade, como espaço de atuação entre a objetividade e a subjetividade no trabalho com crianças de 8 e 9 anos de idade. Nessa sintonia, durante as aulas de Arte que configuraram a experiência aqui analisada, alinhavamos as histórias dos participantes com os fios da experiência estética, cruzando as referências das culturas africana e indígena com a tradição das bordadeiras, que tecem a sua história de vida com fios e panos. Na composição de todos esses elementos, criamos, na escola, um lugar de acolhimento das individualidades, das subjetividades de cada um de nós, verdadeiros tesouros segredados. Foi uma experiência que teve, como ponto de partida, a percepção de nossos sentimentos e emoções. Refletir sobre a vida e seus limites levou-nos a propor, como eixo de trabalho para as aulas de Arte daquele ano, um tema pouco discutido nos espaços escolares: a memória da dor, do sofrimento, da perda, da ausência. Buscamos relacionar a Arte como parte integrante da vida. Reservamos um tempo, durante as aulas, para as narrativas da vida e experiência dos alunos, levando-os a contar, escrever ou falar de si mesmos. Essa experiência de rememorar, de pensar nos desejos, de guardar segredos tornou-se mais intensa quando apresentamos a eles a lenda Quarup, dos índios Kamaiurá (Alto Xingu), a tradição dos povos africanos de fazer patuás e os bordados da Família Dumont e das Mariquinhas. Essas atividades conduziram-nos a universos diferenciados, ampliaram o repertório dos alunos, desafiaram não apenas o pensamento mas também o sentimento, articulando-os, intensamente, em novos fazeres. Seguir pelo caminho do “ateliê biográfico”, proposto pela pesquisadora Christine Delory-Momberger (2006), em que incluímos a memória como um ponto deflagrador de um processo artístico/afetivo/estético, reafirma a necessidade de fazermos com que as experiências de afeto – dores, amores, perdas, faltas, desejos – integrem as reflexões e as produções de Arte na escola. Nessa experiência, que chamamos de “Segredos do coração”, foram as conversas, o espaço aberto ao diálogo e às narrativas do vivido e os contatos com as diferentes culturas que proporcionaram e permitiram a criação de peças preciosas e diferenciadas. Criações que, para além de um fazer artístico, carregavam e revelavam desejos e sonhos, escritos e costurados em panos com pequenos bilhetes dobrados, guardados e alinhavados, segredos.

Palavras-Chave: Arte; Experiência Estética; Memória; Autobiografia

Itinerâncias familiares, utopias e resiliência: tempos e movimentos pela escolarização - mover-se e formar-se

Neurilene Martins Ribeiro

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO/CAPES

neurilene.martins@superig.com.br

O presente trabalho inscreve-se no âmbito dos estudos (auto)biográficos e visa discutir as migrações familiares pela escolarização, a partir da minha própria história de vida. Para tanto, tomo os conceitos de *utopia* e de *resiliência* para buscar compreender as tramas que forjam os projetos familiares pelo letramento, na contramão do projeto civilizatório neoliberal. Não herdei bibliotecas o que, em princípio, excluiria ou reduziria, em muito, as minhas chances de ser letrada. Descendo de uma linhagem que não frequentou os bancos escolares, em consequência da história de vida escrava no século XIX, aliada à problemática da distribuição de renda e de bens culturais inerente à conjuntura brasileira, no século XX. É nesse contexto que questiono a representação do analfabetismo como herança e legado, e demarco a luta familiar pela desnaturalização desse fenômeno, cuja invenção fez emergir a imagem da professora, na época, emblemática das letras na família. É preciso dizer, entretanto, dos muitos caminhos que foram inventados e trilhados por essa família para que se encerrasse, definitivamente, o ciclo histórico de analfabetismo na nossa descendência. Ao buscar recordações referências dessas/nessas trajetórias, identifico que as migrações e os deslocamentos fizeram/fazem parte das estratégias familiares e pessoais para transformar impossibilidades em possibilidades, quando o assunto é letramento. Sair do lugar para aprender foi um movimento que se deu na minha vida em momentos distintos, da infância à vida adulta. Lagedão, Itamaraju, Salvador e São Paulo, por exemplo, compõem rotas de deslocamentos intelectuais, com diferentes configurações, realizadas em diferentes tempos, mas todos movidos pela mesma utopia, a de que a escola tem futuro. Aprendi desde cedo com meus pais, Dona Bela e Seu Antonio, a viver deslocamentos em favor da própria escolarização: mover-me para formar-me. Reconheço deslocamentos semelhantes nas histórias de vida da população rural invisibilizados na história oficial, seja nas migrações diárias para ir à escola da cidade; seja nos processos de desenraizamento das famílias que tomam a cidade como lugar de destino. Questões ontológicas, axiológicas e políticas atravessam essas reflexões na perspectiva do direito inalienável à educação e dos desafios a que remete tal utopia na contemporaneidade.

Palavras-chave: Estudos (auto)biográficos; resiliência; migrações; práticas de leitura.

Resumos dos Pôsteres por Eixo Temático

Eixo I - Políticas Públicas, Trabalho e Inventividade

Da escola especial à inserção na escola regular: como se configuram as políticas de inclusão?

Diane Miranda Menezes

Centro de Pós-graduação e Pesquisa Visconde de Cairu – Fundação Visconde de Cairu

diane-menezes@hotmail.com

Este trabalho analisa as políticas públicas de inclusão dirigida às crianças com deficiência, mais especificamente, como tais políticas têm sido efetivadas face à implementação de suas propostas. Nesse sentido, a partir da questão norteadora: Da escola especial à inserção na escola regular: como se configuram as políticas de inclusão? buscou-se investigar como se dá a efetivação das políticas públicas inclusivistas, a partir do trabalho realizado junto a crianças com deficiência, no que diz respeito a sua inserção na escola e, conseqüentemente, na sociedade como um todo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo com professores que atuam na escolarização dessas crianças no espaço da escola regular e na escola especial, tendo como instrumento de coleta e análise de dados a observação assistemática e um questionário com perguntas abertas. O estudo aborda três áreas temáticas: Deficiência; trajetória de atendimento da educação especial; e as políticas de educação inclusiva e o conceito de inclusão implementado. A pesquisa mostrou que a forma como se encaminha a educação especial, não tem garantido a escolarização das crianças com deficiência, os professores indicam que não há uma política educacional séria para a inclusão dessas crianças na escola regular. Os dados evidenciaram que, a justificativa desses profissionais em não concordar com as políticas de inclusão refere-se à precariedade dos sistemas educacionais para atender o sujeito diferente e na provisão de estratégias didático-pedagógicas para o trabalho que é desenvolvido, tendo em vista a especificidade e necessidade das crianças. Para estes, a inclusão é orientada como se os professores por si só pudessem assumir a responsabilidade de escolarizar essas crianças, simplesmente através da aceitação da diversidade na escola e em sua turma. Deste modo, os professores afirmam que é preciso garantir que o fazer educativo seja acessível às crianças com deficiência, reconheça sua diferença, necessidades e potencialidades, independente do lugar em que estiverem. Em síntese, o trabalho problematiza como a educação especial é conduzida à perspectiva da inclusão e de que forma o termo incluir tem sido efetivado para assegurar a escolarização das crianças com deficiência.

Palavras-Chave: Políticas públicas de inclusão; Criança com deficiência; Educação especial

A inserção de políticas públicas na escola: o seu papel na iniciação sexual da juventude

Fabiano Marques da Cruz

Bolsita de Iniciação Científica e Graduando do Curso de Lic. em Pedagogia da Universidade Federal do Pará – UFPA/Belém

fabianordm@gmail.com

Greyce Regina Silva Conceição Reis

Universidade Federal do Pará – UFPA/Belém

pathyabacana@hotmail.com

Lúcia Isabel Conceição Silva

Universidade Federal do Pará – UFPA/Belém

luciaisabel@ufpa.br

Tatiene Germano Reis

Universidade Federal do Pará – UFPA/Belém

tatienegermano@yahoo.com.br

Estudos realizados sobre a juventude brasileira indicam que os jovens, mais especificamente os de baixa renda, no geral estão mais desprotegidos e vivem em variados tipos de vulnerabilidade, expostos assim a fatores de risco. Mas mesmo com estas dificuldades muitos destes sujeitos conseguem desenvolver a resiliência capacidade de resistir e suportar os diversos efeitos da exposição ao risco, com ajuste e superação das adversidades. Já a vulnerabilidade refere-se ao aumento da probabilidade de um resultado negativo de ocorrer na presença de risco. Compreendemos que hoje os jovens em sua trajetória de vida perpassam por grandes desafios a serem superados, e, também, por múltiplas adversidades encontradas no seu cotidiano que tentam chegar a uma qualidade de vida. E, foi com base em estudos sobre a juventude foi que iniciamos a pesquisa como forma de tentar compreender como esses jovens estão sujeitos e propensos aos modos de exposição a riscos a iniciação sexual. A proposta do nosso trabalho é realizar uma investigação sobre o papel da escola no atendimento da iniciação sexual dos jovens, e nesta realidade, revela a precariedade das leis e as dificuldades dos jovens em acessá-las, logo, estes expressam suas reivindicações e propostas para a construção das políticas públicas de juventude. Neste estudo participaram desta pesquisa 600 jovens com idades entre 14 e 24 anos, de ambos os sexos, residentes na cidade de Belém-PA, que responderam a um questionário com 76 questões fechadas, sobre diversas variáveis sócio-demográficas. A participação desses sujeitos que estudam entre a 7ª série do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio, em escolas públicas da cidade. Esta primeira amostra terá caráter de aleatoriedade, sendo composto por conglomerados através de sorteio das escolas públicas do município e posteriormente, sorteio das turmas de jovens em cada escola selecionada. A segunda amostra será composta por jovens que não frequentam a escola e que serão acessados através de organizações comunitárias nos bairros de periferia da Belém. Os dados sobre escolaridade e sexualidade revelam as dificuldades que marcam o acesso e usufruto dos jovens a estas políticas neste contexto específico, demonstrando ainda como esta falta de oportunidades se reflete na construção das perspectivas de futuro destes jovens.

Palavras-chave: Juventude; Escola; Políticas Públicas; Sexualidade

Parâmetros Curriculares Nacionais e a questão da ética no Ensino Fundamental: desafios e transformações

Laura Cristina Vieira Pizzi

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

lauracvpizzi@gmail.com

Manuella de Magalhães Lima

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

manuella.magalhaes@gmail.com

Sirley Galdino dos Santos

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

sirley_galdino@hotmail.com

Esta pesquisa denominada Parâmetros Curriculares Nacionais e a questão da ética no Ensino Fundamental tem por objetivo discutir o livro 8 dos PCN que trata do tema transversal da ética para o ensino fundamental com o foco nos anos iniciais. A importância de estudar o tema transversal da ética nas séries iniciais se justifica pela necessidade de ensinar as crianças dentro de valores que sejam voltados aos Direitos Humanos em princípios de justiça, democracia e igualdade. Estes valores são fundamentais para a formação de cidadãos e em uma sociedade mais justa e democrática. Será feita uma análise dos PCN, focando nos livros Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais e o livro sobre Ética no Ensino Fundamental (1ª e 2ª partes). Nesse sentido, a abordagem adotada será a Análise do Discurso, numa perspectiva qualitativa.

Palavras-Chave: Currículo; Ética; Temas Transversais; Educação Fundamental

Eixo II - Resiliência, Cultura e Arte

O olhar sobre a prática na construção da identidade do enfermeiro: imagem do estranhamento dos novos cenários de aprendizagem

Marilei de Melo Tavares e Souza

Universidade Severino Sombra – USS

marileimts@hotmail.com

A educação artística está radicada na vivência que temos do mundo, no desenvolvimento da capacidade crítica para compreender e selecionar conhecimentos, que permitam o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. O presente estudo tem por objetivo identificar potencialidades artístico/criativas nos acadêmicos de enfermagem, baseados em evidências do cenário de aprendizagem. Trata-se de uma dissertação de Mestrado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, PPGCA-UFF. Realizou-se uma pesquisa exploratória descritiva com abordagem qualitativa, com acadêmicos de enfermagem no Rio de Janeiro/Brasil. Em respeito aos aspectos ético, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, atendendo ao

preconizado pela resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde/MS, que regula as Normas de Pesquisa envolvendo Seres Humano. Buscou-se identificar e capturar imagens dos cenários de aprendizagem a partir de olhares lançados pelos acadêmicos de enfermagem. Com base no material analisado, procuramos ampliar os sentidos para formar um mosaico de conhecimento. Constatou-se que as imagens projetadas para as experiências com o cenário de aprendizagem revelou que o cotidiano de cuidar é crítico e poético, comprometido e afetivo. Falamos da terra e do ar, certo compromisso com questões aéreas: liberdade, subjetivação da vida e do trabalho. Reafirmando a emoção, a sensibilidade, a criatividade no processo formativo, o que nos remete à prática reflexiva da enfermagem. Em síntese, percebemos que aqueles que lançaram mão da linguagem artística, como forma de expressão poética, apontaram em direção da valorização da arte, durante a construção da sua identidade profissional, o que nos leva a reconhecer a arte como meio ou processo e não apenas como fim.

Palavras-chave: Arte; Enfermagem; Prática Profissional; Aprendizagem

A periferia vista de dentro para fora: Cultura e arte da região do Capão Redondo
Zona Sul de São Paulo

Érika Costa Santos

Centro Maria Antonia – USP

Centro Universitário Ítalo brasileiro – UNIÍTALO

erikaebano@hotmail.com

Este trabalho descreve e analisa a cultura e arte da região do Capão Redondo e de seu entorno, que é marcada pelo preconceito e discriminação devido o alto índice de violência apresentado estatisticamente durante anos, com objetivo de demonstrar como movimentos e organizações fundados por moradores, professores e artistas de diversos segmentos têm quebrado paradigmas e estereótipos propostos pela mídia que por sua vez difunde a imagem de um local de pessoas subjugadas refém do tráfico, sem perspectiva de vida, cultura ou expressão artística. Olhar a periferia de dentro para fora nos possibilita entender as feridas locais e como a exploração industrial e midiática da democracia contemporânea impacta de maneira devastadora nos subúrbios de São Paulo afetando diretamente na vida de centenas de jovens segregados pela sociedade. A região do Capão Redondo não se difere das demais regiões periféricas da cidade de São Paulo no que diz respeito à falta de estrutura básica para sobrevivência da população o acesso à cultura, arte e lazer são restrito ou quase nulo. Porém as dificuldades econômicas, sociais e estruturais da região não impediram a criação de associações, grupos e centros culturais por parte da comunidade que se organiza em prol a cultura lazer e arte local possibilitando á crianças e jovens o contato com meios culturais e artísticos. O cenário de violência tem perdido espaço para danças, grupos de capoeira, oficinas de artesanatos, teatro e pintura e não é só a população, mas jovem que está presente neste movimento que podemos chamar de movimento pela Vida e Dignidade, grupos de terceira idade tem espaço na região e participam ativamente de bailes, caminhada, ginastica e oficinas de trabalhos artesanais. O apoio financeiro acontece na maior parte por de meio de comerciantes locais, há parcerias entre algumas escolas e a comunidade para uso de seu

espaço nos finais de semana, grande parte dos profissionais envolvidos nos projetos de educação, cultura, lazer e saúde são voluntários que visam o desenvolvimento global da região com dignidade, igualdade, respeito e liberdade expressão para os filhos do Capão.

Palavras-chave: Periferia; Cultura; Arte

Eixo III - Vulnerabilidade e Produção de Saúde

Testagem dos instrumentos em relação à saúde do trabalhador, como estratégia metodológica para adequação do projeto

Cassiano José de Almeida Pereira

Universidade Severino Sombra – USS

cassiano_petrucci@hotmail.com

Estudos sobre as condições de trabalho docente permitem caracterizar os processos laborais e descrever o perfil de adoecimento dos trabalhadores, avaliando possíveis associações entre ocupação e saúde. No Brasil, a literatura sobre as condições de trabalho docente e saúde ainda é restrita, principalmente com relação aos docentes em IES. O presente estudo tem por objetivo realizar testagem dos instrumentos, como estratégia metodológica, a partir do levantamento das necessidades de saúde do trabalhador-docente. Trata-se uma pesquisa exploratória descritiva com abordagem qualitativa com trabalhadores docentes das seguintes áreas: ciências da saúde, ciências exatas e ciências humanas, em regime CLT, em Instituição de Ensino Superior no Estado do Rio de Janeiro. Em respeito aos aspectos éticos da pesquisa, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, atendendo ao preconizado pela resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde – MS, que regula as Normas de Pesquisa envolvendo Seres Humano. A pesquisa inclui o método de auto-relato, para mapear os recursos disponíveis e investigar os riscos, mediante a entrevista semi-estruturada. O projeto apresenta-se em fase de coleta de dados, com o apoio financeiro recebido da Funadesp para o desenvolvimento da pesquisa/trabalho. Os resultados preliminares apontaram para às condições do trabalho docente e os efeitos sobre a sua saúde; à necessidade de se discutir mais profundamente quanto ao processo de trabalho dos docentes, sua jornada de trabalho, ao desgaste psíquico; à postura corporal e ao desgaste psíquico dos professores acabam comprometendo a eficácia docente ao promover a diminuição da motivação do professor no trabalho. Espera-se que os dados apresentados possam, desde já, contribuir para a discussão e ratificar a necessidade de realização de novas investigações destinadas a avaliar, mais detidamente, de forma exploratória. Traçar o perfil de queixas de doenças relacionadas ao docente, é passo fundamental para estratégias para intervir no intenso desgaste biopsíquico, atestado pelas elevadas freqüências de queixas de doença relacionada as condições de trabalho do trabalhador docente.

Palavras-Chave: Saúde do Trabalhador; Ensino; Levantamento; Educação Superior

Resiliência e Saúde: possíveis reflexões

Emyle Brito de Souza

Universidade Federal do Tocantins – UFT

emy_brito@hotmail.com

Leila Rute Oliveira Gurgel do Amaral

Universidade Federal do Tocantins – UFT

leila.gurgel@uft.edu.br

O presente artigo tem como objetivo compreender a construção do conceito de resiliência e articulá-lo ao campo da saúde. Para tanto foi realizado estudo bibliográfico de pesquisas que apontam fatores relacionados à resiliência e seu impacto sobre a saúde. Este estudo mostra a importância do entendimento dos profissionais da saúde quanto ao papel da resiliência para a melhoria do cuidado e promoção da saúde. Ao fazer um panorama histórico, é possível perceber que, inicialmente, a resiliência referia-se a traços individuais, evoluindo para uma visão relacional e ecológica (Souza & Cervený, 2006). Barbosa (2007) encara a mudança dos rumos do conceito como passagem da fase de “qualidades pessoais” para ser incluída em um ambiente psicosociocultural que o norteia o indivíduo. Rutter (1999) vê a resiliência como fenômeno de superação de estresse e adversidades, não sendo algo inato. Poletto (2007) complementa, analisando a resiliência como resultante da interação permanente e do jogo de forças entre fatores de proteção e risco. Papalia e Olds (2000) pontuam que estes fatores estão relacionados à personalidade, ao ambiente familiar, às experiências pregressas. Sapienza e Pedromônico (2005) relacionam fatores de risco a um contexto social, que envolve fatores políticos, socioeconômicos, ambientais, culturais, familiares e genéticos que podem gerar um desfecho negativo ao expor o indivíduo a um estado de vulnerabilidade. Esta exposição pode produzir distúrbios estressores que aumentam a chance de desenvolvimento de problemas físicos, sociais e psicológicos (YUNES E SZYMANSKY, 2001). Michael Ungar vê a resiliência como resultante daquilo que as comunidades definem como funcionamento saudável e socialmente aceito (PELTZ et al, 2010). Não existindo, nesta visão, valores fixos universais que guiarão o sujeito em resiliência nem sua análise. Entender a complexidade envolvida na resiliência auxilia a relação entre profissionais da saúde e pacientes e pode modificar a visão do próprio sujeito frente aos problemas encarados em seu cotidiano. A resiliência pode contribuir para uma visão de empoderamento do sujeito para resolução de tribulações e risco à própria saúde. Podendo gerar, assim, diminuição do número de adoentados frente a fatores de risco; estimular a produção de saúde e construir atribuições saudáveis individuais ou coletivas. Entretanto, esses resultados são conquistados se os profissionais da área da saúde têm compreensão do processo saúde-doença e da multifatorialidade que impactam o comportamento e as reações dos pacientes. A proposta deste estudo é ampliar a visão da resiliência como importante ferramenta de trabalho para os profissionais da saúde.

Palavras-Chave: Resiliência; saúde; estresse; adversidades.

Crescendo com a dor – filhos com surdocegueira e/ou múltipla deficiência

Susana Maria Mana de Araújo

Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná

prof_susana_araoz@globo.com

A vinda de filhos com deficiência na vida de uma família é uma experiência devastadora que requer grande esforço de resiliência para ser superada. Tratando-se da Surdocegueira, que é uma deficiência múltipla onde estão comprometidos os sentidos da visão e da audição, e por vezes acompanhada de outras dificuldades intelectuais ou motoras, determinando Deficiência Múltipla a situação descrita torna-se ainda mais crítica. A gravidade das limitações e o fato de que elas prejudicam a comunicação de forma grave, provocam nas famílias inúmeras dificuldades psicológicas, sociais e financeiras que prejudicam o desenvolvimento normal das relações familiares. É comprovado que o apoio nestas circunstâncias é de extrema necessidade e as Associações de Pais tem-se mostrado eficazes no mundo todo nesta tarefa, facilitando o diálogo entre a família e os profissionais de educação, saúde e com todos os serviços públicos. Elas realizam atividades de empoderando dos pais e/ou responsáveis para sair das dificuldades e aos poucos construir uma fortaleza que os faz enfrentar as dificuldades e crescer como pessoas que defendem os direitos seus filhos surdocegos e de suas famílias como um todo, pela educação e pela participação cidadã. Relata a atuação de Associações de Pais de Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Argentina, Espanha e Brasil. Com base em levantamento de dados de pesquisas realizadas se exporão exemplos de resiliência conseguida pelo apoio da crença religiosa, dos valores morais, dos conteúdos educativos prévios, do apoio familiar e dos grupos de pessoas que como eles estão enfrentando a mesma situação nas Associações de Pais. Histórias de mães e pais alguns com filhos gêmeos que contraíram a Surdocegueira e relatam o percurso da aquisição da resiliência vindo a tornarem-se eles próprios apoio para outros. Vindo a crescer acima das suas expectativas, relatando que as dificuldades para enfrentar os desafios de cuidar da saúde e da educação de seus filhos os levaram a crescer como pessoas, por cima da dor.

Palavras-chave: Resiliência; Surdocegueira; Deficiência Múltipla; Apoio; Associações

As contribuições da espiritualidade no desenvolvimento da resiliência em cuidadores

Telminayara dos Santos Sousa

Centro Universitário Luterano de Palmas – Ceulp/Ulbra de Palmas – TO

telminayara@gmail.com

Marcielly Chaves Queiroz Paes

Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP/ULBRA - Palmas - TO

mccielly9@gmail.com

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a espiritualidade como fator de promoção à resiliência, em cuidadores de uma instituição-abrigo do município de Porto Nacional – TO, para crianças e adolescentes que experienciaram situações de risco. As

análises pautam-se nas observações realizadas numa intervenção psicossocial realizada por um grupo de acadêmicos da disciplina de Intervenção da Psicologia na Educação, do curso de psicologia do Ceulp/Ulbra em Palmas – TO. A partir dessa experiência, foi possível pensar sobre a relação entre espiritualidade e resiliência e estabelecer a correlação entre os dados mencionados na tese de doutorado de Larrosa (2011). Buscaremos enfatizar a relevância do fator espiritualidade como motivação a prática do cuidado e desenvolvimento da resiliência em mães e pais sociais, tendo como base também definições teóricas vigentes. Considerando resiliência de acordo com a definição de (Larrosa, 2011, p.7), tratando-se de um “processo comportamental ou psíquico, de superação de situações adversas e traumáticas”, onde o sujeito pode apresentar comportamentos resilientes dentro de um contexto, permitindo compreender que o mesmo não se torna invulnerável, porém com ajuda de atributos pessoais consegue se adaptar e superar situações adversas com um mínimo de prejuízo possível (Ferreira & Leal, 2006). A fim de que se possa compreender melhor o fator espiritualidade na promoção de resiliência em cuidadores, o presente trabalho buscará discutir os conceitos e definições vigentes de cuidado, segundo o Ministério da Saúde. E espiritualidade de acordo com Boff (2001), como sendo uma vivência que vai ao encontro com algo além das experiências do dia-a-dia, ou seja, é o artifício de se deixar nortear por algo transcendente. Diferenciando-se de transcendência, que segundo o Dicionário Aurélio vem do latim transcendentia - ‘escalada de um muro’. Referindo-se ainda a qualidade ou estado de transcendente. E ao “conjunto de atributos do Criador que lhe ressaltam a superioridade em relação à criatura”. Dessa forma foi possível observar de acordo com DELLAGLIO; MARQUES (2009), as principais contribuições da espiritualidade no desenvolvimento da resiliência em cuidadores, destacando-se dentre algumas o desenvolvimento de atributos como: “esperança, fé, auto-estima e o otimismo”, importantes na execução das atividades realizadas pelos cuidadores.

Palavras-Chave: Resiliência; espiritualidade; cuidadores

Educação e saúde: perspectivas para a autoestima de crianças negras no processo de escolarização

Veronice Francisca dos Santos

Centro de Pós-graduação e Pesquisa Visconde de Cairu – Fundação Visconde de Cairu

verofsantos@hotmail.com

O presente artigo trata da promoção da saúde enquanto perspectiva para a construção da autoestima de crianças negras no processo de escolarização da Educação infantil. Nesse sentido, busca analisar como o eixo saúde se articula no processo educacional a partir do enfoque da valorização da cultura afro-brasileira. Sendo assim, por se encontrarem em condições mais vulneráveis no que tange a sua identidade e, conseqüentemente, ao seu grupo étnico/racial, torna-se necessário investigar como ocorre o processo de aprendizagem dessas crianças e quais os reflexos da ideologia dominante em torno da cultura negra durante sua trajetória escolar. Dessa forma, este trabalho se encaminha através das seguintes questões norteadoras: Identificar como os problemas de saúde

interferem na construção da autoestima de crianças negras no processo de escolarização; Verificar se existem políticas públicas educacionais voltadas para a atenção da saúde das crianças nos Centros Municipais de Educação Infantil; Analisar como se dá a articulação entre a educação e a saúde dessas crianças no cotidiano escolar. Para tanto, a abordagem metodológica foi direcionada a partir de uma pesquisa de campo, por meio de uma entrevista semi-estruturada com gestores das políticas públicas de educação e do levantamento bibliográfico, considerando o contexto histórico da Educação Infantil, refletindo sobre suas influências nos dias atuais. Nesse sentido, problematiza de que maneira as políticas públicas educacionais direcionam a temática Saúde nos Centros Municipais de Educação Infantil e como este encaminhamento prioriza as necessidades de cada criança, sobretudo, quanto às especificidades da população que se encontra em condições de maior vulnerabilidade, do ponto de vista étnico/racial as quais pertencem. Em síntese, o trabalho se encaminha de modo a verificar de que forma têm sido garantido as crianças da Educação Infantil, a articulação entre educação e saúde e a valorização da sua autoestima para que de fato desenvolvam plenamente as suas potencialidades.

Palavras-Chave: Saúde; Vulnerabilidade; Relações Raciais; Educação Infantil

Eixo IV - Culturas Periféricas e Movimentos de Resistência Coletiva

Blocos afro: segregação e resistência na micareta de Feira de Santana

Eduardo Oliveira Miranda

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

edu-olliver@hotmail.com

Hellen Mabel Santana Silva

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

hellenmabelss@gmail.com

As discussões sobre o conceito de Festa envolvem debates acerca da dissociação do homem com o seu cotidiano. Para Cox (1974), o período de festejar é tido como um momento de descontração e repulsa das tensões decorrentes das relações sociais. Já Lefebvre (1991) afirma que a vida moderna necessita de momentos de descontração, mas, em contraste com Cox, acredita que o lazer e as práticas habituais não se seccionam. Dessa forma, Lefebvre defende que os momentos de festejar também são propícios para expor as reivindicações sociais de grupos marginalizados. Nessa perspectiva, abordamos neste artigo as lutas travadas pelas entidades carnavalescas, ao focar os blocos Afros na Micareta de Feira de Santana-Ba. Esses grupos, ao decorrer do ano, desenvolvem nas suas respectivas comunidades trabalhos sociais, com o intuito de amenizar as conseqüências do preconceito racial que os seus associados enfrentam nas atividades sociais. A valorização da negritude e da cultura afro-brasileira são elementos norteadores para alcançar os objetivos propostos pelos gestores de cada grupo. A Festa é utilizada para evidenciar a intolerância racial e religiosa, já que boa parte compartilha das crenças de matrizes africanas. Assim como, expressar as marcas de resiliência encontradas nas representações sociais de cada indivíduo. Os grupos estão situados em bairros da periferia de baixa renda e com a maioria da população composta por negros, por exemplo, o

Afoxé Pomba de Malê, o qual tem a sede no bairro da Rua Nova. Tal localidade tem a sua história marcada por violência, segregação (ocasionada pelo poder público), desemprego entre outros fatores que unidos provocam, em seus moradores, revolta e a negação da sua origem e descontentamento com o seu fenótipo.

Palavras-Chave: Cultura; Bloco Afro; Segregação; Resistência

Eixo V - Histórias de Vida, Narrativas e Formação

Saberes (auto)biográficos de uma professora rural aposentada: entre saberes e imagens – o que sei sobre mim?

Edilange Borges Souza

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

langeborgess@hotmail.com

Áurea da Silva Pereira

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/PPGEduC/GRAFHO

aureauneb@gmail.com

Pesquisar sobre as trajetórias de vida de professoras rurais do município de Alagoinhas-Bahia torna-se relevante à medida que pode mapear os pontos culturais de educação nas comunidades rurais, retratos de professores e escolas e os modos de educação criados e reinventados no cotidiano escolar. O presente trabalho apresenta as imagens e representações da formação docente na trajetória de vida de uma professora aposentada da comunidade rural, de Quizambu, município de Alagoinhas/BA. Tal proposta surgiu do projeto de iniciação científica intitulado Narrativas de professores rurais: modos de leitura e suas implicações no fazer pedagógico. Assim, o objetivo deste texto consiste em refletir sobre a trajetória de vida de uma professora aposentada e os saberes docentes construídos em sua trajetória de vida associadas às aprendizagens do/no processo formativo docente e as práticas educativas vivenciadas em sala. Nos resultados obtidos discutimos sobre as categorias destacadas na narrativa da colaboradora tais como: vivências na família, na escola, formação, representações e o fazer docente numa realidade de classe multisseriada de zona rural, para assim analisarmos que/como as pesquisas com histórias de vida de professores buscam recuperar o papel do professor quando este pensa sua formação e identidade docente. A pesquisa utiliza-se a abordagem (auto)biográfica para análise do *corpus* e usa como instrumento para coleta de dados, a entrevista narrativa. Enfoca-se a trajetória de vida de uma professora que conta sobre seus saberes docentes construídos na sua trajetória profissional, mostrando, então, as imagens que tem si no fazer pedagógico, na vida pessoal e profissional. Percebe-se que a professora através de sua prática docente consegue guardar imagens de sua prática docente que permitem refletir sobre o processo pedagógico construído pela própria professora face a complexidade educacional.

Palavras-chave: Pesquisa autobiográfica; Narrativas de vida; Prática docente

Imagens de professores: o que os estudam sabem e o que desejam da escola?

Juliane Costa Silva

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

julianec.letras@gmail.com

Pretende-se neste trabalho discutir a importância das histórias de vida no processo de formação do sujeito crítico-reflexivo no ambiente escolar a partir das narrativas de vida dos estudantes que se constituem como um riquíssimo material de pesquisa, à medida que traz as falas dos estudantes co-autores da escola. Nas suas narrativas, eles trazem à tona temáticas relacionadas ao currículo escolar, práticas leitoras, formação e representação docente na sala de aula, projetos de vida e a influência e contribuição da família para sua formação pessoal. Assim, constitui-se como uma ferramenta importante na formação docente uma vez que os auxilia a compreender as vivências da sala de aula e de como elaborar um planejamento mais eficaz e atraente para os estudantes. Tal proposta surgiu da pesquisa de Iniciação Científica intitulada A leitura juvenil às margens da escola. Nesta pesquisa, analisei os sentidos simbólicos e culturais produzidos pelas leituras realizadas às margens da escola, mapeando-as nas falas dos estudantes do ensino médio na faixa etária de 15 a 17 anos, do Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães, no município de Alagoinhas - BA. A partir dessas conversas organizamos os seguintes eixos temáticos: Sentidos da leitura escolar, mapeamento das leituras realizadas fora da escola e as memórias e experiências de vida dos adolescentes e as representações simbólicas dos professores. Para esse texto priorizei discutir as imagens que os estudantes têm dos professores acerca das aprendizagens escolares, uma vez que foram percebidas quantas marcas muitas vezes negativas os estudantes trazem do ambiente escolar. Assim, fomos impulsionados a investigar quais são as imagens que esses estudantes possuem e como isso interfere na maneira como estão sendo “vistos” seus professores e sua aprendizagem. Através da pesquisa almejamos contribuir com os estudos na área da formação de professores, uma vez que as narrativas dos estudantes mostram que é urgente um novo modelo de educação com um currículo inovador e uma pedagogia que dê visibilidade às histórias dos sujeitos co-autores da escola.

Palavras-chave: Imagens escolares; Estudantes do ensino médio; Professores

Trajetórias de um professor rural: as aprendizagens da/sobre/na docência

Priscila Lima de Carvalho

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

prissylima@yahoo.com.br

É intenção deste trabalho é discorrer acerca da relevância da pesquisa de si na formação docente e identitária de um professor leigo aposentado da zona rural. As reflexões expostas ao longo do texto foram retiradas da pesquisa realizada na comunidade rural de Miranga na cidade de Pojuca, na Bahia. Com embasamento na pesquisa qualitativa, alicerçada na corrente fenomenológico-hermenêutica, utilizando a abordagem autobiográfica e tendo como ponto de partida a vida do sujeito, relacionada à experiência social e sua singularidade, a entrevista narrativa e as memórias de vida assumem papel de extrema

importância para compreensão de si na condição de cidadão e profissional. Investigar a trajetória de vida de professores da zona rural de Pojuca faz-se preciso por mapear as esferas culturais e educacionais desses professores, bem como suas implicações no fazer pedagógico. Um dos objetivos fundamentais da pesquisa autobiográfica é a troca e compartilha de conhecimentos, bem como compreensão daquilo que se vive e pratica; nesse processo de rememoração e troca de experiências há construção e desconstrução simultâneas de ideias sobre a vida, o magistério e a prática docente. O processo de rememoração da vida do sujeito é fator essencial para compreensão do presente, e isso ligado a prática pedagógica, trará grandes contribuições para reconstruir e qualificar o ato de ensinar, da mesma forma que possibilita por meio autêntico formação contínua de si e qualificação das práticas futuras. A pesquisa narrativa também procura perscrutar as representações que o sujeito concebeu sobre sua profissão, os alunos, sobre si na condição de educador e os aspectos inerentes a vida e o ofício de ensinar. Destarte, por meio da narração de si e do itinerário docente do sujeito da pesquisa, percebe-se como o homem rural e professor leigo constrói e reelabora a sua prática pedagógica durante os anos que se dedicou a docência na referida comunidade rural.

Palavras-chave: Formação docente; Histórias de vida; Zona rural

Eixo VI - (Auto)Biografia, Resiliência e Subjetividade

O autoconhecimento como recurso utilizado para o desenvolvimento de atitudes resilientes

Gabriela Gomes Freitas Benigno

Universidade Federal do Ceará – UFC

gabriela-benigno@hotmail.com

Nesse trabalho pretendo discutir sobre a utilização do processo de auto conhecimento, de acordo com a teoria rogeriana da personalidade, como recurso que auxilia o indivíduo desenvolver uma atitude resiliente perante as vicissitudes da vida. Ao longo de sua existência, o sujeito acumula inúmeras experiências que são configuradas a partir das percepções e das significações feitas por ele sobre si mesmo, suas relações com os outros e a vida em geral, formando o que denominamos de SELF, Imagem de si ou estrutura do self. Cada indivíduo experiência nas suas vivências dificuldades e desenvolvem modos de ser no mundo que orientam seu comportamento nas suas relações. entretanto, nem sempre o comportamento organístico condiz com a realidade sentida pelo indivíduo, gerando atitudes de incongruência, tornando o indivíduo confuso, desorientado, neurótico. Esse estado se manifesta devido ao desenvolvimento organístico em ambiente não favorável a seu desenvolvimento pleno e, pode ser modificado, caso seja proporcionado a este um ambiente favorável para o seu crescimento, pois a estrutura da psique humana tem a capacidade de enfrentar construtivamente as dificuldades e os problemas que permeiam a existência humana. Meus estudos estão focados na análise do autoconhecimento como ferramenta utilizada no processo terapêutico com a finalidade de proporcionar ao indivíduo um encontro com as suas questões mais delicadas que lhe causam sofrimento, desconforto e insatisfação, buscando oferecer a este uma apreciação de seu interior para

encontrar padrões que foram criados devido a sua história de vida e que impede o sujeito de crescer como pessoa e conquistar sua autonomia. Essa caminho trilhado pelo nosso interior nos ajuda a compreender o que nos motiva a reagir como reagimos em determinadas situações e de nos encontrar verdadeiramente rumo a uma existência mais fluída, oferecendo a esse organismo o reencontro com a sua capacidade de enfrentar as adversidades da vida de maneira criativa.

Palavras-chave: Autoconhecimento; resiliência; teoria da personalidade de Carl Rogers.

As inquietações do professor na educação inclusiva e sua busca pela resiliência: um estudo de caso no município de Alagoinhas-BA

Maria de Fátima Santana de Oliveira Bastos

Faculdade Santíssimo Sacramento

fatiminhasantana@yahoo.com.br

O presente artigo discute questões relativas à educação inclusiva e a prática docente e propõe uma reflexão acerca do conceito de resiliência, a partir das observações realizadas em sala de aula. Apresenta resultados coletados através da pesquisa de campo desenvolvida a partir de uma atividade de estágio curricular, iniciada no curso de Psicologia no ano de 2011, na Escola Comunitária Nova Esperança, situada no município de Alagoinhas-BA. Os depoimentos de alguns professores demonstraram as inquietações da classe acerca das dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar que envolve estudantes com necessidades educativas especiais e a precisão de um trabalho pedagógico que possa aprimorar o fazer docente para aperfeiçoar o constructo resiliência. Logo, constatou-se que o professor da educação inclusiva necessita também do apoio técnico para cada caso de inclusão. A proposta educacional que prevê a inclusão de estudantes com diversas e diferentes necessidades especiais nas escolas regulares dá conta de uma necessidade significativa no âmbito da cidadania porque sugere entre tantas outras coisas o respeito às diferenças. Mas infelizmente tem deixado marcas de medo e insegurança na prática pedagógica do educador que por sua vez se percebe num emaranhado complexo que envolve conceitos relativos aos variados campos, entre eles: a deficiência mental, visual, auditiva, física e motora, além de síndrome e quadros psicológicos e neurológicos. Sendo assim, pretendeu-se investigar também quais são as principais inquietações do profissional docente que lida cotidianamente e na maioria das vezes ainda sem um acompanhamento técnico e multidisciplinar com essas realidades a fim de reunir informações que pudessem contribuir para essa discussão. A problemática que suscitou esse estudo foi: Como a resiliência do professor na educação inclusiva contribui para uma atuação educacional que almeje as necessidades dos estudantes?

Palavras-chave: Professor; resiliência; educação inclusiva

Crisis y resiliencia

Marta Barrientos Muela

Universidad Católica del Uruguay

pompita2000@hotmail.com

La vida del ser humano tiene tantas variables constantes y cambiantes que en los momentos críticos existe una dinámica interna difícil de controlar, dando como resultado el “caos”, son éstas variables individuales las que realzan, o no las fortalezas de supervivencia, o afloran las debilidades que se hallaban enmascaradas hasta ese instante de gatillo biológico primero y del entorno posteriormente. Nadie es tan débil que no pueda poner en juego esas potencialidades innatas que lo hacen fortalecer y crecer en períodos críticos, por eso si pasamos éstas pruebas, que no son obstáculos, son pruebas, seremos cada vez más sabios, y nos quedará la satisfacción de no haber luchado en vano.

Palavras-Chave: Vida; caos; variables; débil; satisfacción

Sigla das Instituições

ABT - Associação Brasileira do Trauma
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEES - Colégio Estadual Edgar Santos - Governador Mangabeira/Bahia
CE-PPGed-UFRN - Centro de Educação, Programa de Pós-graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte
CEPV - Centro de Pós-graduação e Pesquisa Visconde de Cairu
CES/UC - Centro de Estudos Sociais/Universidade de Coimbra
CEULJI - Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná
CEULP - Centro Universitário Luterano de Palmas
CEVS - Centro Estadual de Vigilância em Saúde/RS
CGUE/DAE/SAS/MS - SA - Coordenação Geral de Urgência e Emergência/RJ
CMP - Conservatório de Música de Patrocínio-MG
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CUJA - Centro Universitário Jorge Amado
CUML - Centro Universitário Moura Lacerda
DU - Dalhousie University/CA
FAA - Faculdade Santíssimo Sacramento
FAPESB - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
FCC-RJ - Fundação Carlos Chagas de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro;
EXPERICE - Centre de Recherche Interuniversitaire, Expérience Ressources Culturelles
Éducation, Paris 8 – Paris 13.
FDRB - Faculdade de Direito Rui Barbosa
FE/UNICAMP - Faculdade de Educação/ Universidade de Campinas
FE-UFF - Faculdade de Enfermagem da UFF – Niterói;
FM/UFC - Faculdade de Medicina/ Universidade Federal do Ceará
FMM - Faculdade Maria Milza
FPCE- Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto
FVC - Fundação Visconde de Cairu
GRAFHO - Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral
HPSP - Hospital Psiquiátrico São Pedro/Porto Alegre
INICAM - Universidade Estadual de Campinas
IPP - Instituto de Puericultura de Paris
LPG - Laboratório de Psicologia Genética da Faculdade de Educação da Unicamp
MARIAntonia - Centro Universitário Maria Antonia (USP)
PMPA - Prefeitura Municipal de Porto Alegre-RS
PPFSC - Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea –
UCSaL

PPGDCI/UEFS - Programa de Pós-graduação em Desenho, Cultura e Interatividade
PPGEduC - Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade
PUC/GO - Pontifícia Universidade Católica de Goiás
PUC/RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
RedeResiliência - Grupo de Pesquisa Rede Resiliência
SEC-BA - Secretaria Estadual de Educação da Bahia
SEC-SP - Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
SEMEC - Secretaria Municipal de Educação de Ladário – MS
SMS/POA - Secretaria Municipal de Saúde – Prefeitura Municipal de Porto Alegre-RS
UB - Universidade de Bourdeaux-FR
UCB - Universidade Católica de Brasília
UCSal - Universidade Católica do Salvador
UCU - Universidad Católica del Uruguay
UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana
UEL- Universidade Estadual de Londrina
UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais/Escola Guignard
UERJ -Universidade do Estado do Rio de Janeiro /
UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz
UFAL - Universidade Federal de Alagoas
UFBA - Universidade Federal da Bahia
UFC - Universidade Federal do Ceará
UFES - Universidade Federal do Espírito Santo
UFF - Universidade Federal Fluminense
UFG - Universidade Federal de Goiás
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA - Universidade Federal do Pará
UFPA - Universidade Federal do Pará
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco
UFPR - Universidade Federal do Paraná
UFPR/Setor Litoral - Universidade Federal do Paraná/Setor Litoral
UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ - Maternidade Escola/Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFS - Universidade Federal de Sergipe
UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria
UFT - Universidade Federal do Tocantins
UFU - Universidade Federal de Uberlândia
ULBRA - Universidade Luterana do Brasil (Palmas – TO)
UnB - Universidade de Brasília
UNEB - Universidade do Estado da Bahia
UNESP - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho/Presidente Prudente
UNIFEI - Universidade Federal de Itajubá
UNIBO - Universidade de Bologna-IT
UNIFOR - Universidade de Fortaleza
UNIÍTALO - Centro Universitário Ítalo brasileiro
Universidade Severino Sombra
UNIVERSO - Universidade Salgado de Oliveira
UP13 - Université Paris 13
UPN/ME - Universidade Pedagógica Nacional/México
USP - Universidade de São Paulo
USS - Universidade Severino Sombra
UT-Var - Université Toulon-Var-FR

